

L. H. Ulrich

- Segredos Revelados -



O Livro Esquecido

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](http://lelivros.love) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



L. H. Ulrich

**- Segredos Revelados -**

**O Livro Esquecido**

Segredos Revelados – O Livro Esquecido  
Copyright © 2003, Licyomar Hugo Ulrich

Editora:

**❧ CRIAD ❧**

Para meus pais... Os quatro.

Esta é uma obra de ficção. Apesar de muitas personagens serem pessoas reais, elas foram utilizadas com o único intuito de tornar a trama mais interessante. As pessoas aqui mencionadas nunca se envolveram em nenhum dos fatos descritos. A trama é exclusivamente fruto da imaginação do autor.

# ÍNDICE

## ÍNDICE

– Prólogo –

– Capítulo 1 –

– Quarta - Feira de Manhã –

– Uma Longa Viagem –

– Capítulo 2 –

– Quinta - Feira à Noite –

– Camas Macias e Boa Comida –

– Capítulo 3 –

– Sexta - Feira de Manhã –

– Conhecendo as Cidades –

– Capítulo 4 –

– Sexta - Feira, Próximo ao Meio Dia –

– Um Certo Capitão –

– Capítulo 5 –

– Sexta - Feira à Tarde –

– Tarde Movimentada –

– Capítulo 6 –

– Sexta - Feira, Fim da Tarde –

– Missa e Jantar –

– Capítulo 7 –

– Sexta - Feira à Noite –

– Uma Notícia Atordoante –

– Capítulo 8 –

– Sábado de Manhã –

– Um Corpo No Refeitório –

– Capítulo 9 –

– Sábado, Meio da Manhã –

– Tentativa de Abafar o Caso –

– Capítulo 10 –

– Sábado, Meio Dia –

– Um Suspeito Com Uma Pistola 45 –

– Capítulo 11 –

– Sábado à Tarde –

– Declarações do Cabo Emílio Fontoura –

– Capítulo 12 –  
– Sábado à Tarde –  
– Prosseguem os Interrogatórios –

– Capítulo 13 –  
– Sábado à Tarde –  
– Últimos Depoimentos na Delegacia –

– Capítulo 14 –  
– Sábado à Tarde –  
– De Volta à Cena do Crime –

– Capítulo 15 –  
– Sábado à Noite –  
– Um Ladrão no Colégio Santos Anjos –

– Capítulo 16 –  
– Domingo de Manhã –  
– Uma Estranha Carta –

– Capítulo 17 –  
– Domingo à Tarde –  
– O Verdadeiro Conteúdo da Carta –

– Capítulo 18 –  
– Domingo à Noite –  
– Tentativa de Homicídio –

– Capítulo 19 –  
– Segunda - Feira de Manhã –  
– Últimas Perguntas –

– Capítulo 20 –  
– Segunda - Feira, Meio Dia –  
– Segredos Revelados –

– Capítulo 21 –  
– Segunda - Feira, Fim da Tarde –  
– Segredo Enterrado –

– Epílogo –

## – Prólogo –

Meu coração disparou. Minhas mãos ficaram instantaneamente úmidas.

Nunca a leitura de um livro havia produzido algum efeito parecido sobre mim. A leitura daquele vigésimo capítulo, já havia, até aquele momento, provocado algumas reações de surpresa. Mas ao ler a frase: “O verdadeiro nome dele...”, meus olhos não resistiram e desceram um parágrafo daquelas páginas amareladas, cheirando a mofo. Ao colocar meus olhos sobre aquelas duas palavras, formadas por letras de uma máquina de escrever não muito regulada, meu coração disparou e minhas mãos ficaram instantaneamente úmidas.

Duas horas e meia antes, meu coração havia disparado e minhas mãos haviam ficado instantaneamente úmidas. Esse efeito se deu ao bater acidentalmente com a marreta no chão do cofre que havíamos arrombado durante à tarde. Tratava-se de um cofre muito antigo que existia lá em casa. Pequeno, não mais de 70cm X 70cm X 70cm, mas que havia dado muito trabalho para eu e meus primos arrombarmos. Ao bater com a marreta no chão do cofre, sou oco. Meu coração disparou e minhas mãos ficaram instantaneamente úmidas ao chegar à conclusão óbvia: “Um fundo falso!”.

Àquela altura já estava sozinho, fazendo a maior força para devolver o cofre arrebatado de volta ao seu lugar. Não hesitei em usar a marreta até conseguir romper o fundo falso. Dentro desse fundo falso, para minha decepção naquele momento, havia apenas um amontoado de folhas velhas, batidas a máquina e presas por um cordão, onde se lia na primeira página: “Segredos Revelados – por Márcio Alencar”

Livro que prendia minha atenção, pois muitas personagens, se não eram meus parentes, pelo menos eu já havia ouvido falar.

Mais de cinquenta anos esquecido dentro do fundo falso de um cofre, para que não fosse quebrada nenhuma promessa. Mais de dez anos em minha posse. Após reler pela quadragésima sétima vez a frase: “E quando uma terceira pessoa tiver acesso a eles, aí sim, eles poderão se tornar do conhecimento de todos e nenhuma promessa será quebrada”, resolvi fazer a vontade do autor e trazer esse livro a público.

Os relatos apresentados abaixo são uma publicação, na íntegra, das narrativas assinadas pelo Sr. Márcio Alencar e encontradas por mim em um cofre que pertencia ao meu pai adotivo, Sr. Nestor Brando dos Reis.

- Segredos Revelados -

por Márcio Alencar

## – Capítulo 1 –

### – Quarta - Feira de Manhã –

#### – Uma Longa Viagem –

É sob os protestos do meu amigo Júlio Braun que começo a escrever sobre os fantásticos fatos ocorridos durante o ano de 1948, decorrentes das investigações do primeiro caso de Júlio, que era detetive da Polícia Estadual do Paraná, nas cidades de União da Vitória e Porto União. Júlio sabe que eu mantereí minha promessa de não revelar a verdade sobre o acontecido para nenhuma pessoa enquanto eu viver. Estou escrevendo, porque espero que após a minha morte, alguém tenha acesso a esses papéis e venha a publicá-los. Pretendo deixá-los com alguém de minha confiança, que eu saiba que se eu pedir para não lê-los, não os lerá. E quando uma terceira pessoa tiver acesso a eles, aí sim, eles poderão se tornar do conhecimento de todos e nenhuma promessa será quebrada.

Outono de 1948. Nessa época eu residia em Curitiba, no alto da rua XV de Novembro, em um apartamento que herdara de meu pai. Dois anos antes eu havia colado grau em medicina veterinária e naquele presente momento estava sem emprego. Dias antes eu havia sido demitido do haras onde trabalhava, por causa de uma grave discussão com o gerente.

Aquela manhã, logo após o café, eu estava lendo os classificados à procura de um novo emprego. Estava concentrado, já lendo as ofertas de emprego pela segunda vez, quando levei um susto ao baterem na porta, chamando por mim:

- Alencar! Alencar!

Reconheci logo a voz de meu amigo, o Detetive Júlio Braun, que como já mencionei, trabalhava na Polícia do Estado do Paraná.

Abri a porta e o fiz entrar. Eu podia ler na fisionomia dele que algo desagradável estava acontecendo. Aquele rapaz baixo, de vinte e nove anos, um pouco acima de seu peso ideal, com a barba por fazer, sustentando no alto da cabeça uma boina xadrez. Homem esse que sempre parecia tão senhor de si, agora me entregava um papel, frangindo a testa com um ar de decepção que eu nunca vira nele antes.

- Você vai mesmo ser transferido? - perguntei após ler o documento e devolvê-lo a Júlio.

- Vou - ele respondeu, com a mesma decepção de quando entrara. Tive um desentendimento com o delegado.

- É Júlio, nós não tivemos muita sorte com nossos últimos chefes.

- Mas é uma injustiça! - bradou ele, passando agora da decepção para a fúria. Desde que eu entrei na polícia aqui, cheguei à solução de todos os casos que foram entregues a mim.

- Não sei qual foi o motivo da discussão, mas talvez o delegado esteja com inveja da sua competência - disse eu, na tentativa de amenizar sua fúria.

- Foi exatamente isso. Ele disse que quem dá as cartas aqui é ele. Que as coisas devem ser feitas do jeito que ele quer. Disse que já tinha me alertado que isso iria acontecer se eu não seguisse as suas regras.

- E todo mundo sabe que isso não funciona com você, Júlio.

- Eu odeio que me digam como devo fazer as coisas - ele falou fechando os punhos.

- Foi algum fato específico que resultou na sua transferência?

- Foi. Um roubo. Aonde o ladrão, eu vim a descobrir, é uma pessoa muito estimada do governador.

- Nossa! - exclamei espantado. É alguém do governo?

- Não. Trata-se de um empregado particular - Júlio foi falando, à medida que ia se tornando mais calmo.

- E o que ele roubou?

- Um valioso vaso de porcelana chinesa, que pertencia a sua tia. Ele tinha várias dívidas pendentes e, com certeza, venderia o vaso para pagá-las.

- E o que isso tem haver com a sua transferência?

- O delegado me ordenou parar de investigar o tal suspeito, a pedido do governador.

- E você, é claro, não obedeceu.

- Você me conhece, Alencar. E também não era porque o Excelentíssimo Senhor Moisés Lupion queria, que eu iria deixar uma investigação pela metade - ele falou com certo ar de deboche. Além do que, aquele vaso tinha um valor sentimental muito grande para aquela senhora. Era a única peça que restara de uma coleção que pertencera ao seu pai.

- A política é mesmo algo terrível. Se você não faz a vontade dos que estão no poder, eles te mandam para um fim de mundo qualquer - comentei, solidário ao meu amigo.

- Agora você falou uma verdade, Alencar. Infelizmente, ou felizmente, eu não sou de fazer a vontade de ninguém, se essa não for também a minha vontade.

- E para onde você vai ser transferido mesmo?

- União da Vitória. Fica na divisa com Santa Catarina.

- Já ouvi falar. É um lugar pequeno, mas está crescendo bastante devido à linha férrea, não é mesmo?

- Exatamente. Mas não deixa de ser um lugar pequeno. O que eu vou fazer lá? Investigar roubo de galinha? - ele perguntou, temendo o seu possível destino.

- Lá há muitas fazendas, não há? - perguntei, já ocorrendo a idéia de me juntar a ele, visto que não havia oferta nenhuma de emprego para veterinário na capital.

- Não sei. Mas deve haver. Sabe como são essas cidades do interior. Mas se você quer mesmo ir comigo, esteja pronto amanhã cedo. O meu trem parte as sete.

Surpreso com sua resposta, mas conhecendo o meu amigo tão bem como conheço, respondi tentando disfarçar a surpresa.

- Tudo bem, Júlio. Estarei pronto. Vou providenciar as malas e dinheiro para a viagem. Se não arranjar trabalho lá, eu volto.

Mas, não agüentando de curiosidade, tive que perguntar:

- Agora diga: como você sabia que eu intencionava ir com você?

- Você não aprende mesmo, não é, Alencar? Você está sem emprego que eu sei, e quando entrei vi o jornal sobre a mesa, aberto nos classificados de emprego, o que indica que você está procurando por um. No fim de nossa conversa você me fez uma pergunta sobre a existência de fazendas em União da Vitória, o que demonstra o seu interesse profissional pela cidade.

- E se eu te dissesse, apesar de agora você saber que não é verdade, que eu achei uma oferta que me interessou e perguntei sobre fazendas apenas como uma mera curiosidade?

- Eu não acreditaria. Porque há um lápis sobre o jornal, e não observei nenhum anúncio assinalado.

- Está bem. Você venceu.

- Eu vou indo, Alencar. Também preciso tomar as providencias para a viagem. Estarei esperando na estação as quinze para as sete.

- Combinado então, Júlio. Estarei lá.

- Até amanhã então - despediu-se ele já deixando o apartamento.

Aquela história de ele ser o Sherlock Holmes e eu o Watson dele não me agradava nenhum pouco. E

eu nem imaginava que aquilo iria ficar cada vez mais explícito.

Durante aquele dia arrumei minhas malas, já pensando na possibilidade de passar o inverno no interior. Tirei todas as minhas economias do banco, um dinheiro que daria para eu ficar uns dois meses sem outra renda lá. No caminho, passei pela estação e já comprei a minha passagem com antecedência. O apartamento ficaria fechado enquanto eu estivesse fora. Pedi para a vizinha do vinte e cinco dar uma olhada de vez em quando. Prometi que escreveria para ela informando-lhe sobre o meu endereço em União da Vitória, e instruí-la a me informar se ocorresse alguma coisa com o apartamento.

Conferi, durante a noite, se todas as providências haviam sido tomadas e fui me deitar esperançoso em achar trabalho no interior, e quem sabe, até fixar residência por lá.

No dia seguinte acordei um pouco atrasado, mal tive tempo de comer um pão com manteiga e tomar um café. Encontrei Júlio Braun na estação já passado das dez para sete. Ele usava sua inseparável boina xadrez, e ao contrário do dia anterior, tinha a barba feita. Andava impaciente, de um lado para o outro, quando me viu e veio ao meu encontro.

- Finalmente! Achei que tinha desistido – disse ele, antes de qualquer cumprimento.

- Bom dia Júlio! Desculpe o atraso.

Nisso, a partida do nosso trem foi anunciada aos gritos pelo maquinista, e logo em seguida aquele estridente apito foi soado, formando uma nuvem de vapor na estação.

Embarquei imediatamente após Júlio, que se dirigiu pra o local que lhe cabia. Por coincidência, sentávamos no mesmo banco, sendo que não foi preciso trocar de lugar com ninguém. O banco era de três lugares, e logo outro homem veio se juntar a nós.

O trem andava os primeiros metros, seguindo para o sul, e eu me despedia mentalmente de Curitiba, com cada vez mais esperança de arranjar trabalho em União da Vitória. Júlio olhava pela janela com expressão de melancolia, quando se virou para o homem do nosso lado e perguntou:

- Voltando para casa?

- Sim senhor. Já fiz tudo o que precisava fazer na capital.

- Ansioso para voltar a lecionar?

- Sim, e muito. Como sabe que sou professor? Por acaso é adivinho?

- Não senhor. Sou um simples observador. O chaveiro que o senhor leva preso no cinto é vendido em apenas um lugar de Curitiba, e essa banca, que pertence a um conhecido meu, fica exatamente ao lado da Secretaria de Educação. O chaveiro, como posso observar, é bastante novo, já que esses chaveiros de madeira envernizada perdem o verniz com facilidade, e o seu está intacto. A sua ansiedade e impaciência denunciam que o senhor não perderia um segundo sequer na cidade, então, precisando de um chaveiro o senhor o compraria no lugar mais próximo possível, logo, o que quer que o senhor tenha vindo fazer, era na Secretaria de Educação. O livro intitulado “Psicologia Prática na Sala de Aula” que o senhor leva na sacola, tem a etiqueta de uma livraria que fica bem próxima à estação, o que mostra mais uma vez, que o senhor não desviou o seu caminho, e pelo título, deduz-se que o senhor é mesmo professor, e não secretário ou outra coisa. Certo?

- Brilhante! – o homem contemplou Júlio boquiaberto. Muito prazer, Sr. Sherlock Holmes, meu nome é Pedro. Professor Pedro Stelmachuck.

- Odeio que me comparem a essas personagens fictícias – Júlio respondeu um pouco decepcionado. Mas aceitarei como um elogio. Meu nome é Júlio Braun, e esse é meu amigo Márcio Alencar.

- Muito prazer – disse eu. O senhor mora em União da Vitória?

- Sim. Vocês estão indo para lá?

- Estamos. Júlio é detetive de polícia, como você já deve ter desconfiado, e foi transferido para lá.

- E você? Está só acompanhando seu amigo? – o professor dirigiu-se a mim.

- Não só acompanhando. Estou à procura de emprego.

- E o que você faz?

– Sou veterinário.

– Imagino que não será difícil encontrar trabalho em União da Vitória. Existem várias colônias nos arredores da cidade, onde se criam animais.

– Assim espero.

A viagem seria longa. A nossa chegada estava prevista para as nove e meia da noite. Durante todo o caminho, eu e Júlio tiramos do professor Pedro o máximo de informação possível sobre a região para onde nos dirigíamos. O professor, demonstrando um excelente conhecimento, e com a didática comum às pessoas que ganham a vida ensinando, nos explicou sobre a Guerra do Contestado, uma revolta de camponeses que se deu próximo dali e que envolveu diretamente a cidade. Começou em 1912 e foi esmagada por forças do Governo Federal em 1916. Explicou-nos que a região de Palmas, entre o Paraná e Santa Catarina, havia sido disputada diplomaticamente entre o Brasil e a Argentina, sendo a questão resolvida a favor do Brasil, em 1895. Paraná e Santa Catarina passaram então a disputar a posse da nova região. Cada estado contestava o direito de o outro ficar com as terras. Por isso, o território passou a ser chamado de Contestado. Reportou-nos em detalhes como os dois estados concediam as terras da região, ricas em erva mate e madeira, a fazendeiros e grandes companhias, que expulsavam os posseiros das terras. Esses posseiros, camponeses ignorantes e pobres, se revoltaram contra o governo, sob a liderança de um líder religioso que se dizia profeta, conhecido como José Maria de Santo Agostinho, que, entre outras coisas, pregava a volta da monarquia. Quando o conflito acabou, Paraná e Santa Catarina entraram em um acordo e dividiram entre si as terras do Contestado. Esse acordo resultou na divisão da cidade do professor em duas: União da Vitória, que fica do lado paranaense, e Porto União, que fica do lado de Santa Catarina. O que divide as duas cidades, e os dois estados, são os trilhos da linha férrea, o rio Iguaçu e uma estrada.

O professor Pedro tomou quase toda a viagem nos explicando sobre a guerra, contando, em detalhes, cada uma das batalhas e respondendo nossas indagações sobre o assunto, que parecia ser o que de melhor um habitante local tinha para contar sobre a região, a dois estranhos como eu e Júlio.

Quando estávamos quase chegando, Júlio comentou comigo, enquanto o professor tirava um cochilo:

– Sabe Alencar, depois de tudo o que nos contou o professor aqui, acho que estou começando a gostar da cidade.

– Estou com o sentimento de que será uma experiência gratificante morar nessa cidade - disse eu já ansioso pela chegada.

– Mais gratificante do que qualquer coisa, será levantar desse banco e descer do trem - falou o detetive, acomodando-se no banco.

– Acredito que mais gratificante ainda, será uma comida quentinha e uma cama confortável.

– Tem razão, Alencar. Tenho que concordar com você.

## – Capítulo 2 –

### – Quinta - Feira à Noite –

### – Camas Macias e Boa Comida –

Mal conseguia enxergar o relógio localizado no centro da cobertura da estação ferroviária de União da Vitória e Porto União devido à escuridão da noite. Mas os relógios dentro da estação, um à direita e outro à esquerda, marcavam um pouco passado das nove e meia.

Havíamos acabado de cruzar uma ponte sobre o rio Iguaçu, e poucos metros depois chegamos à estação. Tratava-se de uma construção grande e moderna. Uma cobertura alta ia de um lado ao outro dos trilhos, e o prédio era igual do lado direito e do lado esquerdo. O movimento na estação era um tanto anormal para uma cidade do interior, onde se espera não haver movimento algum, principalmente à noite.

– De que lado é União da Vitória? E de que lado é Porto União? - perguntou Júlio ao nosso colega de viagem, o professor Pedro Stelmachuck.

– À direita é União da Vitória e à esquerda é Porto União, mas isso é só até a ponte que cruzamos há pouco. Depois do rio é só União da Vitória.

– Interessante. Não acha Alencar?

– Se descermos pela direita do trem, descemos no Paraná. Se descermos pela esquerda, descemos em Santa Catarina. É realmente fascinante - concordei com o Detetive Júlio.

Seguimos o professor, que desceu pela direita do trem. Subimos na plataforma e enquanto o professor e eu nos dirigíamos para o saguão de espera, Júlio falou:

– Esperem um pouco.

– O que foi Júlio? - perguntei, estranhando a atitude de meu amigo.

– Prometo que não vou demorar.

Eu e o professor ficamos ali na plataforma, curiosos, esperando para ver o que o detetive iria fazer. O trem já havia iniciado a sua partida. Júlio desceu e ficou esperando até que o trem liberasse os trilhos. Assim que pode, Júlio deu um salto, atravessando os trilhos, virou-se para nós e sorriu. Depois, num salto semelhante, atravessou de novo os trilhos e se dirigiu a nós com aquele sorriso meio bobo.

– O que foi? - perguntou o professor Pedro, não entendendo, assim como eu, a atitude de Júlio Braun. Descobriu quem roubou as jóias da coroa?

– Não, meu caro professor. O caso é que... - ele fez um ar de mistério - eu não dormiria feliz essa noite se não fosse do Paraná a Santa Catarina em apenas um pulo.

O professor apenas balançou a cabeça e riu da atitude infantil do detetive.

– Falando em dormir feliz, que hotel da cidade você nos recomenda, professor? - perguntei.

– Depende o que vocês estão procurando.

– Não queremos nada muito sofisticado, dentro das nossas posses. Mas também nenhuma pocilga.

– E de preferência com boa comida - acrescentou Júlio. Não sei quanto a você, Alencar, mas eu estou morrendo de fome.

Acenei com a cabeça, concordando com meu amigo.

– Um lugar não muito caro, confortável e com boa comida... - o professor pensou alguns segundos. Eu sugiro a Pensão Casa Verde. A comida da Dona Catarina é muito famosa na cidade. Eu não conheço

pessoalmente os quartos, mas comenta-se que são muito limpos e confortáveis.

– Pois é lá mesmo que iremos pernoitar. Parece bom pra você, Alencar?

– Comida famosa, quartos limpos e confortáveis, não muito caro. Soa muito convidativo.

– E onde fica? - perguntou Júlio.

– Sigam-me, que eu já lhes mostro.

Passamos pelo saguão de espera, onde havia um número razoável de pessoas indo e vindo. Havia uma grande porta, de madeira, com vidros, aberta, que dava para uma sala de entrada, onde havia duas escadas, uma de cada lado, que levavam a uma única porta no andar superior. Um belo brasão da Rede Viação Paraná - Santa Catarina decorava a parede, ao alto, de frente para quem entrasse na estação. Atravessamos outra grande porta e paramos no alto da escada que desce para a rua.

– É só vocês seguirem por aqui - indicou o professor, apontando para a nossa esquerda, a rua que passava em frente à estação. Depois que passarem pela agência da Caixa Econômica Federal, na mesma quadra, vocês encontrarão a pensão. Não tem erro.

– Está certo então, seguiremos como indicou. Obrigado por tudo. Foi um prazer conhecê-lo - despediu-se Júlio do professor Pedro.

– Foi um prazer viajar com você - acrescentei aos cumprimentos de meu amigo.

– Igualmente a vocês dois. Apareçam no colégio qualquer dia desses. Eu leciono no Colégio Túlio de França. É só perguntar para qualquer um aqui onde fica que indicarão a vocês. Espero revê-los em breve.

O professor seguiu o seu caminho, na direção contrária à que devíamos tomar. Andamos pela rua indicada, onde as fracas luzes dos postes iluminavam o nosso caminho. Passamos por algumas casas comerciais, e, em uma delas, estava o nome da rua que havíamos tomado: rua Dr. Carlos Cavalcanti.

Passamos por uma agência do Banco do Brasil, que ficava à nossa direita, do outro lado da rua. Seguimos mais alguns metros e chegamos à agência da Caixa Econômica Federal, que o professor nos indicara. Tratava-se de uma construção de madeira, de esquina, do mesmo lado da rua que nos encontrávamos. Mais alguns metros, e aproximadamente no meio da quadra, que era duas vezes maior que as outras por onde andamos, encontramos o hotel que procurávamos. Lia-se na altura do segundo piso: “Pensão Casa Verde”.

– É aqui mesmo! - exclamou meu amigo Júlio.

–Hum! Esse cheiro de comida está me matando - comentei.

Realmente, o cheiro da comida que provinha de dentro da pensão era de enfeitiçar qualquer um. Especialmente eu e o Detetive Júlio, que nos encontrávamos bastante esfomeados.

A entrada era por uma porta lateral, e chegamos a um balcão, onde uma jovem muito bela, loura com os olhos bastante claros, nos recepcionou.

– Boa noite senhores. Desejam um quarto?

– Se fosse possível, sim - respondeu o detetive.

– Ainda temos alguns quartos vagos - a menina falou, enquanto pegava duas fichas. Nós temos quartos para duas pessoas e individuais, o que os senhores preferem?

– Um quarto para nós dois. Sai mais em conta. Eu não estou em condições de muitas regalias. Está bom para você, Júlio?

– Perfeito.

– Nomes por favor - a menina pediu para nós, já com o lápis em punho.

– Júlio Braun.

– Márcio Alencar. Você não é a Dona Catarina, é? - perguntei, lembrando-me do que tinha dito o professor Pedro Stelmachuck.

– Não. Essa é minha mãe.

– Isso é óbvio, Alencar. Essa mocinha não tem nem de perto idade para ser chamada de dona. Qual

o seu nome, menina?

– Alice - ela respondeu, enquanto pegava a chave do nosso quarto. Quarto 52, lá em cima.

– Onde podemos tomar um banho?

– Há três chuveiros aqui na parte de baixo e mais três na parte de cima. É só escolher.

Subimos ao nosso quarto e deixamos nossas malas lá. Pegamos o que era necessário para tomar um banho e nos dirigimos a dois dos chuveiros da parte superior.

– Espere-me no quarto para descermos juntos jantar - Júlio me pediu.

– Está bem.

Tomei um banho de uns quarenta minutos, e quando cheguei ao quarto, o Detetive Júlio Braun já me esperava, com certo mal humor.

– Que demora, Alencar. Pensei que tivesse ido embora com o ralo.

– Como é ótimo tomar um bom banho depois de um dia inteiro dentro de um trem, não acha? - disse, como se não tivesse ouvido o que ele havia dito.

– Acho. Acho sim. Mas não precisa dormir no chuveiro também.

– Deixe de implicância detetive e vamos descer para jantar.

Descemos no refeitório, algumas pessoas ainda comiam, e ali o cheiro da comida era ainda mais gostoso. Ocupamos uma mesa próxima à janela. Logo, a mesma menina que nos atendera anteriormente trouxe-nos o jantar. Nossa refeição era composta por uma comida caseira deliciosa. Comi até não caber mais e Júlio também comeu como um cavalo. Júlio chamou a moça que havia nos atendido e disse-lhe:

– Diga à sua mãe, a Dona Catarina, que eu e o meu amigo aqui, ouvimos falar que a comida dela era muito famosa aqui na cidade e que agora nós sabemos o porquê. O jantar estava fabuloso.

– Tudo bem, darei o seu recado. Mas acho que devo informá-lo que quem prepara o jantar é minha irmã, a Anita.

– É mesmo? - falou o detetive, um pouco embaraçado. Se a comida da filha já é tão saborosa, imagine a da mãe.

– Transfira os elogios para a Srta. Anita então, e diga à Dona Catarina que estamos curiosos para provar os seus famosos pratos - disse eu.

– A mamãe já foi para casa colocar meus irmãos menores para dormir. Amanhã ao meio-dia vocês poderão provar a comida dela.

– Mas não deixe de repassar os elogios a Srta. Anita.

– Darei o recado dos cavalheiros - respondeu a menina Alice.

Subimos novamente ao quarto, depois da bela refeição, e nos preparamos para dormir. O quarto possuía duas camas, um guarda-roupas e uma pia. A cama era confortável, com lençóis bastante brancos. Arrumei-me na cama, e depois que Júlio apagou a luz, ficamos ainda conversando por algum tempo sobre o nosso futuro na cidade. Não demorou muito, o sono chegou e dormi.

## – Capítulo 3 –

### – Sexta - Feira de Manhã –

### – Conhecendo as Cidades –

O ruído de passos e conversa no corredor foram suficientes para eu despertar de meus sonhos. Não posso dizer o mesmo do meu amigo Júlio, que continuava mergulhado em um sono profundo.

Levantei e olhei pela janela, constatando que ainda não havia amanhecido. Acendi a luz e olhei as horas no relógio de Júlio, que marcava dez para as cinco. Ainda era muito cedo e tratei de voltar para a cama, pegando novamente no sono alguns minutos depois.

Acordei novamente com a luz do sol no meu rosto. O Detetive Júlio, já de pé, arrumava a sua boina xadrez na cabeça.

– Bom dia, Alencar! - ele me cumprimentou, com um incomum bom humor.

– Bom dia - respondi, pondo-me sentado na cama. Dormiu bem?

– Maravilhosamente.

– Eu percebi. Que horas são?

– Seis e meia - respondeu ele, olhando em seu relógio de bolso.

Levantei, me vesti e fiz minha higiene matinal, enquanto Júlio consultava alguns documentos na sua mala. Quando terminei, o detetive já me esperava, sentado na sua cama, a fim de descermos para o desjejum.

O refeitório estava mais movimentado do que na noite anterior, tendo vagas apenas algumas poucas mesas. Acomodamos-nos e um homem, de uns vinte e poucos anos, com uma mancha no rosto, cabelos castanhos, bigodes, olhos claros, com feições muito semelhantes às da menina Alice, veio nos trazer o café da manhã.

– A família toda deve trabalhar aqui. Pai, mãe e filhos - Júlio comentou comigo, depois que o rapaz já havia se retirado.

– E a Dona Catarina deve ser a proprietária do hotel - completei.

– E como deduziu isso, Alencar? - o detetive me perguntou, curioso para ouvir minha teoria.

– O proprietário só deixaria alguém de sua extrema confiança cuidando da recepção dos hóspedes, das chaves e do caixa, e a mocinha que nos recepcionou ontem disse ser filha da Dona Catarina, e ninguém mais confiável que um filho. Assim, a Dona Catarina deve ser a proprietária.

– Seus argumentos são um pouco fracos, Alencar. Não é raro as pessoas confiarem em parentes mais distantes ou até mesmo amigos. Logo a Srta. Alice poderia ser apenas uma conhecida do proprietário, em quem ele confia o suficiente para deixá-la na recepção e no caixa.

– É por isso que eu digo que a Dona Catarina não é a proprietária.

– Mas ela é - o detetive afirmou, com um sorriso nos lábios.

– Mas como? Você acabou de dizer que meus argumentos são fracos.

– Eu concordo com sua teoria, Alencar, mas, ao colocá-la à prova, você esqueceu de um detalhe bastante importante. O fato da Dona Catarina não preparar o jantar por ter que cuidar das crianças. Se ela fosse apenas uma cozinheira, com uma comida tão famosa, o suposto dono do hotel não a dispensaria

para ela cuidar dos filhos menores, mesmo colocando em seu lugar a sua filha. Outro detalhe é a cultura de se fazer empreendimentos familiares, especialmente entre imigrantes europeus vindos para colonizar o interior, onde a família toda trabalha em um mesmo empreendimento, seja ele uma fazenda, uma indústria, ou um hotel. Veja bem, Alencar, isso é apenas uma teoria, eu posso estar errado, lembre-se que nem tudo segue o óbvio.

Acho que essa foi a primeira vez que o meu amigo levantou a possibilidade de estarem erradas as suas suposições.

– Quando formos acertar a nossa conta tiramos essa dúvida - falei ao detetive.

– Estou pensando em passar mais essa noite no hotel, ou, se possível, ficar como pensionista. Achei esse lugar bastante acolhedor - disse meu amigo, mudando de assunto.

– Sabe que não é uma má idéia - concordei.

Quando o homem que havia nos atendido voltou para verificar se não precisávamos de mais nada, Júlio perguntou:

– Nós gostaríamos de renovar a nossa estada por mais uma noite. Com quem devemos falar? Não vejo ninguém no balcão da recepção e do caixa.

– Podem tratar comigo.

– Você por acaso é irmão da mocinha que estava na recepção ontem? - perguntei ao rapaz.

– A Alice? Sou sim.

– Então meu amigo, como podemos renovar a nossa estada? - o detetive perguntou ao homem.

– Vocês poderiam aguardar no balcão um minutinho, que eu já providencio.

Esperamos um pouco junto ao balcão e o rapaz veio tratar do nosso pedido. Pegou as nossas fichas e mudou a nossa condição de hóspedes para pensionistas, depois de Júlio mencionar a nossa intenção de permanecer por tempo indeterminado no hotel. Mudamos então para quartos individuais.

Depois de tudo resolvido, já estávamos nos dirigindo às escadas para subir mudar nossas coisas de quarto, quando me virei para o rapaz, que disse se chamar Alvim, para tirar a dúvida que eu tinha quanto à veracidade da teoria de meu amigo:

– Sr. Alvim, só por curiosidade, quem é o proprietário do hotel?

– O meu pai. O Sr. Hugo Ulrich.

O Detetive Júlio Braun havia acertado de novo. De certa forma, eu também havia acertado, apesar de não ter dado atenção aos detalhes que ele deu.

Mudamos as malas para nossos novos quartos, que eram semelhantes ao nosso quarto anterior, com a diferença de possuir apenas uma cama, e no lugar da segunda cama uma mesinha e uma cadeira.

Descemos novamente, já passado de sete e meia da manhã, e Júlio perguntou ao Sr. Alvim onde ficava a delegacia de União da Vitória. Ele nos explicou como chegar até lá. Disse que ficava ao lado da Catedral e eu pensei em aproveitar para ir até a Igreja agradecer pela viagem tranqüila que havíamos feito. Nem pensei em convidar Júlio para me acompanhar, pois, apesar de ser católico como eu, sei que a religiosidade não é o seu forte.

Seguindo às instruções do Sr. Alvim, subimos a rua do hotel, por onde havíamos vindo na noite anterior. Passamos pela agência do Banco do Brasil e na rua seguinte viramos à esquerda. Atravessamos essa rua, passamos por uma farmácia, e pouco depois viramos à direita, como nos havia sido indicado, onde pudemos avistar a Igreja. Seguimos por essa rua, que terminava em uma praça. A praça ficava de frente para a Igreja e possuía um prédio de dois pisos instalado na parte mais afastada. A Catedral era alta, com uma torre principal no centro e outras duas torres laterais menores. A delegacia ficava do lado direito de quem estivesse de frente para a Igreja, junto ao prédio da prefeitura.

Despedi-me de meu amigo, que foi para a delegacia, e eu entrei na Igreja. O interior dela não era tão belo quanto o exterior, mas realizava muito bem a função de transmitir paz a quem viesse procurá-la. Rezei por alguns minutos e ao sair, fui averiguar do que se tratava a construção na praça. No caminho até

o prédio, no centro da praça, um grande mapa do Brasil pintado no chão chamava a atenção. Descobri que o prédio era as instalações do Colégio Túlio de França, onde lecionava o professor Pedro Stelmachuck, que havia nos acompanhado na viagem.

Já pegava meu caminho para voltar ao hotel, quando avistei o professor Pedro chegando para dar aula. Trocamos algumas palavras na porta do colégio, e depois ele entrou.

Retornei ao hotel, onde na calçada em frente, dois meninos, um de uns cinco anos e outro de uns doze, e duas meninas, uma de uns oito anos e outra de uns dez, brincavam alegremente, assistidos por uma senhora que aparentava uns quarenta e poucos anos, gorda, de cabelos castanhos e olhos claros, com a pele queimada de sol. A mulher estava parada na entrada do hotel e imaginei tratar-se da Dona Catarina e de seus filhos menores. Perguntei a ela:

– São seus filhos?

– São sim. O menorzinho chama-se Ademar, o outro menino é o Arno. A menina com o cabelo mais claro é a Araci e a outra se chama Alzira - ela respondeu, indicando cada uma das crianças.

– A senhora é a Dona Catarina, suponho?

– Perfeitamente. Você está hospedado no hotel?

– Estou. Meu nome é Márcio Alencar. Eu cheguei ontem, juntamente com meu amigo Júlio Braun, que também está hospedado aqui.

– Espero que estejam sendo bem atendidos.

– Estamos com certeza. Nós até iremos ficar como pensionistas. Ouvimos falar que a senhora prepara uma comida muito saborosa. Estamos curiosos para provar.

– Obrigada - ela agradeceu, sem nenhuma falsa modéstia. E onde está o seu amigo?

– Ele é detetive de polícia e foi transferido de Curitiba para cá. Está na delegacia, acertando os pormenores da sua transferência.

– E você, faz o que?

– Sou veterinário, mas atualmente estou desempregado. Vim acompanhando o meu amigo, com esperança de arranjar trabalho aqui.

– Acredito que assim que você fizer algumas amizades aqui na cidade, arranjará trabalho.

– Assim espero.

As palavras da Dona Catarina me animaram bastante. Minha missão agora era fazer amigos. Era mesmo a melhor forma de se arrumar trabalho em uma cidade do interior, por indicação.

Subi ao meu quarto e, enquanto examinava alguns papéis, decidi que tomaria o resto da manhã para conhecer as cidades.

Subi novamente a rua do hotel até onde havíamos virado à esquerda anteriormente. Dessa vez virei à direita. Passei por algumas casas comerciais, uma papelaria, e logo depois desta, havia um cruzamento com a linha férrea, que estava liberada. Passei então para a cidade de Porto União.

Decidi ir até uma Igreja, que se avistava de longe, por estar localizada em um lugar mais alto. Andei bastante até lá, e no caminho passei por um colégio, o Colégio Santos Anjos e por um hospital, Hospital São Brás.

A rua que passava em frente ao hospital era uma rua lateral à Igreja. O exterior era bastante semelhante ao da catedral de União da Vitória, com uma torre central e outras duas torres laterais menores. A grande diferença das duas Igrejas era o interior. Se o da catedral de União da Vitória não era tão belo, o interior dessa que me encontrava agora era magnífico. Do lado direito de quem se encontra de frente para a Igreja, também em uma rua lateral, encontrava-se outro colégio, o Colégio São José.

Fiquei até próximo das onze horas circulando pela parte central das cidades, onde as casas comerciais predominavam, mas o que me chamou a atenção foi o descrito acima.

## – Capítulo 4 –

### – Sexta - Feira, Próximo ao Meio Dia –

### – Um Certo Capitão –

Chegando de volta ao hotel, três homens conversavam próximos a porta central, enquanto tomavam chimarrão. Dois eram homens mais jovens, um moreno, com um pomposo bigode e outro castanho, com os olhos claros. O terceiro era um senhor de idade um pouco mais avançada. Cumprimentaram-me, com a natural simpatia do povo dessa cidade, e me apresentei a eles:

– Bom dia! Eu sou novo aqui na cidade. Chamo-me Márcio Alencar.

– Nestor Reis - falou o homem de bigode, estendendo-me a mão.

– Roberto Samuel Petry - apresentou-se o mais velho.

– Guido Fritz Schumann - disse o homem de olhos claros.

– Vocês estão hospedados aqui no hotel? - perguntei

– Eu sou pensionista aqui - respondeu o Sr. Schumann.

– Seremos vizinhos então. Eu e um amigo meu nos hospedamos aqui ontem e ficaremos como pensionistas - comentei.

– Eu só almoço aqui - falou o Sr. Nestor.

– E eu nem nenhum nem outro - disse o Sr. Petry, com um sorriso nos lábios. Só parei para um chimarrão com meus colegas. Você é de onde?

– Sou de Curitiba - respondi. Vim para União da Vitória acompanhando o meu amigo, o Detetive Júlio Braun que foi transferido para cá.

– Eu ouvi alguma coisa a respeito - comentou o Sr. Petry.

– Qual a ocupação de vocês? - perguntei aos três.

– Meu pai tem uma fazenda e uma serraria no interior. Eu ajudo a tomar conta - disse o Sr. Nestor.

– Eu trabalho em uma fundição em Porto União - respondeu o Sr. Schumann.

– Eu sou vereador em União da Vitória e tenho uma casa de comércio ali na esquina - respondeu o Sr. Petry, apontando em direção à construção em frente à agência da Caixa Econômica, do mesmo lado da rua que nos encontrávamos.

Continuamos a conversa naquela roda, provei do chimarrão que os três tomavam, quando a certa altura, depois que o Sr. Petry já havia ido embora, um homem fardado chegou ao hotel. Cumprimentou-nos enquanto passava por nós e entrou.

– Eu odeio esse homem - comentou o Sr. Schumann. Às vezes ele fica se engraçando para a Anita. Eu fico com uma raiva.

– A Srta. Anita é sua noiva? - perguntei.

– É sim.

– Eu também não gosto dele - acrescentou o Sr. Nestor. Ele também se engraça para a Alice de vez em quando.

– E você é noivo da Srta. Alice, presumo.

– Noivo ainda não. Mas espero que isso não demore muito para acontecer.

– E quem é esse homem aí? - perguntei.

– Capitão Sérgio da Silva.... Capitão... Grande coisa - respondeu o Sr. Schumann, com ar de

deboche.

Nisso, meu amigo Júlio Braun chegou. Apresentei-o aos meus novos colegas, e ele disse já ter resolvido tudo na delegacia, mas começaria seu trabalho apenas na segunda feira. Trocamos mais algumas palavras e o assunto foi o capitão que havia entrado há pouco.

– Vocês almoçam com a gente? - convidou o Sr. Nestor.

– Com certeza - respondeu Júlio.

Quando entramos para almoçar, o restaurante do hotel já estava fervilhando de gente. Um movimento muito superior ao que havíamos presenciado na noite anterior e no café da manhã. Tivemos que esperar um pouco até que quatro homens, funcionários da rede ferroviária, desocuparam uma mesa. Acomodamos-nos e a Srta. Alice veio nos atender. A troca de olhares entre ela e o Sr. Nestor acusava que eram, de fato, namorados.

O cheiro da comida da Dona Catarina tomava todo o ambiente, e fazia só aumentar o nosso apetite. Assim que trouxeram as travessas com a comida, nos pusemos a comer.

Nossa refeição consistia novamente em uma comida caseira magnificamente temperada. Sem desmerecer os dotes culinários da noiva do Sr. Schumann, mas o tempero de sua mãe tinha alguma coisa a mais, que deixava tanto o odor quanto o sabor da comida muito apetitosos. Com certeza, não era famoso à toa.

Enquanto comíamos, Júlio perguntou, disfarçadamente, aos nossos acompanhantes, apontando com a cabeça a mesa em que estava o Capitão Sérgio da Silva:

– É esse o capitão com quem vocês não simpatizam muito?

– Não simpatizam? - ironizou o Sr. Schumann. Se ele vier com alguma gracinha para a Anita de novo, eu dou um tiro nele.

– Não é para tanto também, Guido - tentou amenizar o Sr. Nestor. Mas nós não morremos de amores por ele.

– Também acho exagero - acrescentou Júlio Braun. Fiquei observado o homem e, desde que entramos, ele tem se comportado como um fidalgo à mesa. Acho que a maneira como ele deve tratar as mulheres seja simplesmente cavalheirismo.

– Eu tenho que discordar - bradou o Sr. Nestor. Você é novo por aqui e não conhece o homem. Se fosse apenas cavalheirismo, ele trataria a Dona Catarina igualmente. Ele a trata com muita educação, não posso negar. Mas a Alice e a Anita é educação e simpatia demais para o meu gosto.

– Chamem do que quiser. Cavalheirismo, educação, simpatia, mas a hora que eu perder a paciência, eu mando esse homem para o inferno - falou, já um tanto alterado, o Sr. Schumann.

Passei a observar o capitão por um instante, que estava à mesa acompanhado de outros dois militares. Pelo meu pequeno conhecimento militar, pude observar, pela farda, que um era sargento e o outro cabo.

O capitão era um homem alto, com cabelos pretos e olhos verdes. Possuía maneiras muito educadas à mesa. Falava com a calma e a classe de um fidalgo, como se fosse a pessoa mais importante do mundo.

Continuamos nossa refeição, deixando o capitão um pouco de lado, e passamos a falar de outros assuntos.

Conversávamos sobre minha profissão e meu interesse em estabelecer-me na cidade, quando o Sr. Nestor comentou sobre uma peste suína que andava atacando as criações na região. Eu me lembrei de ter lido algo no jornal a respeito.

– Os homens que há aqui não estão dando conta de vacinar, ou indicar vacinas para todos os criadores da região. Sugiro que vá até a Associação Rural e informe-se a respeito - aconselhou-me o Sr. Nestor.

Ele explicou-me mais ou menos onde ficava a Associação Rural, e disse que não seria difícil encontrar.

– Obrigado pela indicação. Irei lá hoje mesmo. Espero que estejam precisando de um veterinário - disse-lhe.

Terminamos nosso almoço e nos dirigimos ao caixa, onde o Sr. Nestor iria pagar a sua conta. A minha, a de Júlio e a do Sr. Schumann era incluída na mensalidade da pensão.

Continuávamos a conversa do lado de fora do restaurante, quando os dois militares que acompanhavam o capitão, que já havia ido embora há algum tempo, saíram do restaurante discutindo:

– Você sabe que era para eu ser promovido. Você é protegido do capitão, está na cara! - gritava o cabo com o sargento.

– E que culpa eu tenho que ele me indicou? - falou o sargento em tom mais brando.

– Você vive puxando o saco dele! Por isso ele te indicou! - gritou o cabo, segurando o sargento pelo colarinho.

– Você sabe muito bem porque eu me faço de amigo dele! - falou o sargento esquivando-se. Agora se acalme Emílio. Lembre-se que eu sou seu superior e isso pode custar-lhe uma punição.

O Cabo Emílio afastou-se do sargento, e disse, cerrando os punhos, enquanto se retiravam:

– Se não fosse esse capitão, eu é que seria promovido. Esse homem é uma pedra no meu caminho!

Apenas um casal, que passava pela rua no momento, além de mim, Júlio, o Sr. Nestor e o Sr. Schumann, presenciaram a discussão. Quem estava dentro do restaurante, apesar do tom de voz elevado do Cabo Emílio, aparentemente não ouviu a briga, pois ninguém se manifestou.

Quando os dois já estavam longe, comentei com o Sr. Nestor e o Sr. Schumann:

– Mais um membro para o clube dos que não simpatizam com o Capitão Silva.

– Mais dois - acrescentou Júlio. O sargento também tem algo contra o capitão.

Passado o incidente o Sr. Schumann se despediu de nós e rumou para o seu local de trabalho. Anunciei que iria subir ao meu quarto, e Júlio disse que iria comigo. O Sr. Nestor disse que ficaria até diminuir o movimento, e então iria encontrar-se com sua namorada na casa onde morava a família Ulrich, atrás do hotel.

– Só uma coisa Sr. Nestor - virou-se Júlio para o nosso colega. O Sr. Hugo está viajando ou está doente?

– Está doente. Ele sofreu um derrame e mal sai da cama. Uma pena.

Subimos e quando Júlio estava para entrar em seu quarto perguntei, não conseguindo segurar um sorriso sarcástico:

– Não consegui deduzir sozinho o que se passava com o Sr. Hugo Ulrich?

– Não. Pior que não. Mas às vezes é muito mais fácil saber o que se passa interrogando alguém, do que tentando deduzir.

Entrei em meu quarto, deitei na cama com o intuito de tirar um cochilo e peguei no sono.

## – Capítulo 5 –

### – Sexta - Feira à Tarde –

### – Tarde Movimentada –

As batidas na porta me fizeram despertar. Olhei no relógio e havia passado vinte minutos desde que tinha deitado. Abri. Era meu amigo, o Detetive Júlio Braun.

– Então, Alencar! Vamos até a Associação Rural, tratar de arranjar um emprego para você?

– Não sabia que você queria me acompanhar até lá.

– E o que eu vou ficar fazendo a tarde toda?

– Vamos lá então!

Arrumei-me, peguei os documentos necessários e partimos. Chegamos à rua que havia nos indicado o Sr. Nestor, Rua Sete de Setembro, em Porto União.

A rua, no sentido em que seguíamos, subia até uma parte alta da cidade, uma quadra abaixo do Colégio Santos Anjos, por onde havia passado na parte da manhã.

Encontramos facilmente a Associação Rural, e assim que entramos, avistei a porta da Defesa Sanitária Animal. Na porta havia um cartaz, onde se lia: “Serviço de Combate a Peste Suína”

Bati à porta, enquanto Júlio esperava, sentado em um banco próximo. Um homem com um crachá, que indicava seu nome, Vet. Mário Alves Cabral, me atendeu.

– Bom dia, Sr. Mário! - cumprimentei-o, lendo seu nome no crachá. Eu me chamo Márcio Alencar e gostaria de conversar com o responsável pelo combate a peste suína.

– Sou eu mesmo. Entre por favor.

Entrei, sentei em uma cadeira em frente à sua mesa e expliquei-lhe minha situação, o que causou certa felicidade no homem. Ele estava precisando de alguém para dividir as tarefas, visto que o outro veterinário que eles tinham, havia ido embora. Realmente, havia na sala uma mesa vazia, e que brevemente eu iria ocupar.

A negociação foi rápida. Entreguei-lhe os documentos necessários, e ele disse que provavelmente na segunda-feira eu ocuparia o meu cargo. Sendo ele o responsável pela Defesa Sanitária Animal, cuidaria da burocracia da minha admissão.

– Então segunda-feira, bem cedo, eu venho para ocupar meu cargo - disse, despedindo-me do Sr. Mário.

– Estamos combinados então - ele respondeu apertando minha mão.

Deixamos a Associação Rural, eu feliz da vida por ter, tão facilmente, conseguido um trabalho e descemos a Rua Sete de Setembro novamente. Chegamos ao final da rua e decidimos ir até uma praça que havia ao lado direito, quase em frente à estação ferroviária, do lado de Porto União. Na praça havia um coreto grande, uma construção muito bonita.

Sentamos em um banco da praça e, enquanto apreciávamos o movimento, contei a Júlio os detalhes da minha contratação. Para minha surpresa, enquanto conversávamos, ele confessou estar ansioso para começar seu trabalho na delegacia de União da Vitória. Disse que apesar de não haver nenhum caso muito importante, havia muita coisa a ser organizada lá dentro e isso o manteria ocupado.

– Já que me tiraram do meu lugar, que é Curitiba, terei que fazer o possível para gostar daqui - disse

ele, com um conformismo incomum.

– Eu já gostei daqui desde que desci do trem - falei animadamente.

– Eu sinto falta da agitação de Curitiba.

– E eu adorei ter fugido da agitação de lá.

Propus ao meu amigo mostrar-lhe a Igreja Matriz de Porto União, que tanto eu havia admirado pela manhã. Como tínhamos a tarde livre, Júlio concordou.

Subimos até a Igreja por uma rua que passava em frente à praça, do lado oposto do coreto. Ficamos alguns minutos observando a Igreja e então decidimos dar uma volta pelas cidades.

Passávamos por um consultório odontológico, próximo a uma revenda e oficina da Chevrolet, quando o Capitão Sérgio da Silva, saiu do consultório, com uma mão no lado do rosto e esbravejando alguma coisa que não pude entender.

– O que foi, capitão? Acalme-se - falou Júlio ao Capitão Silva.

Nisso surgiram dois homens à porta do consultório, ambos eram altos, com a pele bem clara, mas um tinha o cabelo escuro e o outro era meio ruivo.

– Esse dentista de meia tigela quase me matou! - exclamou o capitão, apontando um dos homens que estavam à porta, sem que eu conseguisse identificar qual.

– O que você fez com ele, Arno? - perguntou o de cabelo escuro ao ruivo.

– Fiz o que tinha que ser feito, arranquei-lhe um dente podre. A anestesia não pegou direito e eu disse que iria doer um pouco, mas não imaginei que fosse para tanto.

– Você nem diploma têm, seu dentista de araque! - bradou o Capitão Silva. Eu vou providenciar para que você não possa mais trabalhar como dentista. Você pode ficar tranqüilo, Sr. José, mas o seu irmão não vai mais arrancar dentes de pessoas inocentes. Deixe estar.

Os dois ficaram visivelmente preocupados com a ameaça do capitão.

Fui falar com eles, enquanto Júlio tirava o capitão dali, para evitar maiores discussões.

– Não se preocupem - disse eu. O Capitão Silva está nervoso. Logo ele esquece a ameaça que fez.

– O pior é se ele não esquecer - falou o ruivo. Não sei se ele tem poder para me impedir de trabalhar, mas se tiver, será o meu fim.

– Não se preocupe, irmão. Ele não vai mais incomodar - falou o de cabelo escuro, pondo a mão no ombro do ruivo e lançando um olhar para o capitão, como se desejando a sua morte. José Maurício Friedrich - disse ele, estendendo-me a outra mão.

– Márcio Alencar - apresentei-me.

– Esse é o meu irmão Arno - falou o Sr. José, apresentando-me o outro. Eu sou dentista formado, mas meu irmão não tem diploma, é dentista prático. Por isso a ameaça do Capitão Silva.

– Agora já tenho onde tratar meus dentes - falei. Só espero que você acerte a anestesia direitinho quando eu precisar arrancar um.

O Sr. José riu do meu comentário, mas o Sr. Arno, pela expressão do seu rosto, não gostou nenhum pouco da piadinha.

Conversei um tempo com os dentistas, tentando me redimir pela colocação infeliz e tentando tranqüilizá-los quanto ao Capitão Sérgio da Silva, mas a conversa teve pouco efeito. A expressão de preocupação persistia nos seus rostos.

Despedi-me do Sr. José e do Sr. Arno e fui me juntar novamente a Júlio, que já havia dispensado o Capitão Silva. Ele caminhava em minha direção com três cartões na mão.

– O que é isso? - perguntei, referindo-me aos cartões.

– São convites para um jantar que haverá hoje à noite - disse entregando-me um. O capitão tinha esses sobrando, de três de seus homens que desistiram de ir. Disse para eu convidar mais dois amigos. Então, está disposto a ir nesse jantar?

Li o cartão, que indicava um jantar no Colégio São José, com o intuito de arrecadar fundos para a

reforma do salão de festas da Igreja Matriz de Porto União. Dizia também que haveria uma missa à Nossa Senhora de Fátima, na Igreja Matriz, antes do referido jantar.

– Vamos com certeza - confirmei com meu amigo. Vamos à missa também?

– Podemos. Já faz algum tempo que não frequento a Igreja, a não ser como visitante.

– E o outro convite? - perguntei.

– Podemos dá-lo ao Sr. Nestor, ou ao Sr. Schumann.

– O Sr. Nestor eu não acredito que irá, pois ele tem que voltar para a fazenda de seu pai. Agora o Sr. Schumann é bem provável que queira ir conosco.

Tomávamos o caminho de volta ao hotel, quando mencionei a Júlio a minha intenção de comprar roupas novas, já que não havia trazido nenhuma para eventos sociais, como um jantar.

– Eu já trouxe quase todo o meu guarda-roupas - disse ele. Afinal, quem estava, de fato, se mudando para cá era eu.

Chegamos ao hotel por volta das quatro horas da tarde. Fui ao banheiro, depois peguei um dinheiro extra, e seguimos para as compras, eu e o detetive.

Passávamos por uma loja, na mesma rua do hotel, ao lado da agência do Banco do Brasil, quando vi exposta uma camisa que me agradou bastante. Entramos na loja, que tinha o nome de Casa Méri, e fomos atendidos por um homem alto e magro, que disse se chamar Rubens Konell. Provei a camisa, gostei, e comprei-a. Durante toda a compra, percebi que Júlio permaneceu calado, apenas observando o homem, que muito prestativamente me atendia.

Saímos da loja, e já mais afastados dela, perguntei ao detetive:

– O que você tanto observava no Sr. Rubens Konell?

– Aquele homem me pareceu esconder um tanto de maldade.

– Está bem Sherlock, pode contar para o Watson aqui, como você deduziu isso?

– O pior é que não havia nada material nem no seu comportamento que denunciasse isso, eu apenas senti - respondeu ele, com um ar de decepção.

– Virou vidente agora, Júlio?

– Não. Simplesmente alguma coisa não me agradou naquele homem.

– Pois eu o achei muito prestativo e simpático.

– É... Talvez eu esteja ficando meio paranóico - ele concluiu, desfazendo a expressão fechada do seu rosto.

Partimos, então, em busca de um terno. Não demorou muito, encontramos uma loja, Casa Colombo, quase em frente à farmácia que havíamos passado pela manhã, onde havia ternos a venda.

Um homem alto, de cabelo escuro, com traços de descendência libanesa ou turca, que se dizia proprietário da loja e chamar-se Miguel Yared, nos recepcionou. Sugeriu-me um bonito terno preto, que ao prová-lo, teve um caimento quase perfeito. Já havia me decidido pelo terno quando o homem começou a me mostrar outros produtos da loja. Vi alguns sapatos, mas não gostei de nenhum. O Sr. Yared tanto fez, que conseguiu fazer com que eu comprasse dois pares de meias.

– Mais um pouco e o homem te vende a loja toda - comentou Júlio enquanto andávamos, agora a procura de um sapato que me agradasse.

– Esse povo do Oriente Médio tem um tino comercial incrível. Sempre fazem você comprar mais alguma coisa - acrescentei. Só me responde uma coisa, Júlio: turco ou libanês?

– Libanês - falou e ficou alguns segundos em silêncio, como se fosse essa a resposta. Ou turco? Eis a questão - concluiu sorrindo.

Andamos mais um bom tempo a procura de um sapato do meu gosto, quando finalmente encontrei um na Casa Damasco, de propriedade do Sr. Miguel Farah, localizada na Rua Prudente de Moraes, em Porto União. Fomos, mais uma vez, muito bem atendidos e comprei o sapato.

Já de posse de toda a indumentária necessária ao jantar, terno, camisa, sapato e até meias novas, eu

e Júlio seguimos a rua Prudente. Cruzamos a Rua Sete de Setembro e, ao passarmos por uma confeitaria, de nome Confeitaria Senff, avistamos o Capitão Silva em uma mesa. Assim que nos viu, o capitão fez um sinal para nos juntarmos a ele. Ele tomava chá e comia biscoitos, e tanto eu quanto o detetive, pedimos café e um pedaço de torta.

Enquanto conversávamos sobre o jantar, percebi que Júlio olhou fixamente, por alguns segundos, para a xícara de chá do capitão, depois desviou o olhar para um relógio na parede, que marcava cinco e quinze, e então, notei que observava as maneiras do capitão à mesa.

Acho que meu convívio com o detetive me fez prestar mais atenção nele, para descobrir como ele chegava as suas incríveis conclusões, apenas observando detalhes que, para muitos, passavam despercebidos.

– Bom, tenho que ir agora - despediu-se o Capitão Silva, olhando no relógio.

– Deixa que nós acertamos a conta, capitão - falou Júlio.

– Então nos vemos logo mais, na missa - disse o capitão, estendo-nos a mão.

Júlio levantou-se e foi até o caixa acertar a conta. Nisso, eu peguei a xícara de chá do capitão e passei a examiná-la cuidadosamente, a procura do que havia chamado a atenção de Júlio, mas nada encontrei.

Fui até o caixa, onde eu e Júlio trocamos algumas palavras com o homem que recebeu a conta, o Sr. Alfredo Senff.

– O Capitão Silva vem todo dia às cinco horas e pede chá com biscoitos. Ora, um capitão tomar chá com biscoitinhos, e com a frescura que ele faz? Não sei não, mas acho que ele não honra as calças que veste - comentou o Sr. Senff.

– Eu já diria outra coisa: cada louco com a sua mania - falou Júlio.

Voltamos ao hotel, e durante o caminho, não agüentando de curiosidade, perguntei a Júlio:

– A que conclusão chegou através da xícara do capitão?

– Foi apenas uma coisa que me ocorreu, uma suposição, que não pode ser comprovada apenas pela sua xícara de chá, é preciso mais argumentos.

– O que é? Fala homem!

– Não é nada não. É muito provável que eu esteja errado, afinal, cada louco tem sua mania.

As enigmáticas palavras de Júlio atiçaram ainda mais a minha curiosidade sobre o que se passava em sua cabeça. Mas, apesar da insistência, ele não disse uma palavra.

## – Capítulo 6 –

### – Sexta - Feira, Fim da Tarde –

### – Missa e Jantar –

Faltavam vinte e cinco minutos para as sete horas quando o Detetive Júlio Braun adentrou meu quarto:

– Vamos Alencar? Já estou pronto.

Eu nem havia tomado banho ainda, e já esperava que Júlio ficasse pronto antes do tempo.

– Você sempre adiantado - falei.

– E você sempre atrasado - respondeu ele.

Realmente ele tinha razão. Já estava com minhas coisas à mão quando ele entrou, mas se eu quisesse tomar um bom banho, já deveria estar em baixo do chuveiro.

– A pontualidade nunca foi um costume em nosso país - comentei, enquanto me dirigia ao banheiro.

Cruzei com o Sr. Schumann no corredor. Já havíamos entregado o convite a ele, e dissemos para ele levar a sua noiva, Srta. Anita, que daríamos um jeito de conseguir um convite para ela. Mas ela não pode aceitar, pois não poderia deixar de seus afazeres no hotel. De qualquer forma, o Sr. Schumann iria conosco.

Tomei o banho mais rápido da minha vida, e em cinco minutos estava pronto para ir à missa e ao jantar.

Descemos, eu, Júlio e o Sr. Schumann, e na saída encontramos com o Sr. Alvim, que conversava com dois casais.

Tratava-se de duas de suas irmãs, Sra. Adélia e Sra. Adelina e seus respectivos maridos, Sr. Osvaldo Gaebler e Sr. Feliciano Tomelin. Este último usava um terno militar. Fomos apresentados a eles, que nos informaram que estavam indo à missa e ao jantar também.

Seguimos todos até a Igreja Matriz de Porto União e sentamos no mesmo banco. Como chegamos adiantados, trocamos algumas palavras enquanto a missa não começava.

O Sr. Gaebler disse ser proprietário de uma fábrica de móveis e o Sr. Feliciano era segundo sargento do exército.

– Você deve conhecer o Capitão Silva - falei ao Sr. Feliciano.

– Infelizmente sim.

– Por que infelizmente? - perguntou Júlio.

– Aquele homem é intragável. Age como se fosse um rei, o dono da razão... Falando no homem - disse, indicando a porta de entrada com a cabeça, por onde entrava o Capitão Sérgio da Silva.

Júlio olhou no relógio, que marcava sete horas, e acenou com a cabeça para o capitão, que sentou em um banco mais a esquerda e a frente do nosso, pois a Igreja estava quase lotada. Não demorou muito, o padre deu início à celebração.

No meio da missa perguntei ao Sr. Gaebler, que se sentava ao meu lado:

– Quem é o celebrante?

– É o frei Gentil Sheid. Ele é o vigário da paróquia - cochichou ele.

Depois que o frei deu a benção final, faltando quinze minutos para as oito horas, e encerrou a missa,

muitos dos fiéis, assim como nós, seguiram para o Colégio São José, ao lado da Igreja.

Atravessamos o prédio do colégio, descemos uma escada e depois outra, quando atingimos um campo de futebol. Cruzamos o campo e chegamos a um pavilhão de esportes, onde estavam instaladas as mesas. Quatro grandes mesas, dispostas no sentido da cancha, acomodavam as aproximadamente cem pessoas que participavam do jantar.

Sentamos todos próximos, eu, Júlio, Sr. Schumann, Sra. Adélia e Sr. Gaebler, Sra. Adelina e Sr. Feliciano. A nossa frente sentou-se o Capitão Silva, acompanhado pelos dois homens que estavam com ele no almoço. O capitão apresentou-os a mim e a Júlio. O Sr. Feliciano naturalmente já os conhecia. Tratava-se do Sargento Carlos Maginski e do Cabo Emílio Fontoura.

Avistei o Sr. Petry, com quem havia conversado pela manhã. O Sr. Arno e o Sr. José Friedrich também estavam presentes.

Conversávamos sobre o exército, quando o capitão levantou-se e foi falar com um homem louro, alto e forte que passava próximo. Cumprimentou-o, cochichou algo em seu ouvido, e em seguida retornou.

– Quem é capitão? - perguntou Júlio

– Guilherme Helmuth. Nós servimos juntos na Itália. Fomos prisioneiros dos alemães. Eu devo minha vida a esse homem.

– E por que você deve sua vida a ele? - perguntei curioso.

– Depois de um tempo na prisão os nazistas começaram a simpatizar com Guilherme e a dar-lhe algumas regalias que os outros prisioneiros não tinham, provavelmente por ser ele de origem alemã. Um belo dia, os soldados resolveram executar todos os prisioneiros e Guilherme foi poupado. Após conversar com os soldados, ele conseguiu convencê-los a me deixar vivo também. Dois dias depois das execuções, uma tropa aliada nos libertou.

– Que sorte! - comentou o Sr. Gaebler.

– Graças à origem étnica de Guilherme e de sua tranqüilidade para convencer os soldados nazistas, eu estou aqui hoje para contar essa história.

Nisso o frei Gentil Sheid deu início a um pronunciamento, agradecendo o diretor do Colégio São José, frei Bertino Goerner e ao prefeito do internato que funcionava no colégio, frei Mariano de Paiva, por permitirem que o jantar fosse realizado nas dependências do colégio, já que o salão de festas da Igreja estava em reforma. Frei Bertino tomou a palavra e disse que as dependências do colégio estariam sempre à disposição do vigário.

Fizemos uma oração e, próximo de oito e quinze, o jantar foi servido.

As travessas de comida eram trazidas da cozinha do colégio, que ficava no subsolo do prédio. Foi servido arroz, macarrão, alguns tipos de salada e carne de panela. Nada muito sofisticado, mas saboroso.

Após a refeição, eu e Júlio fomos conversar com o Sr. Petry, que estava parado na escada que dava para a pista de corrida e para o pórtico de ginástica, localizados em uma parte mais baixa do terreno. Apresentei Júlio a ele.

– Então é esse o famoso detetive da capital... Roberto Samuel Petry, muito prazer.

– Então é você o famoso vereador de União da Vitória... Júlio Braun, o prazer é todo meu.

De momento ficou um clima um pouco estranho, como se Júlio houvesse zombado do Sr. Petry, mas tenho certeza que não foi essa a sua intenção, e acho que o Sr. Petry também entendeu assim, pois a conversa prosseguiu tranqüilamente.

–Deixa-meeu apresentar a vocês os homens que governam estas cidades - disse o Sr. Petry, depois de alguns minutos de conversa.

Primeiramente nos apresentou o Sr. José Cleto, prefeito de União da Vitória, que estava acompanhado de seu irmão, o Sr. Eurico Cleto, que era gerente da Caixa Econômica Federal.

Depois fomos apresentados a Alfredo Metzler, Domício Scaramella e João Romanzini Filho. O primeiro era vereador em Porto União e os outros dois eram vereadores em União da Vitória.

Logo em seguida, o Sr. Petry chamou o Dr. Lauro Müller Soares, prefeito de Porto União. Junto com ele estava o Dr. Norberto de Miranda Ramos, juiz de direito de Porto União.

Enquanto conversávamos com o prefeito e com o juiz, juntaram-se a nós o Sr. João Nitto Gaspari, presidente da câmara de vereadores de Porto União e o Sr. Antônio Baby, presidente da câmara de União da Vitória.

Todos os políticos locais que nos foram apresentados eram bastante simpáticos e receptivos, mas o Dr. Lauro Müller Soares, que era médico de profissão, superava a todos, com uma educação e simpatia que o tornava uma pessoa bastante agradável de conversar.

Continuávamos conversando, eu, Júlio, o prefeito e o juiz de Porto União e os presidentes das câmaras de vereadores das duas cidades, quando o Capitão Sérgio da Silva veio ter conosco.

No que ele chegou, o Sr. João Nitto Gaspari se retirou.

Júlio me olhou, e ergueu as sobrancelhas com uma expressão de quem não entendeu o motivo da saída repentina do presidente da câmara de Porto União. Eu também não estava entendendo nada, mas uma coisa era clara: que havia algum atrito entre os dois, havia. Mas afinal, esse era mais um entre tantos que não gostavam do capitão.

O Dr. Lauro usou de toda sua habilidade política para disfarçar a saída repentina do Sr. Gaspari, e obteve sucesso, pois ninguém deu importância ao acontecido. Ele falava sobre as obras mais urgentes que precisavam ser feitas no município, quando uma moça passou, descendo as escadas. O capitão a acompanhou com o olhar até que ela desapareceu na escuridão da pista de corrida.

Alguns minutos depois, ela subiu de volta, e o capitão voltou a acompanhá-la com o olhar.

Depois que todos se retiraram, e eu e Júlio ficamos a sós com o capitão, Júlio perguntou a ele:

– Quem é a pequena?

– Chama-se Maria Eugênia. É uma mulher incrível. Nós tivemos um caso, mas não deu certo.

– E podemos saber por que não deu certo? - perguntei

– Não. Não podem. Isso é coisa minha.

## – Capítulo 7 –

### – Sexta - Feira à Noite –

### – Uma Notícia Atordoante –

Já era passado das dez horas quando sentamos à mesa para ouvir as histórias que frei Bertino, diretor do colégio, e frei Libório Lueg, professor no mesmo estabelecimento, contavam a algumas pessoas remanescentes do jantar. Estavam à mesa ouvindo os relatos dos freis, eu, Júlio, Sr. Schumann, Capitão Silva, Cabo Emílio, Sargento Maginski, Sr. Eurico Cleto, os irmãos Arno e José Friedrich, Sr. Guilherme Helmuth, Sr. João Nitto Gaspari e Srta. Maria Eugênia.

Bebíamos cerveja e vinho enquanto os freis compartilhavam suas memórias conosco. Contaram-nos como havia sido a sua viagem no navio Almirante Alexandrino, quando vieram da Alemanha e desembarcaram no Rio de Janeiro, precisamente em 30 de maio de 1935, acompanhados pelo frei Cassiano Dierskes. Frei Bertino e frei Cassiano haviam sido designados para trabalhar em Lages, no Ginásio Diocesano e frei Libório foi trabalhar em um orfanato em Petrópolis. Chegaram a Porto União em dezembro de 1935, já para trabalhar no Colégio São José, que na época ainda era Escola Paroquial e pertencia a Ordem Franciscana. Mal haviam chegado e já assumiram todas as atividades na Escola Paroquial.

Ainda em 1935, a Escola Paroquial passou, através de uma doação, a pertencer à Congregação dos Irmãos Pobres de São Francisco, e a chamar-se Colégio São José.

Falaram sobre as dificuldades que tiveram no início, quando assumiram as atividades da Escola Paroquial fundada pelo frei Clemente Tombosi e pelo frei Guilherme. Falta de espaço, goteiras e poeira eram apenas alguns dos problemas, que com muito trabalho foram sendo superados, até que em 1938 começaria a construção do atual prédio do Colégio, concluído em 1939.

– Eu ajudei na construção! - disse o Sr. Guilherme Helmuth, enquanto frei Bertino falava da construção do prédio.

– Não foi nesse mesmo ano que o Dr. Nereu Ramos, que era Interventor Federal na época, se não estou enganado, esteve visitando o colégio? - perguntou o Sr. João Nitto Gaspari.

– Exatamente! E você não está enganado não, ele era mesmo Interventor Federal na época.

Frei Bertino continuou com sua aula sobre a história do colégio, onde todos, entre um copo e outro, ouviam atentos os seus relatos.

Ele passou a falar da construção do pavilhão de esportes em que nos encontrávamos, iniciada em 1942.

Lembrou com certa tristeza, e certo alívio por não enfrentarem mais esse problema, da situação dos frades alemães antes e durante a guerra. Tachados de “súditos nazistas”, não podiam assumir oficialmente a direção do colégio nem lecionar História do Brasil e Língua Portuguesa. Mas essa situação acabou com o fim da guerra, assumindo a direção do Colégio o frei Bertino.

– As suas histórias estão bastante interessantes, mas já está na minha hora - despediu-se o Sr. Guilherme Helmuth do frei Bertino e do frei Libório, e depois, de cada um dos presentes, isso faltando uns dez minutos para as onze horas.

Os freis nos contaram como, no princípio, o colégio era freqüentado apenas por rapazes e, em 1940,

com a criação do curso ginásial, passou a ser freqüentado por jovens de ambos os sexos e a chamar-se Ginásio São José. Em 1944, as meninas passaram a freqüentar o Colégio Santos Anjos, com a criação do curso ginásial naquele estabelecimento e o Ginásio São José voltou a ser freqüentado apenas por rapazes.

– Agora está na minha hora de ir! - disse o Capitão Silva, olhando no relógio.

Percebi que Júlio olhou no relógio também, e dando uma espiada de relance, vi que marcava onze horas.

O capitão nem se despediu direito e já foi se retirando. Ninguém deu muita importância ao fato, pois eram poucos os presentes que simpatizavam com ele.

Voltamos a questionar os freis sobre o colégio, que, respondendo às indagações dos presentes, passaram a falar sobre as peripécias dos alunos, tanto os externos como os internos.

Passado uns dez minutos, aproveitando uma pausa entre uma história e outra, o Sr. Gaspari perguntou ao frei Libório sobre o banheiro, que indicou-lhe o subsolo do prédio, onde havia também a cozinha e o refeitório.

Foi só o Sr. Gaspari começar, que todos foram ao banheiro. Depois dele foi o Sr. Schumann, logo em seguida foi o Sr. Arno Friedrich, depois o Cabo Emílio, então foi o Sargento Maginski. Depois do sargento foi o Sr. José Friedrich, então foi o Sr. Eurico Cleto e a última a ir ao banheiro foi a Srta. Maria Eugênia. Eu não tive necessidade de ir. Júlio e os freis também não foram.

Apesar de havermos bebido uma boa quantidade de cerveja e vinho, ninguém apresentava sinais de embriaguez, exceto Júlio que já começava a rir de algumas coisas sem graça.

Eu sempre soube que o detetive era um pouco fraco para bebida, e na tentativa de nos acompanhar ele já estava passando da conta.

Por volta de onze e quarenta, decidimos ir embora. A essa altura Júlio já falava enrolado e começava a dar sinais que precisava de uma cama. Os demais presentes permaneciam firmes.

A atitude de nos retirarmos foi seguida por todos que ali estavam. Agradecemos aos freis a hospitalidade e nos dirigimos à saída. Atravessamos o campo de futebol, e chegando ao prédio do colégio, Júlio disse que iria ao banheiro. Frei Libório também foi ao sanitário, enquanto frei Bertino passava a chave na porta da cozinha e do refeitório.

O Sr. Schumann, Júlio e eu nos despedimos mais uma vez do frei Bertino, agora à porta do colégio, e tomamos o nosso caminho de volta ao hotel.

Júlio desceu quase todo o caminho rindo. Quando chegou aos trilhos, começou a pular de um lado para o outro:

– Santa Catarina, Paraná, Santa Catarina, Paraná, hehehe... - dizia ele entre um pulo e o outro.

Chegando ao hotel, fiz o possível para mantê-lo em silêncio, e levei-o até sua cama.

– Era bom nós darmos um banho frio nele. O que você acha? - perguntou o Sr. Schumann para mim.

– Dá muito trabalho. Não é nada que uma boa noite de sono não cure.

– Você quem sabe. Boa noite então!

– Boa noite.

Pensei em aproveitar o estado entorpecido do meu amigo para ver se ele me revelava uma coisa que estava me atormentando as idéias:

– Júlio!

– O que é?

– O que havia na xícara do Capitão Silva hoje à tarde? E por que diabos sempre que ele chega ou sai de algum lugar você olha no relógio?

– Não é nada. O capitão não é nem arrogante nem prepotente. Ou talvez até seja... Será?... O que eu sei é que o capitão é um *gentleman*, hehe, um *gentleman*, hehe - respondeu ele, enrolando a língua.

– Tudo bem, Júlio. Fique quieto e durma. Você está bêbado. Não está falando nada com nada.

– Está bem! Boa noite, Alencar... Você é meu amigo...

– Sim claro. Agora trate de dormir.

Enquanto me retirava, Júlio falou, como se estivesse conversando com a cadeira:

– Você é meu amigo, Alencar... Meu amigo... hehe...

Fui até meu quarto. A coisa que eu mais queria no momento era encostar a minha cabeça no travesseiro e dormir até enjoar de ficar na cama. E foi exatamente o que eu fiz, tirei as roupas, coloquei o pijama, deitei e dormi.

Infelizmente a última parte do meu desejo não se realizou. Acordei com batidas fortes na porta do meu quarto e ouvindo a voz de Júlio que, dessa vez sóbria, falava:

– Alencar acorde! Depressa!

– Que horas são? O que aconteceu? Por que a pressa? - perguntei enquanto abria a porta sonolento.

– Encontraram o Capitão Silva morto. Estão me chamando para ajudar nas investigações. Vamos lá ver do que se trata.

– O quê? Morto? Aonde? - perguntei sem ter entendido direito o que ele havia falado.

Nisso surgiu um homem por trás de Júlio, que se apresentou a mim:

– Olá! Eu sou João Ferrário Lopes, delegado regional da polícia de Porto União. Deparamos-nos com um caso bastante complexo e qualquer ajuda será muito bem vinda, desde que, é claro, mantenha-se a devida discrição - falou fitando a mim e a Júlio. Um importante oficial do exército, o homem que vocês conhecem como Capitão Silva, foi encontrado morto com um tiro na testa, hoje cedo, no refeitório do Colégio São José. Não interroguei nenhum dos suspeitos ainda, vim direto pedir ao Dr. Júlio para me auxiliar nas investigações. Frei Libório já me colocou a par do que ocorreu ontem, durante o jantar. Como o Dr. Júlio, além de ter fama como excelente detetive, esteve lá ontem, pode ajudar bastante na solução do crime.

– E como você disse uma vez que gostaria de me acompanhar na investigação de um caso algum dia, achei que esse é o momento ideal, afinal você também conhecia o capitão e também estava lá - disse Júlio.

– Tudo bem! É só o tempo de eu por uma roupa - disse automaticamente, pois ainda não estava plenamente desperto.

Era seis e meia da manhã e enquanto me trocava, ouvi Júlio perguntar ao Delegado Lopes:

– Alguém mexeu no corpo?

– Não.

– Há quanto tempo ele está morto?

– Não sei. Não foi chamado nenhum médico ainda.

– Então temos que fazê-lo o quanto antes. Chamaremos o prefeito, Dr. Lauro, ele com certeza manterá a discrição.

– Eu mesmo farei isso, agora mesmo. Encontramos-nos no colégio.

– Até lá então.

Depois de pronto, eu e Júlio pegamos o caminho do colégio. Fui pensando comigo, ainda meio dormindo:

– “O capitão morto... Se foi assassinado, Delegado Lopes e Júlio terão um bocado de trabalho para interrogar todos os que tinham motivos para matar o capitão... quem sabe, sabendo-se à hora da morte já não achamos o assassino rapidamente... quem sabe eu e Júlio não somos suspeitos também...”

Chegando próximo aos trilhos, um trem estava bloqueando a nossa passagem, enquanto saía da estação. Júlio colocou as mãos nos ouvidos e fez uma expressão de dor.

– O que foi Júlio? - perguntei elevando a voz para que ele ouvisse, pois além de estar com as mãos nos ouvidos, havia também o barulho do trem.

– Esse barulho infernal! Minha cabeça vai explodir!

– Os primeiros colonizadores já descreviam essa sensação em seus diários. E o mais interessante é

que usavam apenas uma palavra...

– Que palavra?

– Ressaca.

– Ah! Vai dormir!

– Eu acordei na outra esquina e você já quer que eu vá dormir de novo?

## – Capítulo 8 –

### – Sábado de Manhã –

#### – Um Corpo No Refeitório –

Chegamos ao colégio por volta das dez para as sete. Estranhei por não haver nenhuma movimentação, o que seria natural em uma situação dessas. Apenas frei Libório nos esperava à porta do colégio.

– Onde está todo mundo? - perguntei ao frei.

– Só você não percebeu ainda que eles estão mantendo sigilo sobre o caso - respondeu Júlio, antes que o frei falasse alguma coisa.

– Exatamente. O Delegado Lopes acha melhor não informarmos nada a respeito da morte do Capitão Silva, pelo menos por enquanto. Tentaremos agir na surdina enquanto for possível. Nós, aqui do colégio, queremos saber como o fato se sucedeu, e o Delegado Lopes disse que se o caso fosse entregue aos militares, eles esconderiam a verdade e dariam uma versão do acontecido que fosse mais conveniente ao exército.

Levou-nos, então, até o refeitório, que ficava no subsolo do prédio, entre a cozinha e os sanitários. Entramos no aposento que possuía uma janela de vidro à direita da parede e a porta por onde entramos localizava-se mais à esquerda. Havia algumas mesas dispostas de modo a contornar a sala, e uma mesa maior, do outro lado do aposento. Não havia ninguém lá, ninguém vivo pelo menos. No chão, um pouco à direita da porta, estava o corpo do Capitão Sérgio da Silva, deitado de costas, vestido com o mesmo terno militar que usava na noite anterior.

O rosto do defunto era algo assustador. Não exprimia sentimento algum. Nem dor, nem surpresa, nada. Estava pálido, com olhos abertos, e com um pequeno furo na testa, onde havia levado o tiro. Havia também uma poça de sangue embaixo de sua cabeça e sangue misturado com pedaços do seu cérebro espalhados pelo chão até a parede. Seu corpo estava posicionado como se estivesse de costas para a porta, a uns três passos dela e pouca coisa inclinado para o centro do refeitório quando levou o tiro.

Júlio não deu a mesma importância que eu ao corpo da vítima.

– Aquela porta dá aonde? - perguntou ao frei Libório, referindo-se a uma porta no outro lado da sala, localizada na parte esquerda da parede.

– Em uma pequena despensa.

– Há alguma outra porta ou janela lá?

– Não.

– Então, a única maneira de entrar e sair é por essa porta? - perguntou o detetive, apontando a porta por onde havíamos entrado.

– Exatamente.

– Interessante - disse coçando a barba rala.

Júlio passou os olhos pelo corpo do capitão, puxou uma cadeira e sentou-se. O frei me olhou, estranhando a atitude do detetive, mas eu não dei importância, já estava acostumado com Júlio fazer coisas que ninguém entendia. De qualquer forma, cutuquei meu amigo e perguntei baixinho:

– Não vai examinar o corpo do capitão?

– Não - ele respondeu calmamente em voz alta.

– Vai dizer que já sabe quem é o assassino?

– Não. Claro que não. Mas eu sei como ele foi morto.

– Como? Diga logo homem, como foi? - perguntei, curioso para ouvir as mirabolantes deduções do Detetive Júlio Braun.

– Com um tiro na testa - ele respondeu rindo.

– Acho que não é hora para brincadeiras - falou frei Libório em minha defesa, um pouco irritado.

– Foi ouvido algum tiro, ou algum som que se parecesse com tiro essa noite, frei? - perguntei, já que o detetive não tomava nenhuma atitude.

– Não, nada. Nem por mim, nem por nenhum outro frei do colégio. E os alunos, mesmo estranhando não vir tomar o café da manhã aqui, não mencionaram barulho algum.

– E então Júlio, como o assassino fez para não ouvirem o tiro?

– Não sei.

– E não vai averiguar?

– Por enquanto não. Por que você acha que eu estou sentado aqui?

– Não tenho a mínima idéia, sendo você o detetive.

– Estou esperando o Dr. Lauro. Só vamos começar a investigar o caso depois de saber a hora da morte do capitão. Essa informação poupará bastante trabalho.

Ele mal terminara de falar, entraram o Delegado Lopes e o prefeito de Porto União, que cumprimentou a todos, e logo começou seus trabalhos no defunto. Examinou o ferimento na testa, depois o buraco na parte de trás da cabeça. Olhou as pontas dos dedos, os olhos, passou o dedo na boca do capitão. Prosseguiu com os exames, e uns cinco minutos depois levantou.

– Então? - perguntou Júlio esfregando as mãos.

– Morte instantânea, não teve tempo nem de pensar. Foi mesmo causada pelo projétil, não há nenhum sinal de que já estivesse morto antes de levar o tiro. Não houve luta.

– Isso eu sei. E a hora? - perguntou Júlio, já impaciente.

– Está morto há umas oito horas.

Júlio olhou no relógio, era sete e dez da manhã. Contou nos dedos, e perguntou:

– Então ele morreu às onze e dez?

– Não posso lhe dizer com essa precisão, mas com certeza ele morreu entre... Cinco para as onze e onze e vinte e cinco.

– Até as onze ele estava conosco, então ele morreu entre onze e onze e vinte e cinco - falou Júlio.

– Como você sabe que ele foi embora às onze? - perguntou frei Libório.

– Eu olhei no relógio, na hora em que o capitão se retirava. E lembro-me perfeitamente que eram onze horas em ponto.

– Que memória! - disse o Dr. Lauro.

– Pré-requisito da minha profissão - respondeu Júlio. E eu que pensei que se sabendo à hora da morte nos pouparia trabalho... Só fez complicar o caso.

O detetive passou então a examinar o corpo do capitão. Puxou uma lupa do bolso e olhou o buraco na testa do defunto. Depois, examinou os dedos do capitão com a lupa.

– O assassino não encostou a arma na cabeça do capitão ao atirar, muito menos o próprio capitão usou alguma arma - disse enquanto se levantava.

– E pelo estrago, o tiro não foi dado a mais de dois ou três passos de distância - completou o Delegado Lopes.

Júlio foi até a parede atrás do capitão, próximo a porta, passou a examiná-la e logo se manifestou:

– Aqui está a bala - disse examinando um pequeno buraco na parede, bem próximo a porta.

Com uma pinça conseguiu retirar o projétil do buraco.

– O que acha? - perguntou Júlio, mostrando a bala ao Delegado Lopes.

– Calibre 45, bala militar. Essas balas de aço atravessam um crânio como se fosse papel - respondeu, pegando um pacote plástico e colocando a bala dentro, tendo o cuidado de não tocar nela.

Júlio voltou ao corpo do capitão e começou a vasculhar-lhe os bolsos.

– Está procurando alguma coisa em específico, Júlio? - perguntei.

– Sim. Um bilhete.

– Que bilhete?

– Um bilhete que talvez o assassino tenha lhe entregue... Mas não há nada, devem ter marcado o encontro verbalmente.

– Que encontro, homem?

– Já podemos ter uma idéia do que aconteceu aqui. O assassino combinou de encontrar com o capitão aqui às onze horas. E o encontro foi marcado para as onze, porque o capitão era um homem extremamente pontual. Isso eu já havia reparado antes. O assassino aproveitou a hora que todos estavam indo ao banheiro, e ao invés de ir ao banheiro também, entrou aqui e atirou no capitão. O fato de ele ter sido morto justamente no mesmo intervalo de tempo em que todos iam ao banheiro nos dá uma boa lista de suspeitos: Sr. Arno e Sr. José Friedrich, Cabo Emílio, Sargento Maginski, Sr. Gaspari, Sr. Eurico Cleto, aquela moça, como é mesmo o nome dela?

– Srta. Maria Eugênia - respondi a Júlio.

– Isso mesmo, e o Sr. Schumann.

– Só uma pergunta Júlio: por que não foi ouvido nenhum tiro? - perguntei novamente ao detetive.

– Tenho uma teoria para isso, mas temos que testá-la.

– E qual é? - perguntou o delegado.

– Suponho que o assassino tenha usado a toalha daquela mesa lá - disse apontando para uma mesa próxima a porta da despensa, a única que estava sem toalha.

– É mesmo! Onde está a toalha? - perguntou frei Libório.

– É o que iremos averiguar agora - respondeu Júlio.

O detetive dirigiu-se a mesa onde estava faltando a toalha e passou a examiná-la. Olhou atentamente a mesa, as cadeiras e o chão próximo. Levantou-se, foi até a porta da despensa e abaixou a maçaneta na tentativa de abri-la. E a porta abriu.

– Não está trancada! - exclamou Júlio. Não me surpreenderia que a toalha estivesse aqui na despensa e a porta trancada por dentro, para tornar o caso ainda mais complicado.

Júlio mal colocou o pé dentro da sala, emitiu um grito de satisfação:

– Bingo! Está aqui!

Corremos todos em direção a despensa, de onde saía o Detetive Júlio tendo a referida toalha nas mãos.

– Como eu suspeitava - falou o meu amigo, examinando os buracos que existiam na toalha. Foi mesmo usada para abafar o som do tiro. Alguém tem uma arma calibre 45?

– Você sendo da polícia deveria saber que pistolas 45 são de exclusividade do exército - respondeu o delegado.

– Eu sei. E o que isso lhe sugere?

– Que o assassino é um oficial do exército. Eu já havia deduzido isso, além do mais o projétil que matou o capitão também é usado apenas pelo exército - falou o Delegado Lopes.

– Mas é somente uma possibilidade, que servirá apenas para colocar o Cabo Emílio e o Sargento Maginski no topo da lista de suspeitos, sem excluir os outros - completou o Detetive Júlio Braun.

Júlio sentou-se, tirou uma caderneta e um lápis do bolso e começou a escrever. Sentei-me próximo a ele para espiar o que ele anotava. Escrevia o nome de cada um dos suspeitos, um em cada página. Nesse momento, Dr. Lauro e frei Libório passaram a trocar algumas palavras sobre o ocorrido, eu levantei e passei a discutir o assunto com os dois. Logo o Delegado Lopes passou também a expressar suas

opiniões sobre o assassinato.

Enquanto tecíamos nossos comentários, observei que Júlio estava mergulhado em seus pensamentos, olhando fixamente para o corpo sem vida do Capitão Silva e batendo com o lápis no queixo. Alguns minutos depois levantou os olhos em nossa direção e disse:

– Vamos recapitular nossa hipótese sobre o que aconteceu aqui ontem. O assassino combinou com o Capitão Silva de, por algum motivo que iremos descobrir, encontrar-se com ele aqui, às onze horas. Estou absolutamente convicto disso, era a única maneira de atraí-lo para cá, e a pontualidade irritante do capitão acusa que foi marcado mesmo para as onze. O assassino disse-nos que iria ao banheiro, entrou aqui onde o capitão o esperava, provavelmente trocaram algumas palavras enquanto o nosso assassino se dirigia até a mesa onde pegou a toalha, enrolou-a na arma, uma pistola 45 e disparou com uma boa precisão contra a cabeça do capitão. Jogou a toalha na despensa e saiu, retornando a mesa conosco. Perfeito, exceto por dois pontos: - colocou a mão no queixo e continuou pensativamente. Por que o assassino foi até uma das últimas mesas da sala para pegar uma toalha que poderia ter pego assim que entrou? E como, alguém pode, após assassinar um homem, voltar a uma mesa cheia de gente e agir com absoluta tranqüilidade, sem demonstrar sinal nenhum de nervosismo? E isso de fato ocorreu, pois, depois de tantos anos trabalhando como detetive de polícia, consigo perceber as mínimas alterações de comportamento.

– Quanto à toalha, Dr. Júlio, - pronunciou-se o delegado, acredito que o assassino não tinha a intenção de matar o capitão quando entrou aqui. Eles conversaram por algum tempo e, enquanto discutiam, o assassino foi, involuntariamente, se dirigindo até o fundo da sala. Não obtendo sucesso na negociação com o capitão, resolveu matá-lo. Pegou sua arma, enrolou nela a toalha e atirou. Como você pode perceber, se foi isso mesmo o que aconteceu, apenas duas pessoas poderiam tê-lo feito: O Cabo Emílio Fontoura ou o Sargento Carlos Maginski, que eram os únicos suspeitos que andariam com uma arma sem intenção de matar alguém.

– Eles não estavam armados - falou o detetive, derrubando a teoria do delegado. Ou melhor, não possuíam nenhuma arma à mostra. Ninguém possuía nenhuma arma à mostra. Seja quem for que entrou aqui para ter com o Capitão Silva, veio para matá-lo e, provavelmente, já saiu de casa com essa intenção, pois trouxe uma arma escondida.

– Permita-me discordar de você, detetive, mas eu sei de um homem que estava conosco ontem e que carregava uma arma consigo. A bem da verdade, ele sempre carrega uma arma consigo - falou o prefeito.

– E quem é? Conte-nos, por favor! Pode estar aí a resposta de uma de nossas perguntas - falou Júlio, não podendo esconder o entusiasmo.

– O Sr. Guilherme Helmuth - respondeu o prefeito.

– Claro! - exclamou o detetive. Eu havia esquecido completamente dele. Um homem tão discreto que passou despercebido por minhas suposições.

Júlio pensou por um instante, coçando o queixo no seu gesto característico e então prosseguiu.

– Ele se despediu dos presentes como se fosse embora e, ao invés disso, entrou aqui e ficou esperando o capitão até a hora marcada.

– Permita que agora eu discorde de você, Júlio - falei ao meu amigo. O Sr. Guilherme foi mesmo embora. Eu acompanhei-o com os olhos até vê-lo sair pela porta do colégio.

– Eu também o vi sair - reforçou frei Libório. Eu não tirava os olhos da porta, com receio de que alguém entrasse. Posso afirmar que ele saiu e não entrou mais.

– Não tirava os olhos da porta? - perguntou Júlio ao frei Libório. Você não viu o capitão entrando no refeitório?

– Agora que você falou, eu lembro que não tinha visto o capitão sair, mas havia pensado que ele tinha ido ao banheiro - respondeu o frei. E eu não o vi saindo pela porta do colégio depois disso.

– Voltamos à estaca zero - falou Júlio decepcionado. Chegamos bem próximo de responder a uma das

três questões.

– Que questões? - perguntei a Júlio.

– Quem? Como? E Por quê? - respondeu-me o Delegado Lopes, adiantando-se ao detetive.

– Por falta de por quês é que esse caso não fica sem solução - comentei, percebendo pela expressão dos presentes a inconveniência da piadinha.

– O que faremos com o corpo, delegado? - perguntou o Dr. Lauro.

– Bem, a essa hora já devem estar especulando o que o delegado e o prefeito estão fazendo no colégio e também os militares já devem ter dado pela falta do capitão... Teremos que comunicar a sua morte. Avisaremos o Major Mello, não acredito que irão se opor que nós investiguemos o caso... Quanto ao corpo, levaremos ao necrotério do hospital e deixaremos a cargo do exército avisar os familiares.

– Poderíamos tirar umas fotos antes de removermos o corpo - propôs o detetive.

– Eu vou agora mesmo chamar um fotógrafo - falou o frei. O estúdio dele é aqui próximo ao Colégio Santos Anjos.

– Ótimo frei! - disse o delegado. Quanto antes terminarmos por aqui melhor.

Enquanto o frei estava fora providenciando o fotógrafo, Júlio disse ao Dr. Lauro:

– Você terá de usar a sua influência política para manter a imprensa de fora. Será muito útil para nós se não for mencionado nada antes de solucionarmos o caso. Nada de jornal nem de rádio.

– Acho muito difícil fazer com que a imprensa não saiba do ocorrido - falou o prefeito.

– Eles podem saber do ocorrido. Na verdade eles terão de saber do ocorrido, o que interessa para nós é que eles não publiquem nem divulguem nada antes de concluídas as investigações - retrucou o detetive.

– Nesse caso você mesmo pode solicitar isso a eles.

– Excelente!

Passados uns dez minutos frei Libório retornou, acompanhado do fotógrafo. Apresentou-nos o homem, chamado Miguel Nowakowski.

O fotógrafo tirou as fotos, seguindo as instruções de Júlio e do delegado. Fotos do corpo, do local onde a bala atingiu a parede, do refeitório em geral e da despensa onde foi achada a toalha.

Terminados os trabalhos do Sr. Miguel, fomos informados por ele que até a tarde ele revelaria os negativos.

Enquanto acompanhávamos o fotógrafo até a porta, solicitando sigilo sobre as fotos e sobre o ocorrido, Júlio e o prefeito conversavam em particular.

Júlio então falou ao delegado:

– Faremos o seguinte: enquanto eu, Alencar e o Dr. Lauro iremos tratar com a imprensa, para que não se divulgue nada a respeito, você toma as providências com relação ao corpo e trata de avisar o major. Aceite todas as exigências dele, exceto, é claro, deixar a investigação por conta do exército.

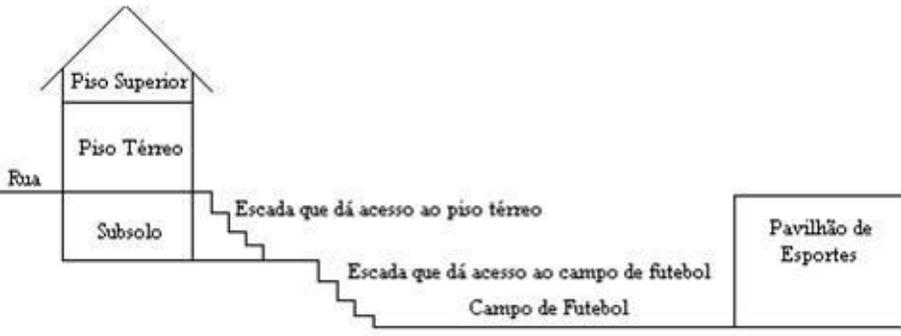
– Perfeitamente.

– Então, depois que terminarmos lhe procuramos para saber como foi.

– Estamos combinados - disse o delegado num gesto de despedida.



Planta do Subsolo do Colégio São José



Perfil do Colégio São José

## – Capítulo 9 –

### – Sábado, Meio da Manhã –

#### – Tentativa de Abafar o Caso –

Já estávamos há bastante tempo no gabinete do prefeito de Porto União, Dr. Lauro Müller Soares, aguardando os responsáveis pelos meios de comunicação das cidades, quando foram introduzidos na sala dois homens: Aristides Adam, responsável pela rádio União e Ari Milis, responsável pelo jornal O Comércio.

– Isso é tudo que há de imprensa aqui? - perguntou Júlio ao prefeito.

– Não, há mais - respondeu o Dr. Lauro. Onde estão os outros? - perguntou ao funcionário que trouxe os homens.

– Tinham compromissos e pediram desculpas por não poderem comparecer, mas mandaram avisar que viriam assim que possível.

– Não tem problema - disse o detetive. Depois você dá o recado a eles, Dr.

– Qual o problema, Doutor? - perguntou o Sr. Ari Milis.

– Temos uma informação que vocês irão adorar. Matéria de primeira página. Logo começarão os boatos, mas nós os chamamos aqui para que vocês não divulguem nada por enquanto.

– Mas do que se trata? - perguntou o Sr. Aristides Adam.

– O Capitão Sérgio da Silva foi encontrado morto...

Os olhares dos dois homens se cruzaram e uma expressão de surpresa se formou nos seus rostos.

– ... E nós não queremos que seja divulgado nada até que se concluam as investigações.

– Mas como foi isso? - perguntou o Sr. Adam.

– O corpo foi encontrado hoje, no refeitório do Colégio São José, ele morreu durante o jantar da Igreja, ontem.

– Suspeitamos de assassinato, mas temos que investigar primeiro - disse Júlio, dando uma piscadela para o prefeito.

– Como que vocês querem que a gente esconda isso? - falou o Sr. Ari. Um fato dessa magnitude não pode ser omitido do povo.

Júlio me olhou, fez uma expressão de desgosto e balançou a cabeça num sinal de negação.

– Veja bem Sr. Ari, não estamos pedindo para vocês omitirem o fato. Estamos pedindo para que vocês esperem um pouco até divulgarem - tentou negociar o prefeito.

– Quanto tempo? - perguntou, num tom impositivo.

– Até que sejam concluídas as investigações - respondeu o prefeito.

– Muito tempo. Não podemos omitir esse fato por tanto tempo.

– Três dias - falou o detetive. Em três dias o delegado passará todas as informações relativas ao caso. O que de fato aconteceu, como aconteceu, tudo. Vocês terão uma história e tanto para publicar.

– Só três dias! - exclamou o Sr. Adam.

– Se em três dias o delegado não tiver a solução do caso nas mãos, vocês podem divulgar a morte do capitão, antes não, por favor - disse Júlio.

– Tudo bem - concluiu o Sr. Ari. Três dias nós podemos segurar a notícia. Se não passarem-nos

todas as informações a respeito, publicaremos o que sabemos.

– Estamos combinados - disse o detetive, apertando as mãos dos dois presentes, num gesto de despedida.

Saímos da prefeitura, eu e o detetive, deixando o prefeito instruído a solicitar aos responsáveis pelos outros meios de comunicação das cidades que não divulgassem nada a respeito do assassinato antes de três dias.

Seguimos então até a delegacia, que ficava na esquina da Rua Prudente de Moraes com a rua XV de Novembro, que era a rua que passava em frente à Igreja Matriz de Porto União. Esperamos pelo Dr. João Ferrário Lopes até pouco passado das onze horas.

Tão logo ele chegou, Júlio, já impaciente, começou a interrogá-lo a respeito da conversa com o Major Mello:

– Então? Como foi?

– Foi complicado convencer o homem. Mas ele concordou que continuássemos com as investigações, desde que o mantivéssemos a par de tudo e, principalmente, não divulgássemos nada que ele não autorizasse.

– E se não cumpríssemos as suas exigências, o que aconteceria? - perguntou o detetive.

– Ele designaria alguém do exército para prosseguir com as investigações.

– E o corpo? - perguntei

– Está no Hospital São Brás. Retiramos num saco preto e ninguém viu de onde o corpo estava vindo, nem de quem se tratava. No hospital deixei avisado que ninguém deveria abrir o saco a não ser o Dr. Lauro.

– Melhor impossível! Não será difícil cumprir as exigências do major - falou Júlio. Pois bem delegado, eu e Alencar vamos almoçar agora, logo após o almoço nós nos encontramos para começar a interrogar os suspeitos.

– Então eu passo na pensão há uma hora.

– Ótimo! Até lá então - disse o meu amigo, despedindo-se do delegado.

Despedi-me dele também e seguimos para o hotel. No caminho, Júlio comentou comigo:

– Muito estranho o major ter aceitado que nós assumíssemos as investigações do caso, não acha, Alencar?

– Não sei, talvez por causa de tua fama. Ele deve saber que nenhum investigador militar é páreo para o grande Detetive Júlio Braun.

– Nem que eu fosse o próprio Scherlock Holmes deixariam o assassinato de um militar nas mãos de um investigador civil. Isso está ficando cada vez mais estranho.

– Vai ver o major também não gostava do capitão e achou que seria perda de tempo mobilizar um investigador do exército para investigar o seu assassinato.

– Você pode ter razão...

Era inacreditável. Essa cidade era mesmo incrível. Pela segunda vez desde que havíamos chegado, Júlio havia concordado com uma hipótese minha.

– ... Mas acho difícil.

Ou melhor, quase concordado.

## – Capítulo 10 –

### – Sábado, Meio Dia –

### – Um Suspeito Com Uma Pistola 45 –

O movimento no restaurante do hotel era bem menor que no dia anterior, provavelmente por ser sábado. Já estávamos acomodados, esperando a Srta. Alice nos trazer os pratos, quando o Sr. Schumann entrou carregando um saco. Passou rápido por nós, sem dar tempo de convidar-lhe para almoçar conosco. Já haviam nos servido os pratos quando o Sr. Schumann desceu novamente:

– Sr. Schumann, almoça conosco? - perguntei enquanto ele passava.

– Claro. Só vou falar com um amigo meu - respondeu, indicando uma mesa onde estavam dois soldados do exército.

Júlio e eu ficamos observando nosso colega, afinal, ele era um dos suspeitos de ter assassinado o Capitão Silva. Ele se sentou à mesa dos soldados, trocou algumas palavras e então retirou da cintura um objeto que me deixou estarecido, e acredito que provocou o mesmo efeito no detetive. Tratava-se de uma pistola 45, usada pelos oficiais do exército. O Sr. Schumann colocou a arma na mesa e, como se fosse a coisa mais natural do mundo, entregou-a a um dos soldados, retornando logo em seguida à nossa mesa.

– Quem você andou matando? - perguntou Júlio, ironicamente.

– Um gambá.

– Nunca percebi que ele cheirava mal - comentei.

– Como assim?

Júlio chegou perto do ouvido do nosso colega e cochichou-lhe a novidade.

– O quê? - uma expressão de espanto surgiu no rosto do Sr. Schumann.

– Desde quando você estava de posse daquela arma? E com que propósito? - interrogou-lhe Júlio.

– Vocês estão querendo insinuar que eu matei aquele miserável? - levantou e esbravejou nosso colega.

– Calma Guido! Fale baixo! - falei, na tentativa de acalmá-lo.

– Eu não matei ninguém - ele cochichou com raiva. Querem saber? Eu não vou ficar dando satisfação da minha vida para vocês - disse, já se retirando.

A Srta. Alice cruzou com ele no salão e perguntou:

– Você não vai almoçar, Guido?

– Perdi a fome - respondeu ele secamente.

– Que bicho mordeu ele? - ela perguntou se dirigindo a nós.

– Um suposto gambá - respondi.

Ela nos olhou com uma expressão de interrogação, sem ter entendido a minha colocação e prosseguiu servindo as mesas.

Enquanto eu terminava meu almoço, Júlio levantou e foi falar com o soldado para quem o Sr. Schumann havia entregado a arma. Fez algumas perguntas ao homem, que retirou a arma do coldre e examinou o pente. O detetive logo retornou.

– O soldado emprestou a arma para o Guido ontem à tarde. Ele disse que precisava da arma para

matar um gambá que rondava a fundição onde ele trabalha - disse-me Júlio.

– Ou dar um tiro em um certo capitão, como ele disse ontem que faria.

– Ou os dois - completou Júlio. Ele usou duas balas da arma. Vamos confirmar essa história do gambá.

Subimos até o quarto do Sr. Schumann. Estava para bater na porta quando ela se abriu, surgindo então o nosso suspeito, carregando o saco que possuía quando chegou ao hotel.

– O que vocês querem agora?

– Guido, esse negócio é sério. Você é suspeito de ter assassinado o Capitão Silva. Daqui a pouco um oficial de justiça vai trazer uma intimação e você terá de explicar tudo direitinho para o Delegado Lopes e para mim - disse Júlio, sem meias delongas.

– Agora isso! - exclamou o Sr. Schumann. Até morto aquele capitão me incomoda.

– A gente conversa sobre isso depois, na delegacia. Lá você conta tudo o que sabe - disse o detetive. O que há no saco?

– O bicho que matei hoje cedo com a arma que emprestei de meu colega - respondeu abrindo o saco, que continha um gambá morto.

Júlio tirou o bicho de dentro do saco e examinou-o. Uma perna do animal estava totalmente arrebatada. Uma parte da paleta também estava destruída.

– Que estrago! - exclamou Júlio. Porque dois tiros?

– Por ele não morreu com o primeiro. O que você acha?

– Com uma pistola calibre 45 você precisou de dois tiros para matar um gambá? - perguntou o detetive.

– Sim. E daí?

– Menos mal - concluiu Júlio.

– Agora se me dão licença, vou enterrar o defunto - disse o Sr. Schumann.

– Não mencione, em hipótese alguma, que o capitão foi assassinado, por favor. Se perguntarem diga apenas que ele foi encontrado morto - o detetive pediu ao nosso colega.

– Farei o possível - respondeu o Sr. Schumann, de modo não muito convincente, enquanto se retirava.

Júlio ficou alguns segundos pensando então me disse:

– Ele tinha o motivo, a arma e a oportunidade - olhou-me coçando o queixo. Tomara que esse gambá tenha sido mesmo sua única vítima.

## – Capítulo 11 –

### – Sábado à Tarde –

### – Declarações do Cabo Emílio Fontoura –

Repousava em meu quarto, quando por volta de uma e meia da tarde Júlio bateu na minha porta e gritou do corredor:

– Acorda Alencar! Vamos à delegacia interrogar os suspeitos.

Levantei prontamente e segui Júlio até o saguão do hotel onde o delegado esperava por nós enquanto trocava algumas palavras com a Dona Catarina.

Estávamos para nos retirar quando os dois filhos menores da Dona Catarina passaram correndo por nós, praticamente nos atropelando, o menor na frente e o maior atrás com um estilingue pendurado no pescoço. A mãe das crianças saiu atrás deles:

– Arno! Ademar! - gritou ela e depois esbravejou alguma coisa em alemão.

– O que será que ela disse? - perguntou-nos o delegado, quando já estávamos na rua.

– Não sei - respondeu Júlio. Mas coisa boa é que não foi.

Já na rua, o delegado nos informou que havia falado com cada um dos suspeitos, pedindo para que eles fossem até a delegacia, a partir das duas da tarde, prestar declarações sobre a morte do Capitão Sérgio da Silva.

– Encheram-me de perguntas, mas eu não disse nada. Falei que tudo seria respondido na delegacia - completou o delegado.

– Ótimo. Quanto menos comentário surgir melhor - disse Júlio.

Entrávamos no carro de polícia quando observei que algumas pessoas, que se encontravam em frente a um salão de beleza que havia à esquerda do hotel, comentavam algo e apontavam em nossa direção. Consegui distinguir as palavras capitão, morto e colégio, o que indicava que a história já havia vazado.

– Você ouviu isso, Júlio? - perguntei ao meu amigo, já dentro do carro.

– Ouvi - respondeu ele. Isso era inevitável, o importante é não tornar nada oficial por enquanto.

Seguimos para a delegacia, onde já se encontravam na sala de espera o Sr. Eurico Cleto, Cabo Emílio, Sargento Maginski e Sr. Gaspari. Mal entramos, eles já levantaram e encheram o delegado de perguntas:

– Como ele morreu?... Vocês estão achando que eu matei ele?...

– Acalmem-se! Logo responderemos tudo o que vocês quiserem saber. Aguardem um minuto - falou o delegado, entrando em uma sala, seguido por Júlio.

– E eu faço o que? - perguntei aos dois.

– Você pode acompanhar os depoimentos - disse o delegado Lopes. Desde que permaneça em silêncio.

Fiz um gesto com a cabeça concordando com a condição imposta enquanto entrava na sala com os dois.

Tratava-se da sala do delegado, onde havia a sua mesa, uma estante, um arquivo e as bandeiras nacional, do estado de Santa Catarina e do município de Porto União, dispostas atrás da mesa, próximas

à janela. Observei a bandeira de Porto União, que era inteira branca com um escudo no meio.

– Acho que houve um problema na hora de confeccionar essa bandeira delegado. A grafia de “sempre” está errada. Está escrito “semper”.

Realmente, lia-se no escudo a palavra “semper”, grafada dessa forma.

– É assim mesmo - disse, rindo, o delegado. É latim.

– Eu sei. Estava só brincando.

Mentira. Eu realmente havia pensado que se tratava da palavra “sempre” escrita de maneira incorreta.

Um tanto constrangido pela gafe, puxei uma cadeira e sentei em um canto da sala. O delegado abriu a porta e chamou o primeiro suspeito, Cabo Emílio Fontoura.

Júlio ficou em pé, encostado na janela. O delegado tomou sua cadeira e o suspeito sentou-se em uma das cadeiras em frente à mesa.

O delegado deu início ao interrogatório, que transcreverei em forma de diálogo:

Delegado: – Pois bem, Cabo Emílio Fontoura, o motivo de eu ter lhe chamado aqui, como já lhe disse, é que o Capitão Silva morreu...

Cabo Emílio: – Como isso aconteceu?

Delegado: – Caso você não saiba, o Capitão Silva foi assassinado com um tiro na testa, no refeitório do Colégio São José, durante o jantar da Igreja ontem. Seria bom que você soubesse que a arma usada no crime foi uma pistola 45, e a bala que matou o capitão era uma bala militar.

Cabo Emílio, visivelmente nervoso: – Vocês estão achando que fui eu?.. Não fui eu não... Eu nem estava com minha arma ontem.

Delegado: – Você tinha algum motivo para querer matá-lo?

Cabo Emílio: – Não, claro que não... Eu não gostava muito dele não, mas querer matá-lo é demais... Se vocês quiserem, eu deixo minha arma com vocês, para fazerem o exame de balística.

Júlio: – Não temos tempo para um exame de balística. Teremos que chegar à solução desse caso através dos fatos... A propósito, uma promoção frustrada não seria motivo suficiente para matá-lo?

Cabo Emílio, surpreso: – Quem lhe contou essa história?

Júlio: – Ninguém contou. Eu ouvi a sua discussão com o Sargento Maginski. O que você tem a dizer sobre isso?

Cabo Emílio: – É verdade. Era para eu ser promovido, mas o Capitão Silva indicou o Carlos... Mas eu não matei ele. De que adiantaria afinal? Ele já havia indicado o Carlos mesmo.

Delegado: – Você esteve boa parte do dia com o capitão, não esteve?

Cabo Emílio: – Sim. Pela manhã nós estávamos de serviço e saímos para almoçar juntos. Depois do almoço eu retornei ao quartel, mas o capitão tinha a tarde livre, tinha que ir ao dentista, se não me engano. Voltei a encontrá-lo somente no jantar, e foi a última vez que o vi.

Delegado: – Você observou alguma coisa diferente no comportamento do Capitão Silva nesses últimos dias?

Cabo Emílio: – Sabe que ontem ele estava mesmo meio ansioso, inquieto.

Júlio: – O que você fez ontem das dez e meia da noite até a hora em que foi dormir?

Cabo Emílio: – Às dez e meia estávamos bebendo e conversando, se não me engano. A certa altura eu fui ao banheiro, depois saí do colégio com os outros, e então segui até a casa de minha mãe, onde dormi até hoje cedo.

Júlio: – E na hora que você foi ao banheiro, não percebeu nenhuma movimentação estranha no refeitório?

Cabo Emílio: – Não.

Delegado: – Nenhum barulho? Luz acesa?

Cabo Emílio: – Não, nada.

Júlio: – O que você disse ao capitão para atraí-lo para o refeitório, às onze horas?

Cabo Emílio: – Como assim? Não entendi?

Júlio: – Então eu explico: Você atraiu o Capitão Silva para o refeitório, disse-nos que iria ao banheiro e entrou no refeitório também. Enquanto discutiam, você enrolou uma toalha na arma que levou escondida, atirou nele, eliminando assim a pedra do seu caminho, não é mesmo?

Cabo Emílio: – É claro que não... Meu Deus, eu já disse que não matei ele... Antes de me acusar, por que não fazem um teste da minha arma?

Júlio: – Porque você poderia ter pego a arma de qualquer oficial para fazer o serviço... Mas não se preocupe que não foi uma acusação, foi só uma suposição.

Cabo Emílio: – Tudo bem... Mas é só de mim que vocês desconfiam?

Júlio: – Não. Mas você é um dos principais suspeitos. Você tinha um motivo e fácil acesso a uma pistola 45... Você sabe quem dos presentes naquela mesa ontem teria motivo maior que o seu para querer matá-lo?

Cabo Emílio, hesitante, começa a falar alguma coisa, desiste e então diz: – Bom, depois do ocorrido na câmara, acredito que o Sr. Gaspari teria motivo suficiente para querer vê-lo morto.

Júlio: – E o que ocorreu?

Cabo Emílio: – O Capitão Silva foi à reunião da câmara há umas duas semanas e, resumindo o seu discurso, chamou o Sr. Gaspari de incompetente. Disse que ele era um molenga na presidência da câmara, que não tinha voz para nada, que era pau mandado e coisas do gênero. O Sr. Gaspari até se defendeu bem, mas o tom de ofensa usado pelo capitão foi pior.

Delegado: – E por que o capitão fez isso?

Cabo Emílio: – Ele havia pedido para o Sr. Gaspari que desse um jeito de adiantar a instalação do sistema de saneamento na rua onde mora a Srta. Maria Eugênia, mas este disse que a instalação estava sendo feita segundo um plano de prioridade votado previamente e que ele não poderia fazer nada.

Júlio: – Mas por que esse interesse do capitão para com a rua da Srta. Maria Eugênia?

Cabo Emílio: – Imagino que tenha sido um pedido dela própria. Ela mora em um lugar mais isolado e vai demorar um bocado até chegarem com o saneamento lá... E todos sabem que o capitão era apaixonado por ela e faria qualquer coisa que ela pedisse.

Júlio, coçando o queixo: – Interessante...

Delegado: – Acho que é tudo, cabo. Queria informá-lo que você está proibido de se retirar da cidade antes de concluídas as investigações. Peço também que não diga nada a respeito do acontecido, apenas que o capitão morreu e estamos investigando.

Cabo Emílio, levantando da cadeira: – Não direi nada e também não irei a lugar algum.

Após o Cabo Emílio deixar a sala, o delegado perguntou a Júlio:

– O que achou desse?

– Ele sabe de algo mais, mas prefiro não tirar nenhuma conclusão precipitada.

## – Capítulo 12 –

### – Sábado à Tarde –

### – Prosseguem os Interrogatórios –

Antes de chamar o segundo suspeito, o Delegado Lopes pegou um café e ofereceu também para mim e Júlio. Engolimos o café em um gole, e o delegado, então, foi até a porta e chamou o Sr. João Nitto Gaspari, de quem o Cabo Emílio havia desconfiado.

O presidente da Câmara de Vereadores de Porto União entrou, cumprimentou-nos e antes de sentar, perguntou ao delegado, com uma expressão de interrogação no rosto:

– Como ele pode ter morrido sem ninguém ter visto?

– Antes queira sentar-se, por favor, – disse o delegado, indicando a cadeira em frente a sua mesa.

Percebi que Júlio ficou observando muito atentamente a expressão do Sr. Gaspari antes que o delegado desse início ao interrogatório.

Delegado: – Pois bem Sr. Gaspari, como você já sabe, o Capitão Silva foi encontrado morto hoje cedo... O que você não sabe é que ele foi assassinado, entre onze e onze e vinte e cinco da noite de ontem, no refeitório do Colégio São José. Suspeitamos seriamente que uma das pessoas que estavam no jantar do colégio ontem, nesse horário, matou o capitão.

Sr. Gaspari: – Isso quer dizer que eu sou suspeito?

Delegado: – Exatamente.

Júlio: – Você possui alguma arma?

Sr. Gaspari: – Tenho sim, um revólver 38, mas nunca usei. Posso trazê-lo para vocês averiguarem.

Júlio: – Não será necessário. A arma que matou o capitão foi uma pistola 45.

Delegado: – Você tinha algum motivo para querer matá-lo?

Sr. Gaspari: – Bom, se eu disser que gostava dele estarei mentindo, mas nunca desejei-lhe a morte.

Júlio: – O que você tem a dizer sobre o ocorrido na câmara há duas semanas?

Sr. Gaspari: – Vejo que está bem informado detetive. Realmente foi um fato nada agradável, mas não passou de uma crítica totalmente sem cabimento... Se eu fosse matar todos que me criticam, já teria pelo menos umas seis mortes nas costas.

Delegado: – Ontem, segundo me foi informado, por volta das onze e dez da noite, você foi ao banheiro, sendo dos presentes naquela mesa, o primeiro a fazê-lo, certo?

Sr. Gaspari: – Eu não sei que horas era, mas pelo que lembro, fui eu sim, o primeiro a ir ao mictório. Por quê?

Delegado: – Você não percebeu nada de estranho no refeitório? Barulho? Luz acesa?

Sr. Gaspari: – Não. Nem barulho, nem luz. Mas eu reparei que a porta do refeitório estava entreaberta.

Júlio: – Eu já acho que você combinou de, por algum motivo, encontrar-se com o Capitão Silva no refeitório do colégio e ao dizer-nos que iria ao banheiro, você entrou lá, pegou uma pistola 45 que levou escondida, enrolou-a em uma toalha para abafar o som do tiro, acertou o capitão bem no meio da testa e saiu, deixando a porta entreaberta. O que eu quero saber é onde você conseguiu uma pistola 45? E o que você disse ao capitão para atraí-lo até o refeitório?

Sr. Gaspari: – Desculpe detetive, mas você está equivocada. Não aconteceu nada disso que você disse. Eu não consegui pistola nenhuma e não disse nada para o capitão, muito pelo contrário, não tive vontade nenhuma de dirigir minha palavra a ele.

Júlio: – E o que aconteceu então?

Sr. Gaspari: – Eu fui ao banheiro, fiz o que tinha que fazer e voltei.

Júlio: – Você tem certeza que a porta estava aberta?

Sr. Gaspari: – Tenho. Eu achei estranho, mas não dei importância.

Delegado: – Pois bem, Sr. Gaspari, quero pedir para que você não deixe a cidade até que sejam concluídas as investigações e também que não comente, em hipótese alguma, que ele foi assassinado. Se não for possível evitar o assunto, diga apenas que ele morreu e estamos investigando. Você está dispensado. Se precisarmos de mais alguma informação lhe procuraremos.

Ele levantou, cumprimentou-nos num gesto de despedida e quando já estava na porta, Júlio perguntou-lhe:

– Só mais uma coisa Sr. Gaspari, você tem idéia de quem pode ter assassinado o capitão?

– Foi com uma arma militar, não foi?.. Parece muito óbvio para mim... Agora se você me perguntar qual dos dois, eu realmente não tenho idéia.

Enquanto o delegado chamava o gerente da Caixa Econômica Federal, o Sr. Eurico Cleto, para o interrogatório, eu levantei para falar com Júlio, mas ele estava totalmente concentrado, mergulhado nos seus pensamentos e não quis incomodá-lo.

O Sr. Eurico Cleto entrou, tomou o lugar indicado pelo delegado, eu retornei à minha cadeira e Júlio, ignorando totalmente a presença do suspeito, retirou sua caderneta e passou a fazer algumas anotações.

Sr. Eurico Cleto: – Por que tudo isso? O que eu tenho haver com a morte dele?

Delegado: – Tem que ele foi assassinado no refeitório do colégio, entre as onze e onze e vinte e cinco da noite de ontem e, ao que me consta, você estava lá nesse horário.

Sr. Eurico Cleto, surpreso: – Nossa! Assassinado?.. É, eu estava... Mas o detetive e o Sr. Alencar ali também estavam..

Delegado: – Isso é verdade. Mas eles não saíram daquela mesa no intervalo de tempo em que o capitão foi morto... E você sim..

Sr. Eurico Cleto: – Mas eu fui ao banheiro... Aliás, como quase todos que estavam ali.

Júlio: – Isso é o que você diz... Eu digo que ao invés de ir ao banheiro, você entrou no refeitório, disfarçadamente enrolou uma toalha na pistola que levou escondida, atirou no capitão e retornou até a mesa como se nada tivesse acontecido. Agora eu te pergunto: onde você conseguiu a pistola e que motivo você tinha para matar o capitão?

Sr. Eurico Cleto: – Ficou maluco homem! Eu não consegui pistola nenhuma, eu nem tenho arma.

Delegado: – O capitão já fez algo contra você ou alguém próximo?

Sr. Eurico Cleto: – Não, absolutamente... Com certeza irão falar da discussão que a gente teve no banco semana passada, mas isso nunca seria motivo para eu matar alguém.

Delegado: – Que discussão?

Sr. Eurico Cleto: – Ele queria fazer um empréstimo, mas eu disse que para isso eu teria que verificar os documentos que ele havia levado. Então, sem motivo nenhum, ele se indignou, disse que ele não precisava disso, que era capitão do exército. Eu tentei explicar que bastava um telefonema para verificar os seus documentos, mas ele se opôs e protestou veementemente. Chamou-me de gerentinho de meia tigela e tudo mais. E no fim da história ficou sem o seu empréstimo.

Júlio: – Então ele não deixou, de forma alguma, você verificar os seus documentos?

Sr. Eurico Cleto: – Não.

Júlio, coçando o queixo: – Interessante...

Delegado: – Quando o detetive fala “interessante”, quer dizer que chegamos ao fim. Devo adverti-lo para não sair da cidade até segunda ordem e para não comentar, sob nenhuma circunstância, que o capitão foi assassinado. No máximo que ele morreu e que estamos investigando.

Sr. Eurico Cleto: – Tudo bem. Farei como querem.

Júlio: – Só mais duas perguntas, quando você foi ao banheiro, a porta do refeitório estava aberta ou fechada?

Sr. Eurico Cleto: – Não sei, não reparei.

Júlio: – Não percebeu nenhum barulho ou luz acesa no refeitório?

Sr. Eurico Cleto: – Não tinha barulho nenhum e, pelo que eu lembre, a luz estava apagada.

Júlio: – Era só isso.

O suspeito se retirou e Júlio passou a escrever em sua caderneta, quando o delegado lhe perguntou:

– O que achou dessa história dos documentos?

– No mínimo estranho. Mas serviu para ressaltar minhas suspeitas.

– E de quem você suspeita, Júlio? –perguntei.

– São suspeitas sobre a vítima e não sobre o assassino – respondeu ele pensativamente.

– Depois falamos sobre isto - disse o delegado. Vamos ao próximo suspeito.

Faltavam dez minutos para as três da tarde quando o Delegado Lopes chamou o Sargento Carlos Maginski, que entrou, cumprimentou-nos e tomou o seu lugar.

Delegado: – Então sargento, o que você tem a declarar sobre a morte do Capitão Silva?

Sargento Maginski: – Nada. Não sei nem o que aconteceu, como posso declarar alguma coisa?

Delegado: – Então você não sabe que ele foi assassinado ontem, com um tiro no meio da testa, sendo que a bala que o matou era uma bala militar calibre 45?

Sargento Maginski, surpreso: – Assassinado?.. Não pensei que fosse tão sério... Mas como foi isso? Vocês estão achando que fui eu?

Delegado: – Ele foi morto entre onze e onze e vinte e cinco da noite de ontem, no refeitório do Colégio São José e, ao que me consta, você saiu da mesa para ir ao banheiro exatamente nesse intervalo de tempo.

Sargento Maginski: – Sim, mas eu não estava com a minha arma ontem.

Júlio: – Quando você foi ao banheiro, ouviu algum barulho no refeitório? Lembra se a luz estava acesa ou apagada?

Sargento Maginski: – Não ouvi barulho nenhum e a luz estava apagada.

Júlio: – Lembra se a porta do refeitório estava aberta ou fechada?

Sargento Maginski: – Agora que você falou, eu lembro que a porta estava entreaberta.

Delegado: – Você tinha algum motivo para querer a morte do capitão?

Sargento Maginski: – Não. Claro que não.

Júlio: – O que você tem a dizer sobre a sua promoção e não a do Cabo Emílio?

Sargento Maginski: – Isso foi uma opção do capitão. Na verdade era para o Emílio ser promovido, mas como eu estava mais próximo dele, ele indicou a mim.

Júlio: – Quando você foi promovido?

Sargento Maginski: – Há um mês.

Delegado: – Você tinha algo contra o capitão?

Sargento Maginski: – Não. Já disse que não. Ele era bem arrogante, conviver com o homem não era fácil, mas eu não tinha nada contra ele.

Júlio: – Por que você se fazia de amigo dele?

Sargento Maginski, surpreso: – Quem lhe disse isso?

Júlio: – Ninguém disse, eu ouvi. Eu ouvi a tua discussão com o Cabo Emílio na saída do restaurante ontem e você falou para ele que se fazia de amigo do capitão. Por que você se fazia de amigo dele?

Sargento Maginski, pensa por alguns segundos, hesita, então diz: – Eu não estou autorizado a falar sobre isso.

Delegado: – Como assim?

Sargento Maginski: – Ordens superiores. Eu não posso comentar nada sobre esse assunto.

Júlio: – E se eu dissesse que ao invés de ir ao banheiro você entrou no refeitório, enrolou uma toalha na arma que levou escondida e, por um motivo que você não pode comentar por causa de ordens superiores, atirou no meio da testa do capitão, retornando em seguida até a mesa conosco...

Sargento Maginski: – Eu diria que eu fui ao banheiro e retornei a mesa logo depois, ponto. Nada a mais, nada a menos... Se quiserem mesmo saber o porquê de eu me aproximar do capitão, perguntem ao major. Eu apenas sigo as ordens dele.

Delegado: – Faremos isso... Por enquanto é tudo, sargento. Peço para que não deixe a cidade até o fim das investigações. Se precisarmos de algo mais, voltamos a lhe procurar... Tem mais alguma pergunta, detetive?

Júlio: – Não. Por enquanto é só... Gostaríamos que você não comentasse nada sobre o que foi dito aqui, sargento.

Sargento Maginski: – Tudo bem. Estarei à disposição para o que precisarem.

Depois que o sargento se retirou, Júlio tomou sua caderneta, anotou alguma coisa, bateu com o lápis no queixo por alguns segundos enquanto pensava, anotou novamente mais alguma coisa e finalmente comentou.

– Isto está ficando cada vez mais interessante.

## – Capítulo 13 –

### – Sábado à Tarde –

### – Últimos Depoimentos na Delegacia –

Aparentemente com pressa, o delegado olhou no relógio, foi até a porta e chamou o Sr. José Maurício Friedrich para o interrogatório.

– Chame o Sr. Arno Friedrich também, para ganharmos tempo – sugeriu o detetive.

A sugestão foi aceita pelo delegado, que chamou então os dois irmãos dentistas para serem interrogados.

Os irmãos Friedrich entraram e tomaram as cadeiras indicadas pelo Delegado Lopes. Júlio, recostado na janela, observava atentamente a atitude dos dois homens que ali estavam.

Sr. Arno Friedrich: – Como ele morreu?

Delegado: – Foi assassinado, com um tiro na testa, no refeitório do colégio, durante o jantar da Igreja ontem...

Sr. Arno Friedrich, surpreso e nervoso: – Meu Deus! Assassinado?... Não foi a gente não. Pelo amor de Deus!.. Detetive, aquele problema no consultório foi totalmente irrelevante... Eu nunca mataria um homem por causa daquilo...

Sr. José Friedrich: – Fique quieto, Arno! Limite-se a responder o que for perguntado... Nervoso desse jeito, por mais que nós não tenhamos feito nada eles irão pensar o contrário.

Júlio: – Se vocês não sabem, o capitão morreu entre onze e onze e vinte e cinco da noite de ontem e exatamente nesse intervalo de tempo vocês foram ao banheiro. Podem me descrever os seus passos quando foram até lá?

Sr. José Friedrich: – Eu levantei, andei até o banheiro, fiz minhas necessidades, voltei e sentei de volta no meu lugar.

Sr. Arno Friedrich: – Eu fiz exatamente a mesma coisa e, pelo que lembro, todos que estavam naquela mesa foram ao banheiro pouco antes ou pouco depois de nós.

Júlio: – Quando foram ao banheiro, não perceberam nada no refeitório? Barulho? Luz acesa? Viram se a porta estava aberta ou fechada?

Sr. José Friedrich: – Não percebi nada. Lembro que a luz estava apagada e a porta eu não sei dizer se estava aberta ou fechada. Você percebeu alguma coisa, Arno?

Sr. Arno Friedrich: – Não. Estava muito apurado para reparar no refeitório.

Júlio: – Eu acho que um de vocês atraiu o capitão até o refeitório, disse-nos que iria ao banheiro, deu um tiro nele com a pistola que levou escondida e voltou até a mesa, como se nada tivesse acontecido. Tenho quase certeza que vocês estavam juntos nesse plano. As perguntas são: qual de vocês atirou nele? E onde vocês conseguiram uma pistola 45?

Sr. Arno Friedrich, novamente nervoso: – Pelo amor de Deus, detetive! A gente não matou ninguém... Não temos pistola nenhuma...

Sr. José Friedrich: – Acalme-se, Arno! Ele não acusou a gente de nada, é só algum tipo de teste... Se eu disser que sinto muito pela morte do capitão, será mentira, mas, definitivamente, não fomos nós que fizemos isso, nem juntos e muito menos por conta própria. Estamos limpos nessa.

Júlio: – Da minha parte é tudo. Alguma pergunta delegado?

Delegado: – Acredito que já foi tudo esclarecido. Por enquanto é só. Não deixem a cidade e não mencionem o fato do capitão ter sido assassinado até que se conclua as investigações.

Sr. Arno Friedrich: – Sim senhor. Como quiser.

Sr. José Friedrich: – Como vocês quiserem. Qualquer coisa a mais que precise ser esclarecida, procurem-nos.

Delegado: – Faremos isso.

Os irmãos deixaram a sala e, assim que fecharam a porta, Júlio, num salto, dirigiu-se até ela. Encostou o ouvido na porta, indicando-nos, com o dedo indicador nos lábios, para ficarmos em silêncio.

– O que foi, detetive? - perguntou o Delegado Lopes, depois que Júlio já havia deixado de ouvir pela porta.

–Se foi algum deles, fez sozinho, sem que o outro soubesse.

O delegado tomou um gole de café, foi até a porta e chamou o Sr. Schumann. Enquanto fazia isso, eu e Júlio tomamos um gole de café também.

Nosso colega entrou e sentou-se na cadeira em frente à mesa do delegado.

Delegado: – Imagino que já sabe o porquê você está aqui.

Sr. Schumann: – Já sim. O detetive já me contou a novidade. O Capitão Silva foi assassinado com um tiro e vocês estão achando que fui eu, certo?

Delegado: – Quase. A gente não desconfia só de você, mas de todos os que estavam no jantar da Igreja ontem e que foram ao banheiro entre onze e onze e vinte e cinco da noite. E você foi um deles.

Sr. Schumann: – Mas eu não estava com arma nenhuma ontem.

Júlio: – Mas você emprestou uma pistola 45 de um soldado colega seu.

Sr. Schumann: – Verdade. E usei-a para matar um gambá na fundição. Vocês viram o bicho.

Júlio: – Isso é. Mas eu ainda acho que uma das duas balas que você usou da arma foi endereçada a cabeça do capitão. Você não acha muita coincidência que, justo no dia em que você nos diz que se perdesse a paciência daria um tiro nele, você empresta a arma de um soldado, e na mesma noite o capitão é assassinado com uma arma militar, exatamente no mesmo intervalo de tempo em que você vai ao banheiro?

Sr. Schumann: – Acho. Acho muita coincidência sim. Deve ser praga daquele desgraçado. O que eu posso lhe dizer é que eu usei aquela arma para matar um gambá e, de qualquer forma, o capitão não havia me dado motivo para perder a paciência.

Júlio: – E quando você foi ao banheiro, percebeu algum barulho ou luz acesa no refeitório?

Sr. Schumann: – Não lembro, afinal, eu estava indo ao banheiro. Nessas condições você não presta atenção em muita coisa.

Júlio: – Então você não viu se a porta estava aberta ou fechada?

Sr. Schumann: – Não sei dizer.

Delegado: – Você tem idéia de quem pode ter assassinado o capitão?

Sr. Schumann: – Acredito que o Cabo Emílio tinha um bom motivo para querer matá-lo. Ele estava naquela mesa ontem e também levantou para ir ao banheiro. E ele tem uma pistola 45.

Delegado: – Bom, acho que é só. Se precisarmos esclarecer mais alguma coisa lhe procuramos. Não saia da cidade e não comente que o capitão foi assassinado até que terminemos as investigações.

Sr. Schumann: – Está certo. Estarei à disposição.

Depois que o nosso colega se retirou, o delegado olhou para o detetive e disse:

– Complicado, hein, Dr. Júlio?

–Calma homem. Depois temos que avaliar muito bem o depoimento de cada um deles e separar o essencial do insignificante.

Era três e vinte da tarde quando o delegado chamou a Srta. Maria Eugênia para depor.

Ela entrou na sala bastante nervosa, com lágrimas nos olhos e soluçando, sentando-se, em seguida,

na cadeira indicada pelo delegado.

Delegado: – Você quer um copo de água ou alguma coisa?

Srta. Maria Eugênia: – Não é necessário. Obrigada.

Delegado: – Srta. Maria Eugênia Maginski, você já sabe como o capitão morreu?

Srta. Maria Eugênia: – Não. Como foi?

Delegado: – Lamento informá-la que ele foi assassinado ontem, no refeitório do colégio, entre onze e onze e vinte e cinco da noite.

Srta. Maria Eugênia, chorando copiosamente: – Meu Deus!.. Quem poderia ter feito isto?

Júlio: – Você.

Srta. Maria Eugênia: – O que é isso? Por que eu o faria?

Júlio: – Por que você mesma não diz?

Srta. Maria Eugênia: – Eu não tinha motivo nenhum, muito pelo contrário.

Júlio: – Talvez um romance que não deu certo culminou na morte do capitão. Já vi vários casos assim. Diga-me senhorita, por que o relacionamento de vocês não deu certo?

Srta. Maria Eugênia, chorando novamente: – Não sei. Ele nunca me disse o motivo. Simplesmente disse que me amava, mas não poderia ficar comigo. Disse que se eu o amava mesmo eu teria que entender, que ele não poderia dar mais explicações.

Júlio: – Então foi ele quem pôs um fim no romance?

Srta. Maria Eugênia: – Foi.

Júlio: – E isso não é motivo suficiente para você ter entrado naquele refeitório quando disse-nos que iria ao banheiro e atirado no amado, que lhe rejeitou?

Srta. Maria Eugênia: – Tiro? Eu nunca peguei em um revólver... É claro que eu não fiz isso. Eu o amava... Eu acho que não estou me sentindo muito bem...

A Srta. Maria Eugênia Maginski, que já tinha a pele branca, ficou quase transparente. Levantei e peguei um copo de água para ela. Enquanto ela bebia a água, ouvi Júlio cochichando com o delegado:

– O que ela é do sargento?

– Prima

Depois que a suspeita recobrou a cor original do seu rosto, o delegado prosseguiu:

Delegado: – Está melhor? Podemos continuar?

Srta. Maria Eugênia: – Sim.

Júlio: – Prometo que não farei mais perguntas desagradáveis... Durante o jantar ontem, quando foi ao banheiro, você percebeu algum barulho ou luz acesa no refeitório? Lembra se a porta estava aberta ou fechada?

Srta. Maria Eugênia: – Não havia nenhum barulho, a luz estava apagada e a porta entreaberta... Ai meu Deus! Com certeza ele já estava morto lá dentro...

Júlio: – Se não foi você quem o matou, sim...

Delegado: – Por enquanto é só, senhorita. Não comente que o capitão foi assassinado e não saia da cidade até concluídas as investigações. Se precisarmos de mais alguma coisa lhe procuramos.

Srta. Maria Eugênia: – Tudo bem.

Depois que a Srta. Maria Eugênia se retirou o delegado nos olhou com uma expressão de decepção no rosto e disse:

- Parece óbvio para mim que um deles está mentindo, mas quem?

- O caso está se complicando cada vez mais, pois todos me pareceram muito convincentes – disse Júlio, retirando a boina xadrez da cabeça e passando a mão sobre ela.

- Imagino que o trabalho agora seja descobrir quem seria dissimulado o suficiente para parecer tão convincente como todos pareceram – comentei com meus colegas.

- O trabalho agora é encontrar mais peças para o quebra-cabeça e depois tentar encaixá-las –

respondeu-me Júlio.

- E onde começamos a procurar? – perguntou o Delegado Lopes

- Primeiramente temos que interrogar as demais pessoas que estavam naquela mesa ontem. A propósito delegado, você não convocou o Sr. Guilherme Helmuth para depor? – disse Júlio.

- Não. Convoquei apenas os suspeitos. Como o Sr. Alencar e frei Libório afirmaram que o Sr. Guilherme havia ido embora antes do ocorrido, não o considere suspeito – respondeu o delegado.

- Todo mundo é suspeito até que se prove o contrário – retrucou Júlio.

- Mas eu e o frei o vimos sair. Isso não basta para você, Júlio? – perguntei ao detetive.

- Claro. Você tem razão, Alencar – respondeu o meu amigo pensativamente. Caso contrário também seríamos suspeitos. De qualquer forma falaremos com frei Bertino e com o Sr. Guilherme. Quem sabe surge algum fato novo.

- Faremos isso agora mesmo – disse o delegado. Seria bom conversarmos também com o Major Mello ainda hoje.

## – Capítulo 14 –

### – Sábado à Tarde –

### – De Volta à Cena do Crime –

Saímos da delegacia por volta de vinte para as quatro, onde na calçada em frente o Sr. João Nitto Gaspari conversava com a Srta. Maria Eugênia Maginski e com o Sargento Carlos Maginski.

– Excelente vocês ainda estarem aí - disse o Detetive Júlio Braun aos três. Poderiam nos acompanhar até o Colégio São José, por favor?

– Podemos - respondeu o Sr. Gaspari, sendo sua resposta confirmada com um gesto de cabeça dos outros dois.

Seguimos então a rua XV de Novembro e ao passarmos em frente ao prédio onde se lia em uma placa “Foto Miguel”, Júlio falou:

– Sigam em frente que eu já os alcanço. Vou pegar umas fotos que o Sr. Miguel fez para mim.

Prosseguimos nosso caminho e já estávamos à porta do colégio quando o detetive nos alcançou, trazendo o envelope com as fotos na mão.

Fomos recebidos pelo frei Bertino, que, atendendo a um pedido de Júlio, nos conduzia até o refeitório.

– Poderiam esperar aqui um minuto? - perguntou o detetive, dirigindo-se ao Sargento Maginski e a Srta. Maria Eugênia, quando estávamos ainda dentro do colégio.

Os dois permaneceram no primeiro piso do prédio, em companhia do frei, enquanto eu, Júlio, o delegado e o Sr. Gaspari descemos até o subsolo, onde ficava o refeitório. Chegando a porta do refeitório, o detetive pediu ao Sr. Gaspari:

– Poderia nos mostrar como estava a porta quando você foi ao banheiro ontem?

– Como quiser - respondeu, abrindo a porta e deixando-a uns dez centímetros aberta. Estava exatamente dessa forma.

– Perfeito. Muito obrigado, era tudo o que eu queira - disse Júlio. Você poderia chamar a Srta. Maria Eugênia, por favor?

O Sr. Gaspari subiu novamente, sendo que logo em seguida a Srta. Maria Eugênia veio ter conosco. Nesse intervalo de tempo, Júlio já havia fechado a porta novamente.

– Mostre-nos como estava a porta quando você foi ao banheiro, por favor - pediu o detetive.

Ela abriu a porta, deixando-a exatamente como o Sr. Gaspari a havia deixado.

– Mais alguma coisa? - perguntou ela.

– Não. Era só isso - respondeu Júlio. Poderia pedir para o seu primo descer aqui um instante?

Ela retirou-se e, antes que o Sargento Maginski chegasse, Júlio fechou a porta novamente. Assim que ele chegou o detetive pediu também a ele que deixasse a porta como a havia visto na noite anterior, quando levantou da mesa para ir ao banheiro.

– Estava aberta um tanto assim - disse ele, deixando a porta também uns dez centímetros aberta.

Júlio passou a mão em sua barba rala, olhou para o chão pensativamente então olhou para o coldre do sargento, que estava fardado, e disse:

– Vejo que está com sua arma, sargento. Aguarde um instante que eu vou pedir para frei Bertino se podemos fazer um pequeno teste.

O detetive saiu dali e retornou minutos depois acompanhado do frei Bertino e dos outros dois suspeitos que estavam conosco no colégio. Entramos todos no refeitório onde o detetive pediu ao sargento que enrolasse a toalha de uma das mesas em sua arma.

– Quando eu der o sinal você atira - disse Júlio, depois que o sargento enrolou a toalha na arma.

Júlio atravessou o campo de futebol, entrou no pavilhão de esportes e se posicionou onde estava a mesa em que nos reunimos na noite anterior. Levantou a mão com o polegar estendido, sinalizando para o sargento efetuar o disparo. Este então, apontou sua arma para o chão e apertou o gatilho.

Nós, que estávamos dentro do refeitório, ouvimos um som seco, mas não muito forte. Júlio retornou e, chegando de volta ao refeitório, disse:

– Não ouvi nada.

O sargento retirou a toalha da arma, toalha essa toda destruída pelo tiro.

– Desculpe pela toalha, frei - disse Júlio. Mas era necessário confirmar se não ouviríamos o tiro se ele fosse, de fato, disparado dessa forma.

Começamos a conversar sobre o capitão e sua morte. A Srta. Maria Eugênia derramou algumas lágrimas novamente e enquanto falávamos, Júlio puxou uma cadeira e permaneceu pensativamente olhando para o vazio.

– Existe alguma possibilidade de alguém ter entrado aqui durante o jantar e esperado pelo capitão até as onze horas, frei? - perguntou o detetive.

– Acredito que não, pois eu acompanhei o Sr. Petry e sua esposa até a porta e eles foram os últimos a sair antes de nos reunirmos naquela mesa. Logo após me despedir deles, vim até o refeitório que estava com a porta aberta e a luz acesa. Conferi todo o aposento, inclusive a despensa, não havia ninguém. Apaguei a luz, encostei a porta e estava para trancá-la quando o Capitão Silva apareceu, acredito que vindo do banheiro e me pediu para ir até a mesa falar-lhes a respeito da fundação do colégio.

– Como estava a porta quando você a trancou, pouco antes de irmos embora? - perguntou o detetive.

– Estava entreaberta... Nem lembrei que a havia encostado... Se eu soubesse que o homem estava morto aqui dentro... - respondeu frei Bertino.

– Isso complica para o lado de vocês - disse o detetive aos três suspeitos.

– Eu ajudarei com o que puder nessa investigação - disse o Sr. Gaspari. Farei de tudo para provar minha inocência.

Despedimos-nos dos três suspeitos à porta do colégio, enquanto o delegado ainda fazia algumas perguntas ao frei Bertino a respeito da noite anterior.

Depois que os suspeitos já haviam ido embora, Júlio perguntou ao frei Bertino:

– Diga-me uma coisa, frei, eles falaram sobre a porta do refeitório enquanto aguardavam aqui em cima?

– Não. Falávamos sobre o ocorrido ontem, mas ninguém comentou sobre porta alguma.

Despedimos-nos do frei já passado das cinco horas. Seguimos até a delegacia e pegamos o carro de polícia para nos dirigirmos até a casa do Sr. Guilherme Helmuth, que era o único, dos que estavam naquela mesa ontem, com quem o detetive e o delegado ainda não haviam falado.

O Sr. Guilherme morava um tanto longe, segundo o delegado na via que dava acesso ao Quartel do Exército. Batemos na porta e fomos atendidos por ele próprio.

– Boa tarde! Aposto que vieram por causa do capitão. Já fiquei sabendo que ele morreu - disse-nos o Sr. Guilherme, fazendo-nos entrar.

Acomodamos-nos na sala, enquanto o Sr. Guilherme ia até a cozinha preparar-nos um café. Percebi que Júlio olhava por entre a fresta de uma porta entreaberta e, fazendo jus ao meu espírito curioso, dei uma espiada também.

Havia dentro de um quarto um homem em uma cadeira de rodas atendido por uma espécie de enfermeira. Era impossível dizer a idade dele, pois a metade direita do seu rosto estava totalmente

deformada.

Eu olhava atentamente aquele homem, numa mescla de dó e curiosidade, quando o detetive cutucou-me discretamente, com o intuito de me avisar que o Sr. Guilherme já havia retornado.

– Então, como ele morreu? - perguntou ele, enquanto servia-nos o café.

O delegado, mais uma vez, depois tê-lo feito a tarde inteira, contou as circunstâncias em que o capitão havia morrido.

– E de quem vocês suspeitam?

– De todos que estavam naquela mesa ontem - respondeu Júlio, adiantando-se ao Delegado Lopes.

– Mas eu fui embora antes das onze horas - disse o Sr. Guilherme em sua defesa.

– Sim. Nós sabemos. O Alencar aqui e frei Libório o viram sair - falou o detetive. Poderia nos dizer tudo o que você fez ontem, desde as dez e meia da noite até a hora que chegou em casa?

– Às dez e meia estávamos na mesa. Pouco antes das onze eu saí e fui até a Igreja falar com o frei Gentil. Depois eu vim para casa.

– O que você fez nos cotovelos? - perguntou o detetive, reparando em um ferimento nos cotovelos do Sr. Guilherme.

– Machuquei esses dias.

– Isso eu vi, mas aonde? - insistiu o detetive.

– Aqui em casa, por quê?

– Nada não. Mera curiosidade - concluiu Júlio.

– Desculpe, Sr. Guilherme, mas tenho que perguntar - disse eu. Quem é aquele senhor naquele quarto? E o que houve com ele?

– É meu tio. Ele veio da Alemanha há pouco tempo, sofreu um acidente com a explosão da uma caldeira lá - respondeu ele. Venham aqui, deixe-me apresentá-lo a vocês.

Fomos até o quarto onde estava o tio do Sr. Guilherme. Aquele homem desfigurado, de olhos claros e cabelos castanhos nos olhou de maneira um tanto apreensiva. Fomos apresentados à enfermeira, Srta. Marlene, que por sinal era muito bela. O Sr. Guilherme falou alguma coisa em alemão para o seu tio, que respondeu algo também em alemão e então nos estendeu a mão com certa dificuldade.

– Frantz Helmuth - apresentou-se o homem.

Quando Júlio foi cumprimentá-lo, percebi que ficou olhando para o pulso do Sr. Frantz, onde havia uma enorme cicatriz.

O delegado passou a questionar o Sr. Guilherme a respeito do acidente de seu tio. Júlio, aparentemente entediado com a conversa, deixou o quarto e retornou a sala. Alguns minutos depois aquela conversa também havia me entediado e fui então à sala com meu amigo.

O detetive estava parado de frente para a estante da sala, com um prato usado para enfeitar a estante nas mãos. Ele observava o prato que era inteiramente branco na parte superior. Achei estranho usar um prato todo branco como enfeite e imagino que Júlio estava pensando o mesmo que eu. Quando ele virou o prato para olhar a parte de baixo, tomamos um susto. Uma suástica estava pintada no centro da parte inferior do prato.

– Lindo prato, não acham? - perguntou o Sr. Guilherme, que, juntamente com o delegado, já havia retornado do quarto.

– Onde você conseguiu isso? - perguntou Júlio.

– Espólios de guerra. Sabia que pertencia a louça usada pelo próprio Hitler?

– Você pode ser preso por ostentar símbolos nazistas, sabia? - falou o detetive.

– Mas vocês não vão me prender por causa deste prato, não é?

– Não - respondeu Júlio. Mas aconselho a mantê-lo guardado e não exposto no meio da tua sala.

– Imagino que nenhuma visita vá retirá-lo do lugar para ver o que tem embaixo - disse o Sr. Guilherme, fitando a Júlio.

O detetive, um tanto sem jeito, colocou o prato de volta na estante. Nisso a enfermeira do Sr. Frantz apareceu na sala.

– Posso ir agora, Sr. Guilherme? - perguntou ela. Lembra que havia lhe pedido para sair mais cedo?

– É claro, Marlene. Havia esquecido - respondeu o Sr. Guilherme.

– Se você quiser podemos lhe dar uma carona. Você vai para o centro? - perguntou o delegado.

– Vou sim. Aceito a carona - respondeu ela.

– Só mais uma pergunta antes de irmos, Sr. Guilherme: Você carregava alguma arma ontem durante o jantar? - perguntou o detetive.

– Não - respondeu ele, após hesitar um instante.

## – Capítulo 15 –

### – Sábado à Noite –

### – Um Ladrão no Colégio Santos Anjos –

Passava de seis horas quando deixamos a casa do Sr. Guilherme Helmuth e tomamos o caminho de volta à delegacia. Demos carona a Srta. Marlene, enfermeira do Sr. Frantz Helmuth e, enquanto rodávamos, questionávamos a ela, que não tinha mais de vinte e sete anos, a respeito do tio do Sr. Guilherme.

– Por que ele tentou se matar? Ele é frustrado com a sua condição? - perguntou Júlio.

– Eu comecei a trabalhar ali depois da tentativa de suicídio. O Sr. Frantz fala muito pouco, mas com certeza não é nada feliz naquela cadeira de rodas - contou-nos ela. Depois que ele cortou os pulsos, o Sr. Guilherme não o deixa sozinho em hipótese alguma.

– Quando conversávamos no quarto, o Sr. Guilherme disse que ele chegou aqui em dezembro do ano passado, ele ainda não fala nada de português? - perguntou o delegado.

– Ele entende quase tudo, mas não fala nada. Ele e o Sr. Guilherme conversam de vez em quando, especialmente quando eu não estou por perto, isso eu já percebi, e só em alemão. Para mim, o Sr. Frantz raramente dirige a palavra, a não ser para pedir alguma coisa, e sempre em alemão.

Observei a Srta. Marlene enquanto ela falava. Uma mulher muito bela, com um sorriso encantador e um olhar penetrante. Falava com uma espontaneidade incrível. Ela realmente havia me fascinado.

Chegando à delegacia, a Srta. Marlene agradeceu-nos a carona e tomou o seu caminho. Enquanto andava ela olhou para trás, seus olhos cruzaram com os meus e senti uma sensação gostosa, como não sentia desde o tempo da faculdade.

– Por que não convida ela para um passeio amanhã, Alencar? - perguntou-me Júlio.

A pergunta não me surpreendeu. Seria mesmo muito difícil que o detetive não percebesse minha admiração pela moça.

– Quem sabe amanhã eu não vá fazer uma visita ao Sr. Frantz - respondi.

Entramos na delegacia, onde uma freira aguardava na sala de espera.

– Pensei que não iria conseguir falar com você hoje, delegado - disse ela.

– Qual o problema, Irmã Luitgard? - perguntou o Delegado Lopes.

– Eu gostaria de prestar queixa de um assalto.

– E o que foi roubado? - perguntou o delegado.

– Na verdade nada. Mas eu vi um homem pulando o muro do colégio ontem à noite.

– Como foi isso? - perguntou Júlio, intrometendo-se no assunto.

– O senhor é...? - perguntou a irmã, um tanto desconfiada.

– Detetive Júlio Braun, muito prazer - disse o meu amigo.

– Ontem à noite, quando me aprontava para dormir, ouvi um barulho no pátio do colégio. Fui até a janela e vi um homem pulando o muro em direção a rua.

– A senhora não sentiu falta de nada? - perguntou o delegado.

– Não. Imagino que o ladrão tenha se arrependido. Ele apenas quebrou um vaso que enfeitava o pátio. Acredito que o barulho que ouvi tenha sido o vaso se quebrando.

– E de que colégio estamos falando? - perguntou o detetive.

– Colégio Santos Anjos - respondeu a freira.

– O que pode ter acontecido foi que o ladrão entrou no colégio sem que ninguém percebesse, derrubou o vaso fazendo barulho, então desistiu de seus planos e fugiu, tendo o azar de ter despertado a sua atenção, que fez a senhora ir até a janela e ver ele pulando o muro de volta para a rua - concluiu o delegado. Desculpe desapontá-la, irmã, mas acho praticamente impossível descobrir quem tenha tentado assaltar o colégio. Só posso aconselhá-la a ficar de sobreaviso e me procurar se algo acontecer. A senhora poderia aguardar na minha sala para formalizarmos a queixa, por favor.

– A que horas foi isso irmã? - perguntou Júlio.

– Por volta das onze.

– Tem certeza que foi um ladrão e não uma ladra?

– Isso eu já não posso afirmar.

A Irmã Luitgard dirigiu-se até a sala do delegado e este disse a Júlio:

– Prefiro tratar desse assunto com a irmã pessoalmente. Ela sempre foi muito prestativa.

– Então falaremos com o major amanhã cedo, com mais tempo - disse o detetive.

– Faremos isso. Amanhã as sete eu passo no hotel.

Rumamos para o hotel, e durante o caminho, não parei de comentar a respeito da Srta. Marlene. Júlio estava muito ocupado com seus pensamentos para prestar atenção no que eu falava, mas eu não me importei.

Chegando ao hotel, subi direto ao meu quarto e fiquei repousando. Por volta de nove e meia da noite Júlio bateu a minha porta para descermos jantar.

Jantávamos no restaurante do hotel, quando me lembrei de uma questão que havia me ocorrido depois que a Irmã Luitgard relatou sobre a tentativa de assalto no Colégio Santos Anjos.

– A pessoa vista pela Irmã Luitgard no Colégio Santos Anjos tem alguma coisa haver com o caso? - perguntei ao detetive.

– É óbvio que não. Por um instante também pensei nessa possibilidade, dada a proximidade do Colégio Santos Anjos com o Colégio São José, mas é claro que uma coisa não tem nada haver com a outra.

– Você tem idéia de quem possa ter feito a coisa no refeitório? - perguntei.

– Sinceramente, não tenho a mínima. Todos foram muito convincentes em seus depoimentos... Na verdade um deles mentiu e ainda tenho que descobrir o porquê... Existem várias peças desse quebra-cabeça que não encaixam. Espero que, descobrindo mais sobre o capitão, surjam novas peças que se encaixem nas outras.

Terminamos o jantar e subimos para os quartos. Tomei um banho e fui me deitar. Esperava pelo sono enquanto pensava nos fatos que sucederam desde que havia chegado a União da Vitória. Eu, que vim em busca de tranqüilidade, não imaginava que estaria envolvido nas investigações de um assassinato tão surpreendente.

Acordei às seis e meia da manhã, depois de haver demorado um pouco para pegar no sono, tentando imaginar quem poderia ter assassinado o Capitão Sérgio da Silva.

Bati na porta do quarto de Júlio, que abriu prontamente.

– Vejo que andou ocupado essa noite - disse eu, olhando sobre a mesa as fotos feitas no local do crime e alguns desenhos.

Observei os desenhos, um esboço do pavilhão de esportes, onde estava representada a mesa que nos reunimos na noite do crime, com as devidas posições de cada um dos presentes e um esboço do refeitório, indicando a posição do corpo do capitão, a região de onde o assassino efetuou o disparo, as portas e a janela.

– Alencar, esse caso é muito mais complicado do que pensamos. Nenhuma das evidências que temos

são coerentes entre si - disse ele.

– E o que você acha que devemos fazer? - perguntei.

– Vamos ser otimistas e imaginar que se juntarmos mais alguns fatos poderemos encaixar todas as evidências de maneira coerente.

– Esse assunto me deu fome - falei. Vamos descer tomar o desjejum?

– Excelente idéia.

Estávamos eu e Júlio a mesa, tomando o café da manhã, quando o Delegado Lopes chegou ao hotel.

– Está servido delegado? - perguntou o detetive.

– Não comi nada antes de sair de casa. Estou mesmo morrendo de fome. Vou comer com vocês sim - disse ele.

O delegado estava mesmo com fome, pois comeu mais que eu e Júlio juntos. Ele estava pagando a sua conta quando o Sr. Alvim perguntou-lhe:

– Soube que o Capitão Silva morreu. Como foi isso?

– É o que estamos tentando descobrir - respondeu o delegado, com um sorriso nos lábios.

## – Capítulo 16 –

### – Domingo de Manhã –

### – Uma Estranha Carta –

Era sete e quinze da manhã quando eu, Júlio e o Delegado Lopes tomamos o carro, dessa vez em direção ao Quartel do Exército. Rodamos pela via que dava acesso à casa do Sr. Guilherme Helmuth e chegamos ao nosso destino um bom tempo depois de passarmos por ela.

Deixamos o carro do lado de fora do quartel. Apresentamo-nos ao soldado que estava de guarda que nos conduziu até a sala do Major Mello.

– Então, a que pé estamos? Já sabem quem matou ele? - perguntou o major, depois de cumprimentar-nos.

– Estamos fazendo progressos. Interrogamos todos os suspeitos e estamos aqui em busca de informações sobre o capitão - respondeu o Delegado Lopes.

– Pois bem, o que querem saber?

– Seria possível darmos uma olhada na ficha do capitão? - perguntou Júlio.

– Claro. Aqui está - disse o major, retirando uma pasta de arquivo de uma gaveta e entregando-a a Júlio.

O detetive folhou os papéis atentamente e enquanto folhava disse:

– Entrou no exército em São Paulo, logo depois foi para a guerra, depois da guerra esteve em Blumenau, Joinville e agora aqui. Chegou aqui no começo de dezembro do ano passado. Nada de muito especial.

– Falou com os familiares do capitão, major? - perguntou o delegado.

– Não consegui. O telefone e o endereço que temos aqui não existem. Comuniquei o Rio de Janeiro sobre a morte do capitão. Eles estão mandando um representante do Ministério do Exército para cá. Ele chega amanhã de manhã.

– Ministério do Exército? Para que tudo isso? - perguntou Júlio.

– Não sei. Não quiseram me adiantar nada - respondeu o major.

– Se quisermos saber o que realmente aconteceu, temos que concluir as investigações até amanhã - lamentou-se o delegado.

– Diga-me, major, você deu ordens ao Sargento Maginski para ele se fazer de amigo do capitão? - perguntou o detetive.

– Eu pedi para ele se aproximar do capitão e tentar descobrir se ele escondia alguma coisa. Ele sempre tinha umas atitudes estranhas e eu acredito que ele estava fazendo algo errado, por isso pedi para o Carlos descobrir o que o capitão estava aprontando.

– E o que ele descobriu? - perguntou o delegado.

– Absolutamente nada.

– Poderíamos ir até a casa do capitão, ver o que descobrimos lá? - propôs Júlio.

– Com certeza. O prefeito me trouxe as chaves da casa do capitão que estavam no bolso do paletó do defunto.

– É verdade - disse o detetive. Quando vasculhei os bolsos dele atrás de um possível bilhete senti

as chaves, mas não me lembrei de pegá-las.

Tomamos novamente o carro e, seguindo as instruções do major, fomos até a casa onde morava o Capitão Silva. A casa era pequena e ficava próxima a prefeitura de Porto União. Segundo o major, a casa era alugada pelo exército.

O Major Mello retirou o molho de chaves do capitão do bolso e tentou algumas delas até que, finalmente, conseguiu abrir a porta da frente da casa.

O primeiro aposento que havia era uma sala. Pela decoração, ou falta dela, percebia-se que o capitão não perdia muito tempo tomando conta da casa.

Visitamos todos os aposentos: a cozinha, a casa de lavar roupa e o quarto do capitão. Foi nesse último, que Júlio encontrou um envelope sobre uma mesa. Era uma carta e o endereço do destinatário estava em inglês: “Ant May, Bourbon Street, 72, London, United Kingdom”. Não havia remetente no envelope.

– Vejam, o capitão tinha parentes na Inglaterra - disse Júlio.

– Sim. Ele sempre mandava cartas para lá - disse o major. Ele dizia ter uma tia que mora lá.

– Agora temos um parente com endereço para comunicar a sua morte - disse o delegado.

– Imagino que o capitão fosse enviar essa carta ontem, já estava até lacrada - falou o detetive.

– Abra para vermos o que ele escreveu a sua tia - disse eu, não agüentando de curiosidade.

– Isso é uma correspondência particular - falou Júlio. Você me autoriza, delegado?

– Mas é claro, homem. Abra logo.

Júlio rasgou o envelope e dentro havia apenas uma folha totalmente em branco.

– Eu estou dizendo que esse homem não era normal - falou o major. Que tipo de maluco mandaria uma carta em branco para sua tia?

– Realmente muito estranho - disse Júlio, olhando atentamente o papel. Posso ficar com ela?

– Não sei no que vai lhe servir, mas se você quer, esteja à vontade - respondeu o Delegado Lopes.

Vasculhamos toda a casa em busca de alguma coisa que ajudasse no caso e não encontramos nada interessante.

– Não é possível que não haja nada - lamentou Júlio, depois que fechou a última gaveta vasculhada. Nem uma foto, um diário, nada. Tudo o que encontramos foram esses documentos relativos às suas atividades no exército aqui.

– E mesmo que tivéssemos encontrado, teriam que ficar comigo - falou o major. Assim como esses documentos que você encontrou irão ficar.

O detetive, após dar uma nova olhada nos documentos, os entregou ao major dizendo:

– Tudo bem, esses não me interessam.

Estávamos deixando a casa quando, ao passarmos pela parede que divide a sala do quarto do capitão, Júlio parou. Olhou para o lado da parede na sala e depois no lado do quarto, abriu um sorriso e veio em minha direção. O major, que já nos esperava do lado de fora, pediu para que o detetive trancasse a porta. Júlio a trancou e entregou o molho de chaves ao major quando entrávamos no carro.

Deixamos o Major Mello no quartel próximo ao meio dia. No caminho até a delegacia, Júlio e o Delegado Lopes combinaram de se encontrar ali, às três da tarde, para discutirem as evidências do crime e os depoimentos dos suspeitos.

Chegando ao hotel, perto de meio dia e meia, o Sr. Nestor, que almoçava sozinho em uma mesa, nos convidou para sentarmos com ele. Aceitamos o convite, visto que já entramos hotel com a intenção de almoçar.

O Sr. Nestor já sabia que o capitão havia morrido e que estávamos investigando. Encheu-nos de perguntas a respeito. O detetive, assim como eu, não comentou que o capitão havia sido assassinado.

– Hoje cedo o Sr. Petry me contou que ouviu uma conversa do capitão com alguém, durante o jantar da Igreja, a respeito de um segredo - disse-nos o Sr. Nestor.

– Com quem foi essa conversa? Que segredo era esse? - perguntou Júlio, impaciente.

– Não sei. Acho bom vocês conversarem com ele pessoalmente.

– Onde mora o Sr. Petry? - perguntei.

– Em cima da sua loja. Depois do almoço eu os acompanho até lá. Imagino que a Alice não ficará livre tão cedo - respondeu o Sr. Nestor.

Trocamos algumas palavras com o Sr. Alvim antes de irmos até a casa do Sr. Petry. Chegamos a casa, que como havia dito o Sr. Nestor, ficava próximo ao hotel, em cima da loja. Batemos à porta e a esposa do Sr. Petry, Dona Frida, nos atendeu. O Sr. Nestor nos apresentou a ela, que foi chamar o marido e preparar-nos um café.

O Sr. Petry veio ter conosco e, respondendo as indagações de Júlio, disse:

– Eu estava sentado na mesa, antes do jantar ser servido, quando o Capitão Silva passou por mim e falou com alguém, atrás de mim. Não pude ver quem era, havia várias pessoas indo e vindo entre as mesas, mas eu ouvi o que eles disseram.

– E o que foi? - perguntou Júlio.

– Não sei se foi o capitão que falou para a pessoa ou a pessoa que falou para o capitão, mas foi dito o seguinte: “Conheço o teu segredo. Encontre-me no refeitório às onze horas”.

– Foi voz de homem? - perguntou Júlio.

– Foi. Isso eu tenho certeza.

– Viu, Alencar, exatamente como eu suspeitava. O encontro foi marcado verbalmente - disse Júlio.

– Você já sabia que o capitão havia tido essa conversa? - perguntou o Sr. Nestor ao detetive.

– Saber eu não sabia, mas eu suspeitava.

## – Capítulo 17 –

### – Domingo à Tarde –

### – O Verdadeiro Conteúdo da Carta –

Na calçada em frente à loja do Sr. Petry, eu, Júlio e o Sr. Nestor nos preparávamos para retornar ao Hotel Casa Verde. Eu e o Sr. Nestor conversávamos sobre meu novo emprego, enquanto Júlio estava de cabeça baixa, pensativo.

Nossa conversa foi interrompida pelos gritos de dois meninos que saíram em disparada com suas bicicletas a uns cinqüenta metros de onde nos encontrávamos. Um dos meninos era Arno Ulrich, o filho da Dona Catarina, que havia conhecido na manhã de sexta-feira. O outro não sabíamos quem era, mas tinha aproximadamente uns onze anos, a mesma idade de Arno.

Os dois vieram apostando corrida pela rua quando, bem na nossa frente, o garfo da bicicleta de Arno quebrou. O tombo que se seguiu foi muito feio. Ele caiu diretamente de boca no chão.

Um homem que passava no local correu para ajudá-lo, assim como nós, levantando-o nos braços.

Arno estava desmaiado, com o rosto todo ensangüentado. O Sr. Nestor e Júlio indicaram o caminho ao homem e eles correram em direção ao hotel. Eu fui falar com o outro menino, que estava imóvel, ainda chocado com a queda. Conversei um pouco com ele e perguntei-lhe o seu nome:

– Waldemar Ihlenfeld - respondeu assustado.

Aconselhei-o a ir para casa que depois daríamos notícias sobre o seu amigo.

Chegando ao hotel o Sr. Alvim me disse que sua mãe, Dona Catarina, atendia o menino Arno em sua casa, que fazia fundos com o hotel, e me explicou como chegar lá.

Arno já estava acordado, com uma atadura no rosto, quando cheguei na casa. Estavam lá também a Dona Catarina, a Srta. Alice e um homem de cabelos brancos e olhos claros em uma cadeira, além de Júlio e o Sr. Nestor.

– Quem é esse? - perguntou o homem na cadeira, com certa dificuldade, visto que tinha a metade esquerda do corpo paralisada.

– É meu colega - respondeu Júlio. Também é pensionista no hotel.

– Márcio Alencar - disse eu, estendendo-lhe a mão.

– Hugo Ulrich - cumprimentou-me o homem.

– Não seria bom levarmos o menino em um médico? - perguntei à Dona Catarina.

– Não será necessário - respondeu-me ela. Confio em meus remédios.

Depois do incidente e de verificar que o menino Arno estava bem, dirigi-me ao meu quarto para repousar. Júlio permaneceu no hall do hotel, passando o tempo até a hora de se encontrar com o Delegado Lopes.

Tirei um bom cochilo, que foi atrapalhado por uma súbita dor de estômago, imagino que causada pelo exagero de comida que havia ingerido nos últimos dias. Levantei e me preparei para ir à farmácia. Encontrei Júlio no hall, que brincava com Ademar, o filho mais novo da família Ulrich, ajudando-o a montar um quebra-cabeça.

– Ajude-o com esse, quem sabe depois ele não nos ajuda com o nosso? - disse eu, ironicamente a Júlio.

Comentei sobre minha dor de estômago e Júlio disse que também já estava de partida para a reunião

com o delegado.

Mal deixamos o hotel e uma fina garoa começou a cair, interrompendo a seqüência de dias ensolarados que havia feito desde que chegamos a União da Vitória. A garoa foi engrossando gradativamente, obrigando-nos a retornar e pegar os guarda-chuvas.

Devidamente protegidos da chuva, seguimos então até a farmácia. Decidimos ir até a Farmácia União, que ficava em Porto União, no caminho de Júlio até a delegacia.

Estávamos na farmácia comprando o remédio para dor de estômago, quando o prefeito de Porto União, o Dr. Lauro Müller Soares apareceu. Cumprimentou-nos e fez questão de nos apresentar ao dono da farmácia, Sr. Willy Jung.

– Precisava mesmo falar com você, doutor - disse Júlio. Gostaria de saber se existe possibilidade de se fazer algum exame que nos dissesse com certeza a hora da morte do capitão?

– Existir existe, mas teria que ser feito em Curitiba, o que demoraria semanas até termos o resultado - lamentou o Dr. Lauro. Se houvesse um laboratório de análises clínicas aqui, teríamos o resultado num instante.

O prefeito foi pagar os remédios que havia comprado, mas o Sr. Willy Jung estava totalmente mergulhado em seus pensamentos.

– Sr. Willy! - disse o Dr. Lauro, após algumas tentativas.

– Ah sim! Está aqui o seu troco - disse ele, voltando a si. Como eu não havia pensado nisso antes.

– Nisso o que? - perguntei curioso.

– Nada não, talvez nem de certo. Mas é algo a ser pensado.

Deixei a farmácia sem entender o que havia se passado com o Sr. Willy. Retornei ao hotel e Júlio seguiu para a delegacia.

Chegando ao hotel, tomei o remédio e fui repousar mais um pouco.

Não tinha a mínima noção de quanto tempo estive dormindo quando levantei, já sem dor nenhuma no estômago. Fui acender a luz do quarto quando constatei que estávamos sem energia elétrica. Abri a porta do quarto e segui pelo corredor, iluminado sob a luz de lampiões, até o quarto de Júlio. Bati a porta e entrei no quarto.

Júlio estava de novo entretido com os desenhos e fotos do local do crime e com as anotações de sua caderneta.

– Discuti por horas com o Delegado Lopes sobre as evidências do crime. Apresentei-lhe minha teoria, a qual ele descartou prontamente, visto a falta de coerência entre os fatos - disse-me o detetive.

– E quanto à teoria do delegado? - perguntei.

– Ele não tem nenhuma - respondeu-me Júlio sorrindo.

– E agora? O que pretendem fazer? O prazo está se esgotando.

– Vou trabalhar em cima da minha teoria, por mais difícil que seja - respondeu o detetive um tanto desanimado. É a única coisa que temos.

O detetive voltou para as fotos e suas anotações quando fui até o candelabro que iluminava o quarto e olhei as horas no relógio de Júlio, que marcava sete e meia da noite.

Observei o envelope que havíamos encontrado na casa do capitão. Li novamente o remetente, abri o envelope e retirei a folha que havia dentro. Procurei por alguma coisa que pudesse nos ajudar, mas não havia nada. A folha estava totalmente em branco.

Posicionei a folha bem próxima a chama da vela para ver se existia alguma espécie de marca d'água, quando, como que por mágica, algumas palavras começaram a surgir. Júlio estalou os olhos e saltou para o meu lado ao ver o que acontecia.

– Deixe a folha perto da chama até que apareça toda a inscrição - disse ele.

A inscrição foi tornando-se nítida, até que pudemos lê-la. Dizia o seguinte:

Target found and vulnerable. Waiting for instructions.

– O que acha disso, Alencar? - perguntou-me o detetive.

– Isto está parecendo uma mensagem secreta. E se for, ele não mandaria uma mensagem secreta para sua tia. Ao que me parece o Capitão Silva trabalhava para o governo americano - respondi.

– Inglês - corrigiu-me o detetive. E passou muito tempo na Inglaterra. Pelo menos tempo suficiente para pegar os costumes e a polidez inglesa - completou Júlio.

– Agora eu entendo: chá das cinco, maneiras impecáveis a mesa, pontualidade irritante - disse eu. Então era isso, ele era informante dos ingleses. Você não estava tão bêbado quando disse que ele era um *gentleman*.

– Eu sabia muito bem o que eu estava dizendo, só não tinha certeza. Esse papel é a prova da minha teoria - falou o detetive.

– E que teoria é essa? - perguntei.

– Alguém descobriu algum segredo do capitão, até agora eu não sabia o que era, mas agora sabemos, ou seja, ele era informante dos ingleses. Como eu suspeitava e o Sr. Petry confirmou, esse alguém marcou um encontro com o capitão durante o jantar da Igreja para as onze horas da noite. Essa pessoa chantageou o capitão. Não obtendo sucesso deu um tiro na cabeça dele.

– Você esqueceu a parte do “fingiu ir ao banheiro” e “retornou àquela mesa conosco” - falei eu, de uma maneira um tanto sarcástica. E todos aqueles motivos dos suspeitos? Estão descartados?

– Ainda não, minha teoria pode estar errada - disse o detetive.

– E afinal, o que diz a mensagem? Meu inglês é muito fraco.

– “Alvo encontrado e vulnerável. Aguardando instruções” - disse-me Júlio. Que alvo seria esse?

– Algum documento, talvez - concluí eu.

– Mas que documento militar de uma cidadezinha como essa poderia interessar aos ingleses? - falou Júlio, como se fizesse a pergunta a si mesmo.

– Se essa pergunta foi para mim acho melhor transferi-la ao Major Mello. Acredito que ele seja o único a ter uma resposta coerente.

– Só há um lugar onde podemos encontrar alguma resposta.

– Onde? - perguntei curioso.

– Na casa do Capitão Silva. Você vem comigo? - perguntou-me o detetive.

– Vou, mas não sei o que podemos encontrar lá. Já vasculhamos tudo.

– Há um lugar que não foi olhado. Preferi procurar alguma coisa lá sem a presença do major, já que qualquer documento encontrado lá teria que ficar com ele. Pegue o seu estetoscópio, Alencar, precisaremos dele.

– Usaremos ele para arrombar a porta da casa? - perguntei.

– Não, para entrar usaremos a chave mesmo - disse Júlio, retirando do bolso uma chave. Peguei emprestada do molho do major quando fui trancar a porta. Quando chegarmos lá você verá para que usaremos o estetoscópio.

## – Capítulo 18 –

### – Domingo à Noite –

### – Tentativa de Homicídio –

Passava de oito e meia da noite quando eu e o Detetive Júlio Braun armamos nossos guarda-chuvas, ligamos nossas lanternas e enfrentamos a escuridão, devido à falta de energia elétrica, pelas ruas de União da Vitória em direção à casa do Capitão Sérgio da Silva, que ficava na cidade vizinha, Porto União, próximo à prefeitura.

Enquanto andávamos falei ao detetive a minha opinião sobre o caso:

– Se for mesmo a descoberta desse segredo o motivo do assassinato do Capitão Silva, parece óbvio para mim quem foi o autor do crime.

– E quem seria?

– O Sargento Carlos Maginski. Era ele quem andava no encalço do capitão tentando descobrir o que ele fazia de errado.

– É uma possibilidade - disse o detetive sem muito entusiasmo. Eu suspeito de outra pessoa.

– Vamos ver então, quem, na opinião do grande detetive Júlio Braun, seria o assassino do Capitão Silva?

– Você não pensou na possibilidade de ser uma assassina ao invés de um assassino? Ou quem sabe assassinos, ao invés de apenas um? Mas prefiro não comentar nada a respeito de minhas suspeitas, já comentei com o Delegado Lopes e ele zombou de mim pela quase impossibilidade delas serem verdadeiras.

– Se você me disser eu defenderei suas idéias até o fim - disse eu, tentando encorajar o detetive a compartilhar suas idéias comigo e morrendo de curiosidade para saber do que se tratavam.

– Quando eu estiver com todas as peças do quebra-cabeça nas mãos, e devidamente encaixadas, eu te digo do que se trata.

Já em Porto União, em uma rua transversal a avenida principal, próximo ao consultório dos irmãos Friedrich, seguíamos em silêncio quando um motor de automóvel roncou alto alguns metros atrás de nós. Fiquei parado no meio da rua, sem reação, enquanto o carro se movia em alta velocidade para cima de mim e Júlio. O automóvel estava com os faróis desligados e o detetive só teve tempo de me puxar para a calçada antes que fossemos atropelados. Alguém havia tentado nos matar.

– Conseguiu ver a placa ou o modelo do carro? - perguntou-me Júlio, enquanto levantávamos da poça de lama em que havíamos caído.

– Não, foi muito rápido e está muito escuro - disse eu.

– Droga! Se tivéssemos visto chegaríamos no assassino em dois tempos.

– Fico feliz por estarmos vivos. A coisa está ficando perigosa Júlio. Enquanto você não solucionar esse caso e prender o assassino estaremos correndo perigo de vida.

– Espero encontrar as peças que faltam na casa do capitão - respondeu-me Júlio, aparentemente preocupado.

Seguimos o caminho até a casa do capitão, eu bastante tenso e apreensivo, olhando para todos os lados, esperando que um novo atentado ocorresse, e Júlio na mesma situação, com um semblante bastante preocupado.

Chegamos à casa e o detetive usou a chave que tinha pego do molho do Major Mello para abrir a porta da frente. Entramos na sala, sujos e molhados, deixando rastros e lama pelo chão, mas pelo visto, Júlio não estava nem um pouco preocupado com isso.

O detetive foi direto a parede que dividia a sala do quarto do capitão. Iluminou com a lanterna o único quadro que havia ali. Retirou-o de seu lugar e falou:

– Bingo! Eu sabia que estaria aqui.

Iluminei então a parede atrás do quadro, onde havia um cofre embutido nela.

– Como você sabia que havia esse cofre aí? - perguntei.

– Quando estivemos aqui pela manhã, observei que a parede do quarto do capitão que fazia divisa com a sala, na parte mais afastada, era mais grossa que as demais. Como, com certeza não seria uma chaminé e nem algum tipo de tubulação hidráulica, só haveria de ser um cofre. Além do que, esse era o único quadro que havia na casa toda e, acho que você também percebeu, decoração não era a maior preocupação do capitão. Esse quadro só poderia estar escondendo alguma coisa.

– Agora sei para que você vai precisar do estetoscópio.

O detetive então fez uso do instrumento, passando a ouvir os mecanismos internos do cofre. Enquanto eu iluminava o segredo, Júlio girava o mecanismo. Depois de alguns minutos, o detetive deu um passo para trás e disse com ar de satisfação:

– Pronto. O segredo está aberto.

Júlio foi abrir o cofre, mas não conseguiu fazê-lo.

– Não acredito! Está trancado também na chave - falou ele com uma ponta de raiva. Eu já abri um milhão de cofres na vida e ninguém os tranca no segredo e na chave ao mesmo tempo.

O que era uma ponta de raiva se tornou um acesso incontrolado. O detetive passou a dar socos e pontapés nos móveis da sala, xingando o capitão, até que finalmente deu um chute em um vaso, que estava sobre uma mesinha de centro e continha algumas flores secas. O vaso se quebrou fazendo bastante barulho, o que trouxe Júlio de volta a si.

Ele ficou parado, iluminando os cacos no chão, quando começou a ir em direção a eles, falando baixinho:

– Obrigado Senhor, obrigado...

Ajuntou do chão uma chave, que provavelmente estava dentro do vaso e voltou ao cofre. Colocou-a na fechadura, e enquanto tentava abrir o cofre dizia:

– Tomara que seja, tomara que seja...

E o cofre abriu-se.

No seu interior havia uma grande pilha de papéis. Júlio retirou todos. Havia também passaportes e um porta-retratos, com uma foto do capitão, vestindo roupas civis, abraçado com um senhor e uma senhora, em frente ao *Big-Ben*, numa paisagem típica do inverno de Londres.

– Vamos ver se achamos uma mala onde possamos levar esses documentos, Alencar - disse-me o detetive.

Fomos então ao quarto do capitão, onde havia duas pequenas malas. Pegamos as malas e colocamos todos os papéis dentro delas.

Deixamos a casa levando as malas com os documentos encontrados. A mala estava um tanto pesada e, andar com ela, com um guarda-chuva e uma lanterna nas mãos, correndo o risco de sofrer um novo atentado não era nada fácil.

Apesar da dificuldade chegamos ao hotel sem maiores contratemplos.

Deixamos as malas com os documentos no quarto de Júlio.

– Terei bastante trabalho até amanhã cedo. Daqui para frente eu sigo sozinho. Obrigado pela ajuda, Alencar, não teria conseguido sem você - disse Júlio, praticamente expulsando-me do quarto. Vá descansar. Amanhã será um longo dia.

Um tanto contrariado, segui para o meu quarto. A minha vontade era ficar com Júlio e descobrir o que havia naqueles documentos.

Já no quarto, deitei, agradei a Deus por estar vivo e demorei muito tempo até conseguir dormir.

## – Capítulo 19 –

### – Segunda - Feira de Manhã –

### – Últimas Perguntas –

Acordei assustado, por volta de sete horas da manhã. Aprontei-me o mais depressa possível e fui até o quarto do Detetive Júlio Braun. Bati a porta e entrei, visto que a porta não estava trancada. Os documentos que havíamos encontrado na noite anterior, no cofre do Capitão Sérgio da Silva, estavam todos empilhados no chão. O detetive estava sentado à mesa, onde estavam as fotos, os esboços do local do crime e sua caderneta. Júlio olhava fixamente para a parede, completamente alheio ao mundo a sua volta, tanto que não percebera minha entrada.

– Júlio! Você está bem? - perguntei, já que a expressão do seu rosto era assustadora.

– Não - respondeu calmamente o detetive. Passei a noite toda analisando esses documentos e tirando conclusões. Faz umas três horas que estou tentando assimilar os fatos, mas é muito difícil. Estou em um terrível conflito.

– O que foi, homem? Diga de uma vez!

– Eu não consigo acreditar em minhas próprias conclusões.

– Mas de que se trata? - perguntei, angustiado para saber o que o teria deixado tão abalado.

– Mas há uma coisa que eu ainda não entendo - disse ele, tirando os olhos da parede e se voltando para mim, como que retornando de um transe. Que horas você começa no trabalho?

– Às oito horas - respondi.

– Então vamos comigo até o Colégio São José. Ainda resta uma pergunta sem resposta e hoje é o último prazo para respondê-la.

Deixamos o hotel sem tomar o café da manhã e sem dar maiores explicações ao Sr. Alvim.

Seguíamos para o colégio, quando chegamos aos trilhos que estavam bloqueados por um trem, que passava lentamente.

– Se ficarmos muito tempo aqui esperando, não poderei ir com você, Júlio - disse eu.

Estávamos esperando quando observei que um homem chegou próximo aos trilhos e quando viu que estavam bloqueados seguiu em direção a Estação Ferroviária. De maneira quase instintiva virei-me e segui o homem, sendo o mesmo feito por Júlio. Logo percebemos que havia dois trens, um logo atrás do outro e como estavam em movimento, e ganhando velocidade, não nos permitiam atravessar os trilhos. Continuamos seguindo o homem até entrarmos na cobertura da estação. Ao atravessarmos toda a cobertura, observei o homem descendo umas escadas dentro de uma pequena construção.

– Olha Júlio, há um túnel que passa por baixo dos trilhos - disse eu.

– Ótimo! Não temos tempo a perder.

Usamos então o tal túnel para cruzarmos os trilhos por baixo do trem que o bloqueava.

Seguimos nosso caminho e, enquanto subíamos a Rua Sete de Setembro, já em Porto União, percebi que Júlio fechara sua expressão repentinamente. Uma quadra e cerca de um minuto depois, ele parou:

– É isso! - disse ele, com bastante entusiasmo.

O detetive pegou as fotos do local do crime, procurou por uma delas e passou a examiná-la com sua lupa. Não consegui ver de que parte do refeitório era a foto.

– Bingo! Como não vi isso antes! Alencar, você é um gênio! - disse ele.

– O que foi? O que eu fiz? - perguntei curioso.

– Vamos confirmar primeiro.

Seguimos então até o Colégio São José. Chegando lá, Júlio foi logo perguntando pelo frei Bertino e pelo frei Libório. Fomos informados que frei Bertino estava na sala da direção, no piso superior. Subimos até lá e, em frente à porta, Júlio me falou:

– É melhor você ficar aqui, Alencar. Acredito que o frei não dirá o que eu espero que ele diga se você estiver junto.

O detetive entrou na sala do frei Bertino. A porta possuía um vidro martelado que dava para ver os movimentos dos dois lá dentro, apesar de eu não conseguir ouvir nada.

Percebi que Júlio falava próximo do ouvido do frei. Este fez um gesto afirmativo com a cabeça e apontou em algumas direções. Votaram a falar um próximo ao ouvido do outro e então deixaram a sala.

O frei cumprimentou-me enquanto deixava a sala e falou a Júlio:

– Eu vou averiguar para você. Ele não pode saber de nada - disse apontando para mim.

O frei desceu as escadas e eu implorei para que Júlio me falasse do que se tratava, prometendo que não falaria para ninguém. A insistência não surtiu efeito.

O frei retornou alguns minutos depois e disse a Júlio:

– Está lá, como sempre estive.

– Sei... - disse Júlio, um tanto desanimado. Obrigado pela ajuda, frei. Seu segredo só será revelado se tiver alguma relevância ao caso e somente às pessoas que interessar.

O detetive sentou-se na escada que dava acesso ao piso inferior, retirou sua boina, enterrou a cabeça nas mãos e mergulhou nos pensamentos. À medida que o tempo passava, um sorriso formava-se em seu rosto. Três ou quatro minutos depois, ele levantou e disse:

– Vamos, Alencar. Só está faltando um detalhe.

– Aonde vamos agora? - perguntei.

– Ao Colégio Santos Anjos.

– Fazer o que lá?

– Uma pergunta. Se a resposta for “dois”, Alencar, esse caso está solucionado.

Descemos até o Colégio Santos Anjos, onde fomos recebidos pela Irmã Luitgard. Júlio, mais uma vez, pediu para que eu me retirasse da sala. Alguns minutos de conversa e eles saíram. A irmã nos deixou e retornou pouco depois. Mal ela chegara, Júlio perguntou impaciente:

– Então irmã, quantos?

– Dois. Isso é estranho, muito estranho.

Um imenso sorriso se formou no rosto do detetive. Confesso que senti uma sensação de alívio ao ouvir a resposta de Irmã Luitgard, mesmo sem saber do se tratava, pois sabia que o caso estava solucionado.

– Não é nada estranho, irmã, é perfeitamente compreensível.

Deixamos o Colégio Santos Anjos e nas escadas que davam acesso a rua, Júlio me falou:

– Alencar, esteja na delegacia ao meio dia, que toda a verdade sobre esse caso será revelada. Ainda não sei para quem devo contar a verdade, se ao delegado, ao major ou ao representante do Ministério do Exército que está para chegar, mas com certeza, por toda a ajuda que você me prestou, você saberá de tudo.

– Estarei lá, Júlio. Pode ter certeza - disse eu, despedindo-me do detetive.

Segui para a Associação Rural e cheguei lá às oito e cinco. Fui direto falar com o Sr. Mário Alves Cabral.

– Primeiro dia e já chega atrasado - disse ele com um sorriso nos lábios.

– Contratemos - respondi, disfarçadamente.

– Ajudando seu amigo a descobrir como o Capitão Silva morreu?

– Exatamente. As notícias correm rápido por aqui.

Esquivei-me de todas as suas perguntas referentes ao caso. Passamos o resto da manhã assinando papéis e tratando da burocracia da minha contratação. Trabalho mesmo, segundo o Sr. Mário, eu só teria à tarde.

Foi muito difícil concentrar-me na papelada. Olhava no relógio de hora em hora e o tempo custava a passar. Quando os dois ponteiros finalmente coincidiram no número doze, saí sem olhar para trás.

Finalmente eu ficaria sabendo o que de fato havia ocorrido naquela noite de sexta - feira.

## – Capítulo 20 –

### – Segunda - Feira, Meio Dia –

### – Segredos Revelados –

Eu estava parado à porta da delegacia de Porto União, preparando meu espírito para entrar e ouvir as conclusões do Detetive Júlio Braun a respeito do caso do assassinato do Capitão Sérgio da Silva, quando chegou em um carro o Sr. Guilherme Helmuth. Estava junto com ele no carro o seu tio, o Sr. Frantz Helmuth. Antes que eu pudesse me mobilizar para ajudá-lo a descer o seu tio do carro, a Srta. Maria Eugênia Maginski e o Sargento Carlos Maginski chegaram para ajudá-lo.

– Onde está a Srta. Marlene? - perguntei ao Sr. Guilherme, depois de cumprimentá-los.

– Não sei. Não apareceu lá hoje. Não poderia deixar meu tio sozinho, tive que trazê-lo junto. Espero que o delegado não se importe.

A princípio fiquei preocupado com o não aparecimento da Srta. Marlene, mas logo me lembrei do motivo de estarmos ali e aquilo encobriu minhas preocupações.

Ajudei o Sargento Maginski a levar o Sr. Frantz em sua cadeira de rodas para dentro do prédio.

Ao entrarmos, Júlio nos recebeu e olhou para o Sr. Frantz com um olhar que nunca tinha visto nele antes. Acreditei que havia ficado extremamente comovido com a situação daquele homem naquela cadeira de rodas.

– Desculpe, detetive, mas tive que trazer meu tio junto - disse o Sr. Guilherme. A enfermeira dele não apareceu para trabalhar hoje e não poderia deixá-lo sozinho.

– Ele pode ficar. Tenho certeza que ele manterá o silêncio.

– Mais uma coisa, detetive - falou o Sr. Guilherme, - espero que essa reunião não demore muito tempo. Eu e meu tio temos passagem marcada para São Paulo, às duas horas.

– Não se preocupe quanto a isso - respondeu Júlio.

O detetive levou-nos até a maior sala da delegacia. Lá dentro já estavam reunidas todas as pessoas que, de alguma forma, haviam se envolvido no caso.

Estavam todos os principais suspeitos: Sr. Eurico Cleto, Cabo Emílio Fontoura, Sr. Guido Fritz Schumann, Sr. José Maurício Friedrich, Sr. Arno Friedrich, Sr. João Nitto Gaspari e chegavam agora o Sargento Carlos Maginski e a Srta. Maria Eugênia Maginski. Estavam lá também: frei Bertino, frei Libório, Dr. Lauro Müller Soares, Delegado Lopes, Major Mello acompanhado de outro militar que eu não sabia quem era, além do Sr. Guilherme e seu tio, que acabavam de chegar, eu e o Detetive Júlio Braun.

Acomodamo-nos na sala, e o Major Mello tomou a palavra pedindo silêncio e atenção.

– Esse é o Coronel Paiva, representante do Ministério do Exército - disse indicando o homem que estava com ele. Ele acompanhará essa reunião, convoca aqui pelo Detetive Júlio Braun, que esteve à frente das investigações. O coronel assumirá o caso daqui para frente.

Havia um silêncio mortal na sala. Todos ouviam muito atentos o que o major falava.

– Então, detetive - prosseguiu o major. Diga-nos, qual o motivo dessa reunião?

– Pois bem, major, senhores, senhora. Chamei-os até aqui, porque entendo que todos que estiveram envolvidos nesse caso devem saber o que de fato ocorreu na noite de sexta-feira. Entendo que todos que

estão aqui hoje devem saber quem matou o Capitão Sérgio da Silva, como foi procedido para execução do crime e porque o capitão foi morto. Hoje vocês ficarão sabendo de toda a verdade.

Parece incrível, mas o silêncio persistiu. Com certeza estavam todos espantados com a notícia de que o caso havia sido solucionado, mas ninguém teve nenhuma reação.

– Vou começar respondendo a primeira pergunta: “Quem matou o Capitão Sérgio da Silva?”, e explicarei como cheguei à solução dessa questão - prosseguiu Júlio. Devo adiantar que a pessoa que matou o capitão está presente nesta sala, neste momento...

Primeiro, voltaremos aos fatos: o capitão foi assassinado no refeitório do Colégio São José, entre onze e onze e vinte e cinco da noite de sexta - feira. Ele levou um tiro no meio da testa, com uma pistola calibre 45, bala militar. O assassino enrolou a arma em uma toalha, para abafar o som do tiro e abandonou a toalha em uma despensa, nos fundos do refeitório. O refeitório fica no subsolo do colégio, só há uma porta e uma janela que dão acesso a sala e as duas ficam de frente para o campo de futebol. Há também uma porta que liga o refeitório a despensa, e é só. Pela posição do corpo do capitão, sabíamos que, ao levar o tiro, ele estava posicionado de costas para porta de entrada e a três passos dela, com o corpo inclinado para o centro do refeitório. O assassino estava posicionado a exatamente quatro passos do capitão quando efetuou o disparo. Não eram dois nem três, delegado, eram quatro passos - disse o detetive fitando ao Delegado Lopes. Isso significa que o assassino estava mais próximo da parede do fundo da sala do que do centro.

Muito bem, deixando a parte técnica de lado, passamos a analisar as hipóteses de como o capitão havia sido morto. Na verdade só havia uma hipótese, e começamos a investigação em cima dela. A hipótese era a seguinte:

Por volta de dez e meia da noite nos sentamos a uma das mesas armadas no pavilhão de esportes para o jantar da Igreja. Estavam sentados à mesa, além do capitão, várias pessoas que teriam motivos para querer a sua morte. Dez para as onze o Sr. Guilherme Helmuth deixou a mesa. Frei Libório e meu colega, Márcio Alencar, o viram sair pela porta do colégio. Onze horas da noite o capitão retirou-se da mesa, mas não saiu do colégio. Ele havia entrado no refeitório. Entre cinco e dez minutos depois o Sr. Gaspari levantou da mesa para ir ao banheiro, que também fica no subsolo do prédio do colégio. Depois dele, todos que estavam naquela mesa, todos que tinham algum motivo para querer vê-lo morto, foram ao banheiro, um chegava e o outro saía.

O caso parecia muito simples: alguma dessas pessoas havia marcado um encontro com o capitão para as onze horas no refeitório, levantado dizendo que iria ao banheiro e, ao invés disso, havia entrado no refeitório e, por algum motivo, matado o capitão.

Eu teria seguido com essa hipótese, mas havia uma coisa que eu não entendia de forma alguma: Como alguém poderia, após matar um homem, voltar a uma mesa cheia de gente, agir normalmente e não demonstrar sinal nenhum de nervosismo?

Todos esses anos de polícia me deram a capacidade de perceber as mínimas alterações de comportamento, mesmo embriagado. As pessoas que retornaram, depois de sair da mesa, não apresentaram absolutamente nenhuma alteração de comportamento. Para mim, a hipótese em que estávamos trabalhando era furada. E tinha certeza, por mais estranho que fosse, que a pessoa que matara o capitão não havia retornado àquela mesa...

Vocês não acham que foi muita coincidência que, exatamente no mesmo intervalo de tempo em que o capitão foi morto, várias pessoas que tinham motivos para querer a sua morte, saíram da mesa e foram ao banheiro? Qual a probabilidade de várias pessoas terem vontade de ir ao banheiro ao mesmo tempo? Não é impossível, mas é muito difícil...

Pois bem, eu também achei esse fato estranho e passei a trabalhar com a hipótese de um complô.

Passamos a interrogar os suspeitos, mas seus depoimentos não apresentavam nenhum indício de ligação entre eles, e ninguém demonstrava esconder algo, pelo menos nada que não tenha sido descoberto

posteriormente. O fato de todos terem ido ao banheiro um após o outro, por mais difícil que pareça, não foi nada além de pura coincidência. Coincidência essa que só fez ajudar o assassino.

Voltemos à parte técnica. O corpo do capitão estava de costas para a porta. A expressão do cadáver não demonstrava surpresa, o que significa que ele levou o tiro sem saber de onde veio. O assassino pegou a toalha da última mesa da sala, próximo a porta da despensa...

Passei a trabalhar em cima de uma nova hipótese: o assassino já estava dentro do refeitório quando o capitão entrou.

Eu fiz um pequeno teste com o Sr. Gaspari, pedindo para ele, que havia sido o primeiro a ir ao banheiro, mostrar-me como estava a porta do refeitório quando ele passou por ela. Ele a havia encontrado entreaberta. Pedi também ao Sargento Maginski e a Srta. Maria Eugênia, que havia sido a última a usar o sanitário, que deixassem a porta como a haviam encontrado ao passarem por ela. Os dois deixaram a porta exatamente da mesma maneira que o Sr. Gaspari. Frei Bertino disse que a porta estava entreaberta quando ele a trancou, pouco antes de ir embora. Nos depoimentos de todos, ninguém ouviu barulho ou viu luz acesa dentro do refeitório. Do primeiro ao último a ir ao banheiro a porta permaneceu da mesma maneira e isso só poderia significar uma coisa: o capitão já estava morto lá dentro quando o Sr. Gaspari passou por ela.

– Então, isso inocenta a todos! - exclamou o Sr. Gaspari.

– Calma - disse Júlio. Ainda não concluí. Fui então perguntar para frei Bertino se alguém poderia ter se escondido lá durante o jantar e esperado até as onze horas, ao que ele me respondeu que não, já que havia acompanhado o Sr. Petry e sua esposa até a porta e que eles haviam sido os últimos a sair antes de nos reunirmos naquela mesa. O frei despediu-se deles e foi até o refeitório para apagar as luzes e trancar a porta. Verificou o seu interior, incluindo a despensa, e não havia ninguém lá. Quando estava para trancar a porta, o capitão o chamou para sentar-se conosco, fazendo com que o frei deixasse a porta fechada, porém destrancada.

Resumindo tudo isso, o assassino do capitão estava naquela mesa conosco e não retornou a ela depois de matá-lo...

Certo murmúrio começou a se formar.

– Delegado, as algemas - disse o detetive.

O delegado passou as algemas a Júlio, e este prosseguiu:

– Pelo assassinato do Capitão Sérgio da Silva...

O detetive olhou friamente para o Sargento Maginski, desviou o olhar para o Cabo Emílio, olhou para a Srta. Maria Eugênia, passou os olhos pelos irmãos Friedrich, encarou o Sr. Gaspari e o Sr. Eurico Cleto e passando os olhos pelo frei Bertino e frei Libório, finalmente parou no Sr. Schumann. Desviou os olhos um pouco para o lado, onde estava o Sr. Frantz, e ali ficou por um tempo maior. Então olhou para o Sr. Guilherme e concluiu:

– ... Você está preso, Sr. Guilherme Helmuth.

Um espanto geral tomou conta dos presentes e todos passaram a falar ao mesmo tempo.

– Piadinha mais sem graça, hein - disse o Sr. Guilherme enquanto se levantava. Eu não tenho tempo para essas brincadeiras, tenho que tomar um trem daqui a pouco.

– Não é piada - disse Júlio, colocando rapidamente as algemas nos punhos do Sr. Guilherme, que apesar de grande não esboçou reação. E não adianta tentar, que você não vai fugir.

O Sr. Frantz assistia a tudo espantado, e começava a tremer muito mais do que normalmente tremia, como num acesso nervoso.

– Você mesmo disse que frei Libório e o Sr. Alencar me viram sair - protestou o Sr. Guilherme, sentando-se novamente.

– É verdade, Júlio, eu juro que eu vi - disse eu.

– Sim, eu sei que vocês o viramele sair - falou o detetive. Mas vocês não o viram entrar de volta.

– Impossível - disse frei Libório. Eu estava de olho na porta e ninguém entrou enquanto estávamos naquela mesa.

– É possível sim, frei, o senhor sabe que é - continuou Júlio. Essa foi a questão que mais me atormentou. Na verdade só vim a respondê-la hoje pela manhã. Como o Sr. Guilherme havia feito para matar o capitão?

No depoimento do Sr. Guilherme, percebi que ele mentiu duas vezes, uma quando disse que não estava armado na noite de sexta - feira e outra quando disse que os machucados em seus cotovelos eram decorrentes de uma queda que havia tido em casa. Ele disse também que havia estado com o frei Gentil, na Igreja, logo depois que saiu do colégio.

Ontem à tarde, antes de vir me encontrar com o delegado, fui confirmar essa história com o frei Gentil, e ele disse que o Sr. Guilherme esteve realmente na Igreja, pouco antes das onze horas. Segundo o frei, o Sr. Guilherme entrou, pediu para ele buscar o caderno da contabilidade para analisá-lo em casa, já que o Sr. Guilherme é o tesoureiro da Igreja. O frei estranhou, achando a hora um tanto imprópria, mas foi atendê-lo. O frei foi à sacristia e quando retornou o Sr. Guilherme já havia ido embora. Sem entender o porquê daquilo o frei continuou a arrumação no altar, e ficou ali até próximo a meia-noite. Essa questão era realmente muito intrigante: Como o Sr. Guilherme estava na Igreja e dois minutos depois estava dentro do refeitório, matando o capitão, sem que ninguém o tenha visto?

Apesar de eu já ter certeza de que o Sr. Guilherme era o assassino, não conseguia compreender como ele havia feito isso. Fui até motivo de piada por parte do delegado, que estava convicto da inocência do assassino e achava que este era o álibi perfeito.

Essa questão só foi respondida hoje pela manhã, com a ajuda de meu colega, o Sr. Márcio Alencar.

Estávamos vindo em direção ao Colégio São José, quando chegamos aos trilhos, que estavam bloqueados por um trem. O Alencar então sugeriu cruzar os trilhos através de um túnel que passa por baixo deles. Estava respondida a questão. Como o Sr. Guilherme entrou no refeitório, que só tem uma porta e uma janela, sem que ninguém o tenha visto? Um túnel. A única resposta plausível era essa.

Pois bem, não interessa, nem para mim nem para ninguém, o porquê ele foi construído, mas o fato é esse: existe um túnel secreto que liga o Colégio São José, a Igreja Matriz e o Colégio Santos Anjos. As entradas desse túnel ficam em um alçapão, na despensa do refeitório do Colégio São José e em baixo do altar da Igreja. No Colégio Santos Anjos, sinceramente, não sei onde fica a entrada, mas não faz a menor diferença.

No sábado à noite, a Irmã Luitgard, diretora do Colégio Santos Anjos, procurou pelo delegado dizendo que havia visto um ladrão no colégio, na sexta-feira por volta das onze horas. O suposto ladrão havia derrubado um grande vaso que enfeita o pátio, despertando assim a atenção da irmã. A princípio eu não acreditava que esse fato tivesse alguma coisa haver com o caso, apesar da coincidência de horários, dado a distância de mais de uma quadra entre um colégio e outro e também de que não havia um porque do assassino entrar no Colégio Santos Anjos após matar o capitão. Mas nada como um túnel para encurtar essa distância. Sabemos agora que não se tratava de um ladrão, e sim de um assassino.

Lembram que eu disse que o Sr. Guilherme mentiu quando declarou que adquiriu esses ferimentos que ele tem nos cotovelos ao sofrer uma queda em casa? Pois bem, eu sabia que ele mentira, pois esse tipo de ferimento só poderia ter sido causado em um chão muito áspero e a casa do Sr. Guilherme é de madeira e não há nenhuma parte de cimento. Ele adquiriu esses ferimentos no pátio do Colégio Santos Anjos, quando, ao fugir depois de matar o capitão, tropeçou em um vaso e caiu.

Segundo frei Bertino, havia um lampião em cada uma das três entradas do túnel. Pedi que ele averiguasse se o lampião referente à entrada do Colégio São José estava em seu lugar, ao que ele confirmou que estava. Fomos então ao Colégio Santos Anjos e perguntei à Irmã Luitgard quantos lampiões havia na entrada do túnel. Ela não gostou nenhum pouco de saber que eu conhecia a existência do túnel, mas atendeu ao meu pedido, dizendo que havia dois lampiões lá.

Colocando todos esses fatos em ordem, o Sr. Guilherme assassinou o Capitão Sérgio da Silva da seguinte maneira: as dez para onze ele deixou a mesa em que estávamos, saindo do colégio e indo até a Igreja. Lá, despistou o frei Gentil e entrou no túnel. Fazendo uso do lampião, dirigiu-se pelo túnel até a despensa do refeitório do Colégio São José. Deixou a despensa, entrou no refeitório, pegou a primeira toalha que viu pela frente e enrolou-a em sua arma para abafar o som do tiro, levando, com certeza, menos de dez minutos para fazer isso. Às onze horas o Capitão Silva entrou no refeitório, deixando a porta entreaberta, deu três passos para dentro do aposento e foi abatido por um disparo muito preciso, no meio da testa. O Sr. Guilherme então, após matar o capitão, retornou ao túnel, abandonando a toalha na despensa. Pegou o lampião e seguiu de volta pelo túnel. Imagino que teria saído pela Igreja mesmo, mas a presença do frei Gentil o impediu. Foi obrigado então a continuar pelo túnel até o Colégio Santos Anjos. Abandonou o lampião na saída do túnel que, apesar de eu não saber onde fica, tenho certeza que fica em um local de fácil acesso. Enquanto passava pelo pátio do colégio caiu por cima de um vaso, despertando a atenção da irmã. Então pulou o muro e daí para frente já não interessa mais o que fez.

– Qualquer pessoa poderia ter usado esse túnel - bradou o Sr. Guilherme.

– Ninguém poderia tê-lo feito além de você, por vários motivos - prosseguiu o detetive. Vou citar apenas um. Frei Bertino me garantiu que pouquíssimas pessoas sabiam da existência desse túnel, tanto que preferiu manter o segredo sobre ele durante o caso por pensar que sua existência não tinha relevância alguma. As únicas pessoas, segundo o frei, que conheciam esse túnel eram: ele próprio, frei Libório, Irmã Luitgard e mais duas irmãs do Colégio Santos Anjos...

– Então homem! Como você queria que eu soubesse! - gritou o Sr. Guilherme, muito nervoso.

– ... E é claro, as pessoas que o construíram - disse Júlio, colocando o assassino em xeque. Segundo frei Bertino, a parte do túnel que liga a Igreja ao Colégio Santos Anjos já existia e a parte que liga a Igreja ao Colégio São José foi construída juntamente com o atual prédio do colégio, que você ajudou a construir, como você mesmo disse na noite do jantar. Portanto, você era uma das únicas pessoas que sabia da existência desse túnel.

– Muito bem, detetive. Parece que todas as peças finalmente se encaixaram - disse o Delegado Lopes. Mas como você explicaria o fato do capitão ter sido morto com uma arma e bala militares?

– Primeiramente pensei que, como o Sr. Guilherme serviu na guerra, ele ainda teria a sua arma e algumas balas guardadas. Mas o fato é que ele tem um arsenal em casa. Vários modelos de armas militares, de todos os tamanhos e calibres, inclusive munição. Ele mantém essas armas muito bem guardadas. Na verdade não tão bem assim, pois a Srta. Marlene, enfermeira daquele homem ali - disse apontando para o Sr. Frantz na cadeira de rodas, já havia visto essas armas. Armas essas que estão sendo recolhidas pelos seus homens, delegado, neste exato momento.

– Ainda invadem minha casa e pegam as minhas coisas! - bradou novamente o Sr. Guilherme. Tudo bem, detetive, agora me diga, que motivos eu teria para querer matar o Capitão Silva? Não sei se você sabe, mas eu salvei a vida dele durante a guerra. Por que eu o mataria agora?

– O motivo... Por que o Sr. Guilherme Helmuth matou o Capitão Sérgio da Silva? Deixei para falar-lhes a respeito disso por último por que agora vem a parte mais fantástica dessa história. Devo alertá-los que muito do que será dito aqui é segredo de Estado e não tenho idéia das conseqüências de vocês tomarem conhecimento dessas informações. Dado a natureza dos fatos, eu poderia perfeitamente ocultar essas informações e manter esses fatos em segredo. Passei a manhã toda me questionando se deveria revelar isso a todos vocês ou apenas as autoridades competentes e cheguei à conclusão que todos que se envolveram nesse caso, especialmente aqueles que foram acusados de matar o capitão, deveriam saber de toda a verdade, do verdadeiro motivo do capitão ter sido morto.

Antes gostaria de esclarecer uma coisa: Coronel Paiva, você é na verdade agente do Serviço de Inteligência do Governo, não é?

– Está sabendo demais para o meu gosto, detetive - respondeu o agente.

– Eu sabia - disse Júlio, satisfeito. Vamos então aos fatos. Até ontem depois do almoço eu não conseguia imaginar o que havia motivado o Sr. Guilherme a matar o capitão. Foi então que uma nova pista surgiu: O Sr. Petry tinha ouvido uma conversa do capitão com outro homem, pouco antes do jantar no colégio ser servido, onde foi dito o seguinte: “Conheço teu segredo. Encontre-me no refeitório às onze horas”. Eu não tinha dúvidas de que o assassino, no caso o Sr. Guilherme, havia marcado um encontro com o capitão no refeitório e atirado nele. Restava-me saber que segredo era esse que o Sr. Guilherme conhecia do capitão.

Vocês nunca estranharam as maneiras do capitão? Aquele jeito arrogante, toda a etiqueta à mesa, a pontualidade irritante? Eu estranhei. E sabia que aquele homem tinha algo que não era normal.

Encontramos na casa do capitão, ontem pela manhã, um envelope endereçado à Inglaterra, sem remetente e que continha uma folha totalmente em branco. Minhas suspeitas então se confirmaram à noite, quando ao aproximar o papel da chama de uma vela, o Alencar descobriu uma mensagem secreta, escrita em inglês, com uma tinta especial. A mensagem dizia, numa tradução livre: “Alvo encontrado e vulnerável. Aguardando instruções”.

Suspeitamos que o capitão fosse informante dos ingleses e havia encontrado algo que os ingleses procuravam. A princípio imaginei que o capitão havia passado bastante tempo na Inglaterra, de modo a adquirir os hábitos ingleses, como a pontualidade e o tradicional chá das cinco. Mas um fato me fez reavaliar minhas suspeitas: O capitão não havia deixado o Sr. Eurico Cleto averiguar os seus documentos quando foi fazer um empréstimo no banco. Se o capitão fosse simplesmente um informante dos ingleses, não haveria nenhum problema em se deixar averiguar os seus documentos. Isso significava que existia algo de irregular com os documentos do capitão. Lembrei-me então de uma coisa que o Alencar havia me dito: “A pontualidade nunca foi um costume em nosso país”. Não me restava dúvidas, o capitão não era brasileiro e seus documentos eram falsos. E se ele não era brasileiro, só poderia ser inglês. E se era inglês e mandava mensagens secretas, só poderia ser um espião.

Isso foi confirmado quando encontramos na casa do capitão um cofre com vários documentos relativos às suas atividades. O homem que vocês conheciam como Capitão Sérgio da Silva era na verdade Marck Williams, agente do Serviço Secreto Britânico.

– Então era isso! - disse o Sargento Maginski.

– Eu sabia que ele escondia alguma coisa - falou o Major Mello.

– Pois bem, Srta. Maria Eugênia - disse o detetive. Agora fica óbvio porque o agente Williams não poderia assumir compromissos com você. Com certeza, quando completasse sua missão, ele voltaria para a Inglaterra ou seria enviado para outro lugar qualquer em outra missão.

A Srta. Maria Eugênia começou a chorar copiosamente, e teve que ser amparada por seu primo, o Sargento Maginski.

– Você tinha conhecimento disso, coronel? - perguntou Júlio

– Sim. Ele foi infiltrado no exército a pedido do governo inglês, ainda antes da guerra. Era exatamente por isso que eu estava aqui, para manter esse fato em segredo. Vejo que perdi a viagem. Mas prossiga, detetive, aposto que você sabe o que realmente ele queria descobrir. Nunca acreditei na versão que os ingleses me deram das intenções deles aqui. Depois que você concluir, eu precisarei ter uma conversa com todos os presentes.

– Pois bem, imaginei então, que o Sr. Guilherme havia descoberto que o capitão era na verdade um espião, resolveu chantageá-lo de alguma forma e não teve oportunidade de fazê-lo anteriormente, vindo a encontrar com o capitão somente no jantar, onde marcou o encontro no refeitório, chegando até lá como foi descrito anteriormente. Não conseguiu o que queria com ele e então veio a matá-lo.

– Foi isso mesmo! Eu confesso - falou o Sr. Guilherme. Eu marquei o encontro com ele, tentei ir até o refeitório, mas frei Libório não parava de olhar. Enquanto atravessava o campo fui pensando em uma maneira de entrar sem que ninguém me visse. Lembrei do túnel e usei-o. Foi isso... Está tudo acabado.

Podem me prender agora... Só, por favor, levem meu tio até a estação e coloquem-no naquele trem para São Paulo.

– Definitivamente você não sabe mentir, Sr. Guilherme - disse Júlio em tom irônico. Não adianta achar que ainda existe alguma chance disso tudo dar certo. Eu sei de tudo. Ou como diria o agente Williams: “Eu conheço o teu segredo”.

A suposição que eu havia feito sobre o motivo do crime parecia óbvia, não fosse por um detalhe: O agente Williams foi morto assim que entrou no refeitório. Não houve conversa, chantagem, ou seja lá o que for. Sabíamos que o encontro havia sido marcado naquela mesma noite e posso afirmar que o capitão só havia falado com o Sr. Guilherme no momento em que o encontro foi marcado. A questão era, por que o Sr. Guilherme marcaria um encontro com o agente dizendo que conhecia o segredo dele e no dado encontro daria um tiro na cabeça dele sem que este sequer soubesse o porquê estava morrendo? Esta questão ficou martelando em minha cabeça até que então, recordando de todos os detalhes do jantar, lembrei de um muito importante.

Estávamos sentados na mesa, pouco antes de servirem o jantar, quando o agente Williams, que estava conosco, levantou, cumprimentou o Sr. Guilherme, cochichou algo em seu ouvido e retornou. Em nenhum momento o Sr. Guilherme abriu a boca para falar. O Sr. Petry ouviu as palavras que, agora sabemos, foi o agente quem disse ao Sr. Guilherme, e não o contrário como eu havia pensado primeiramente. Recordando, foi dito o seguinte: “Conheço teu segredo. Encontre-me no refeitório às onze horas”. A verdade é que o agente Williams descobriu algum segredo do Sr. Guilherme, marcou um encontro para falar-lhe sobre isso reservadamente e foi morto por saber desse segredo. Havia dois pontos a esse respeito que precisavam ser esclarecidos: primeiro, por que o agente foi falar com o Sr. Guilherme sobre esse segredo justamente durante o jantar? Por que não antes ou depois? Segundo, que segredo era esse que resultou em sua morte apenas por saber dele e qual a relação desse segredo com as atividades dele como espião?

A primeira questão foi respondida hoje pela manhã, com uma conversa que tive com a Srta. Marlene. O agente Williams procurou pelo Sr. Guilherme por três vezes na sexta feira. Uma pela manhã e duas à tarde, mas o Sr. Guilherme esteve o dia todo fora. Pela insistência do agente em falar com ele, estava óbvio que o assunto era muito urgente, por isso, assim que o agente encontrou com o Sr. Guilherme, no jantar, tratou de marcar um encontro reservado com ele.

Antes de responder a segunda questão, e revelar qual o segredo que o Sr. Guilherme escondia, seria interessante que vocês soubessem onde toda essa história teve início.

Em 1944, assim que o Brasil declarou guerra à Alemanha, os ingleses infiltraram entre os soldados brasileiros enviados a Itália, um espião, o agente Marck Williams. Os ingleses sabiam da existência aqui no Brasil de uma organização nazista, extremamente secreta, sendo que não se tinha idéia de quem fossem os seus integrantes ou do tamanho da organização, sabiam apenas que ela existia.

Os ingleses temiam que alguns dos soldados brasileiros fizessem parte dessa organização e traíssem os aliados durante a campanha na Itália. A missão do agente Williams era exatamente identificar esses possíveis traidores. Aconteceu, que, segundo as anotações do agente Williams, não havia ninguém dentre os brasileiros que fosse suspeito de traição, em nenhuma das companhias por onde ele passou.

Enquanto o agente investigava a última companhia de brasileiros, companhia essa de qual o Sr. Guilherme Helmuth fazia parte, surgiu uma amizade entre o Sr. Guilherme e o homem que ele acreditava ser o Capitão Sérgio da Silva.

– Eu salvei a vida desse desgraçado! - disse o Sr. Guilherme.

O detetive então prosseguiu:

– O agente Williams nos contou, na noite do jantar, e existem também anotações sobre isso nos papéis dele, como os alemães atacaram o acampamento e fizeram vários prisioneiros, dentre eles, ele próprio e o Sr. Guilherme.

Eles ficaram um bom tempo presos e, durante esse tempo, segundo o próprio Williams, os alemães passaram a simpatizar com o Sr. Guilherme, até que as tropas aliadas começaram a ganhar terreno e se aproximar. Os alemães decidiram então eliminar todos os prisioneiros, mas o Sr. Guilherme foi poupado e convenceu os alemães a pouparem o - Júlio fez um gesto com os dedos indicando as aspas - “Capitão Silva” também. Agora eu lhe pergunto, Sr. Guilherme, por que você interveio pela vida do capitão?

– Simples questão de amizade. Ele era o meu melhor amigo lá. Se eu soubesse... - respondeu o Sr. Guilherme.

– Se ele soubesse... - completou Júlio.

– Deixe-me ver se entendi, detetive - falou o Coronel Paiva, agente do Serviço de Inteligência do Governo Brasileiro. Você está querendo dizer que, na verdade, o Sr. Guilherme pertence à organização nazista, não sabia que o Capitão Silva era espião e este, por sua vez, não sabia que o Sr. Guilherme pertencia a organização, vindo a descobrir isso só agora e sendo assassinado por isso?

– Na verdade, é muito mais surpreendente que isso... E talvez o Sr. Guilherme nem fizesse parte da organização na época - disse Júlio. Mas agora, com certeza, o Sr. Guilherme faz parte da organização, mas o agente Williams descobriu isso por uma simples jogada do destino...

Eu não entendia por que, quando o Sr. Guilherme contou-nos sobre como o seu tio havia sofrido um acidente em uma fábrica na Alemanha, eu havia ficado entediado com a história. Era óbvio que era mentira, mas eu só percebi isso depois... Fiz questão de pedir para que a enfermeira dele não fosse trabalhar hoje, fazendo com que o Sr. Guilherme o trouxesse consigo. Era essa minha intenção.

Vocês já ouviram falar sobre alguns oficiais da SS nazista que conseguiram fugir no fim da guerra?

– Sim, claro - disse o Coronel Paiva. Alguns deles fugiram aqui para a América do Sul. Temos um grande esforço no Governo para identificá-los e levá-los a julgamento, mas é muito difícil, para não dizer impossível, encontrá-los. Mas deixe-me ver se entendi, você quis dizer que esse homem na cadeira de rodas é um dos oficiais da SS que conseguiu fugir? Qual o nome dele?

– Frantz Helmuth - respondeu o Delegado Lopes.

– Não havia nenhum Frantz Helmuth entre os homens da SS que fugiram - disse o coronel. A não ser que...

– Ele use um nome falso - concluiu Júlio. Quando encontramos a mensagem secreta que dizia: “Alvo encontrado e vulnerável”, imaginei, primeiramente, que o alvo tratava-se de algum documento militar. Mas, ao observar as primeiras anotações do agente Williams, logo mudei de idéia e pensei que o alvo mencionado fosse um dos oficiais da SS que fugiram para cá. Neste instante ficou óbvio que a versão dada pelo Sr. Guilherme sobre o acidente de seu tio era mentira, e que o tal alvo mencionado na mensagem era o seu tio.

Esse homem, que vocês julgam ser Frantz Helmuth, tem outro nome... - disse apontando para o homem desfigurado e que, sentado na cadeira de rodas, tremia muito... Mas não era um oficial da SS como eu havia imaginado. Ao terminar de analisar os documentos e anotações do agente Williams descobri que, assim como esses oficiais, outro nazista conseguiu fugir... Acho muito difícil vocês acreditarem no que eu vou dizer agora. Eu mesmo levei mais de três horas para assimilar tal fato...

Um murmúrio deu início, todos olharam para o homem na cadeira de rodas, que estalou os olhos azuis ao perceber que era o centro das atenções. Os murmúrios então cessaram assim que o detetive prosseguiu:

– O verdadeiro nome dele...

Júlio respirou fundo, olhou o semblante de cada um dos presentes e concluiu:

– ... É Adolf Hitler.

Um silêncio mortal tomou conta da sala. Em um primeiro momento ficamos todos olhando para Júlio como se ele tivesse nos ofendido ou mesmo nos acertado um soco. O silêncio foi então quebrado por gargalhadas do Sr. Guilherme Helmuth.

– Ele é maluco! - disse ele, mal conseguindo conter os risos. Vocês estão vendo, esse detetive é louco. Como pode uma pessoa em sã consciência falar uma besteira desse tamanho.

– Agora você passou dos limites, detetive - falou o Major Mello. Que o Sr. Guilherme seja um nazista e seu tio um oficial da SS é até aceitável, agora você querer dizer que esse homem é Hitler não dá para engolir. Aonde você quer chegar com isso?

– Eu também custei muito a acreditar - disse Júlio, mas segundo os documentos do agente Marck Williams, esse homem é Adolf Hitler. Está tudo documentado, podem averiguar depois. Eu pensei seriamente em omitir esse fato, por entender que a minha sanidade seria colocada em dúvida quando tal segredo fosse revelado. Poderia dizer qualquer coisa aqui e somente quem averiguasse os documentos saberia da verdade, mas eu fiz uma promessa para mim mesmo, quando comecei a investigar esse crime, que revelaria a verdade para todos que foram, de alguma forma, envolvidos no caso.

– Você tem certeza que está se sentindo bem, detetive? - perguntou o Dr. Lauro Müller Soares. Todo mundo sabe que Hitler se suicidou e foi encontrado morto juntamente com sua esposa, Eva Braun, pouco antes dos nazistas se entregarem.

– O que todo mundo sabe é que os nazistas disseram que Hitler e Eva Braun haviam tomado veneno e que alguns ajudantes dele haviam colocado fogo nos corpos. Eu falei disseram, mas ninguém os viu fazendo - corrigiu o detetive. Com Hitler supostamente morto, seria muito mais fácil escondê-lo, pois não haveria ninguém o procurando. Agora me deixe continuar a história do agente Williams.

Assim que a guerra acabou, todos os esforços do Serviço Secreto Britânico se concentraram em evitar que oficiais nazistas conseguissem fugir do julgamento. Pois bem, o agente Williams foi infiltrado entre os nazistas para descobrir quem planejava fugir. Durante essas investigações ele seguiu um oficial, cujo nome não é citado, até Portugal. Lá, fez amizade com esse oficial se passando por um português admirador do nazismo. Como o tal oficial, ao que tudo indicava, não sabia do destino de outros nazistas que conseguiram fugir, o agente obteve permissão para matá-lo. Na noite em que iria executar sua missão, o agente jantou com o oficial nazista e este bebeu muito, bastante o suficiente para revelar ao agente Williams que Hitler não havia morrido. Deu detalhes de como o *Führer* havia ficado gravemente ferido em um bombardeio ao que ele chamou de Covil do Lobo e de como os nazistas o retiraram e o transportaram até a Espanha, onde médicos nazistas trataram dele. Da Espanha embarcou com destino a América do Sul e àquela altura, Hitler já estaria no Brasil, mais precisamente em Blumenau, amparado por uma organização nazista existente na América do Sul.

Na mesma noite, logo após executar o tal oficial, o agente Williams comunicou seus superiores sobre a possibilidade de Hitler ter sobrevivido e de estar no Brasil. Foi instruído então a reassumir a identidade de Capitão Sérgio da Silva que o colocariam no Exército Brasileiro em Blumenau. A missão dele seria auxiliar outro agente, o melhor que eles tinham, que tentaria se infiltrar entre os nazistas da tal organização.

Muito tempo depois, sem conseguir muita coisa, o tal agente foi descoberto e baleado por um membro da organização. Esse agente fingiu-se de morto, e antes de morrer de verdade revelou ao agente Williams que Hitler seria transferido para Joinville e deu o sobrenome de um dos membros da organização naquela cidade.

O então Capitão Sérgio da Silva conseguiu transferência para Joinville, mas o sobrenome do tal membro, que eu não lembro no momento, era muito comum lá e deu bastante trabalho ao agente Williams. Depois de muito tempo de investigação ele descobriu que esse membro era um oficial do exército que convivia com ele no quartel, a última pessoa de quem ele suspeitaria. A tentativa de se aproximar desse oficial não surtia efeito e gerou desconfiança entre os nazistas. Certo dia, o agente ouviu através da porta uma conversa do oficial ao telefone, onde ele disse que já tinha encontrado um local seguro para deixar o “chefe” até que a sede estivesse pronta. Deixariam ele em Porto União, uma cidade do interior acima de qualquer suspeita.

O agente pediu então transferência para cá, apostando que a tal mudança se consumaria, chegando aqui em dezembro do ano passado.

Eu nunca acreditei em destino, mas depois do que aconteceu aqui nessa cidade tenho que rever meus conceitos. O agente Williams levantou uma lista de suspeitos e esteve todo esse tempo sondando-os na tentativa de descobrir alguma coisa. Quarta-feira passada foi incluído nessa lista o nome de um velho conhecido seu, Guilherme Helmuth. Quinta-feira enquanto ele e o Cabo Emílio almoçavam no restaurante do Hotel Casa Verde, conversaram sobre o Sr. Guilherme, e o cabo falou sobre um tio do Sr. Guilherme, deformado por causa de um acidente na Alemanha, que havia chegado no final do ano passado e tentado suicídio no início desse ano. Segundo a descrição do cabo, esse tio tinha olhos azuis e cabelos castanhos. O agente não tinha dúvidas, o tal tio era Hitler, e o Sr. Guilherme um nazista.

– Deus do céu! - exclamou o Cabo Emílio. Isso é verdade. Eu tive mesmo essa conversa com o capitão, ou seja lá quem ele era...

– Agora vejam a incoerência do destino - prosseguiu Júlio. O agente Williams foi assassinado pelo Sr. Guilherme porque o Sr. Guilherme havia salvo a vida do agente Williams.

É fácil presumir que o agente tinha quase certeza que receberia ordens de executar o Sr. Guilherme e não queria fazê-lo, por uma questão de honra talvez, já que o Sr. Guilherme havia salvado-lhe a vida no passado. Tentou negociar com ele e deu no que deu.

Esclareça-nos uma questão, Sr. Guilherme: Desde quando você é nazista?

– E por que eu deveria dizer? - perguntou ele num tom arrogante.

– Acho que você não percebeu ainda, mas está tudo acabado - respondeu Júlio. Os planos da sua organização falharam. Agora nós sabemos da verdade. Nós pegamos o seu *Führer*. Se não quiser dizer não fará a menor diferença, mas cedo ou tarde eles - apontou para o Coronel Paiva - o interrogarão e tirarão tudo de você, principalmente nomes dos outros integrantes da organização.

– Pois bem, já que essa reunião acabou se tornando uma seção pública de revelação de segredos, não vejo problema - disse o Sr. Guilherme. Eu me tornei nazista quando estive preso durante a guerra. Fiquei amigo de um dos soldados e ele me presenteou com um exemplar do *Mein Kampf*. Eu li o livro, o soldado me falou sobre as diretrizes da doutrina e descobri que eu acreditava em tudo que estava ali, só não havia me tornado nazista antes por não conhecer a doutrina. Eu estava lá lutando contra uma coisa que eu nem sabia o que era.

Se vocês tivessem uma pequena noção de como esse grandioso homem - apontou para Hitler na cadeira de rodas - reergueu das cinzas a pátria alemã, transformando-a num grande Reich...

– Sem demagogias, Sr. Guilherme, por favor - falou um tanto irritado frei Libório.

– Você deveria ser grato ao *Führer* pela sagrada missão de que ele se incumbiu ao levantar a sua pátria mãe e terra de meus ancestrais, frei Libório.

– Às custas de milhões de vidas! Não sou grato a ninguém que usa todo um povo para disseminar sua doutrina insana, com propósitos megalomaniacos - disse, dessa vez muito irritado, frei Libório. E não vamos discutir essa questão. Já está muito difícil de acreditar em tudo que está sendo dito aqui. Detenha-se em contar o que o detetive quer saber.

– Está bem, frei. Não precisa se irritar - disse em tom irônico o Sr. Guilherme. Então, chegando de volta no Brasil depois da guerra, tratei logo de me filiar à organização.

Minha participação na organização andava bastante normal, apenas organizando as reuniões regionais, quando no fim do ano passado eu recebi um telefonema da regional de Joinville. Disseram-me que Hitler estava vivo e que eu teria de escondê-lo e protegê-lo até que a sede de São Paulo estivesse pronta. Pediram-me para não informar isso para ninguém, que eram pouquíssimos os membros que tinham conhecimento desse fato e que quanto menos gente soubesse, melhor.

Tratamos então de inventar uma história convincente e de providenciar outros documentos com o nome de Frantz Helmuth.

Em dezembro, aproveitando o grande movimento de pessoas nos trens devido ao feriado do natal, o trouxeram até aqui. Ainda na estação, ele me deu um presente, aquele prato que você viu lá em casa, detetive, um dos últimos que restara da louça oficial.

Logo nos primeiros dias percebi que ele era extremamente infeliz com sua condição, não podendo fazer muita coisa sozinho. Um dia, no começo do ano, ele aplicou a si mesmo a doutrina que havia criado, onde se pregava o extermínio de deficientes incapazes, para aliviar-lhes a dor. Com uma faca cortou os pulsos. Graças a Deus cheguei a tempo de levá-lo ao hospital. Depois disso conversamos muito e acredito que consegui explicar-lhe a importância de mantê-lo vivo, e convencê-lo de que ele não era um homem qualquer, que apesar de estar naquela cadeira de rodas ele era fundamental na reestruturação do Reich e no cumprimento do destino da raça ariana.

Fiz questão de apresentá-lo a várias pessoas. Era uma excelente maneira de aperfeiçoar a história que tínhamos inventado para ele, até torná-la tão convincente que ninguém desconfiasse.

Tudo andava normal pra mim até a noite de sexta-feira. Antes de sair para o jantar da Igreja, a Marlene me falou que o Capitão Silva havia me procurado várias vezes durante o dia e eu não conseguia imaginar o porquê.

Chegando ao jantar, o capitão me procurou e me disse ao pé do ouvido: “Conheço teu segredo. Encontre-me no refeitório às onze horas”. Não conseguia imaginar como ele havia descoberto. Até hoje eu não sabia que ele era espião e não fosse pelo detetive eu iria morrer crente que havia matado um capitão do Exército Brasileiro que de alguma forma havia descoberto nosso segredo.

Passei o jantar todo imaginando o que fazer com o capitão e decidi que toda a operação não poderia ficar a mercê dele. Apesar da amizade que tínhamos, resolvi matá-lo.

Chegando próximo da hora marcada, decidi que iria até o refeitório e o esperaria lá. Enquanto atravessava o campo percebi que frei Libório e o Alencar estavam de olho em mim. Teria que imaginar uma solução rápida, já que se entrasse no refeitório levantaria todas as suspeitas. Lembrei do túnel, era minha única saída. O resto aconteceu exatamente como o detetive descreveu...

Não sei se deveria lembrá-lo disso, detetive, mas eu estava passeando com meu carro pela chuva ontem à noite, eu adoro fazer isso em noites chuvosas, quando vi você e seu amigo Alencar andando na avenida. Presumi que estavam indo até a casa do capitão e temendo que vocês encontrassem algo ao meu respeito lá, aguardei até que vocês chegassem em uma rua mais isolada, apaguei os faróis e só não consegui atropelá-los por muito pouco.

Mas uma coisa eu tenho que admitir, detetive, você é mesmo muito bom em reconstruir todo um evento a partir de pequenos fragmentos.

– É disso que eu vivo - disse o detetive, sem falsa modéstia. Todos vocês ouviram. Ele confessou, e era exatamente isso o que eu queria.

Vocês acham mesmo que o espião Marck Williams iria deixar todos esses fatos que eu narrei acima anotados? É claro que não. As anotações que existem aqui nessas malas - dizia Júlio enquanto abria uma das malas - não passam de pequenos relatórios e anotações como essa: - mostrou-nos uma página de caderneta, e depois leu-a - “Oficial bebeu - Hitler vivo, atingido por bombardeio no Covil do Lobo, tratado na Espanha, agora no Brasil, Blumenau - Alvo Eliminado”.

Para facilitar o meu trabalho essas anotações estavam todas datadas, e observando elas em ordem e usando um bocado de intuição posso garantir que o que aconteceu realmente não foi muito diferente do que eu narrei.

Eu precisava que o Sr. Guilherme confessasse por que não existe nenhuma menção ao nome dele, a não ser na lista de possíveis nazistas levantada pelo agente. A última anotação do espião foi a seguinte: - folhou uma caderneta - “Informação do cabo: Alvo tio”. Está com a data de quinta-feira passada e deduzi que essa conversa teria ocorrido durante o almoço, já que o Cabo Emílio e o agente Williams geralmente almoçavam juntos e era a melhor oportunidade de se ter uma conversa informal. Como foi confirmado

aqui pelo próprio cabo, eu estava certo.

Você colocou muito bem, Sr. Guilherme, minha especialidade é montar todo um evento a partir de pequenos fragmentos. Sabendo-se o comportamento de quem faz parte dos eventos e usando um tanto de lógica, fica fácil.

– Muito bem, detetive - disse o Sr. Guilherme. Agora é minha vez de usar a lógica: Existem dezesseis pessoas nesta sala que eu devo eliminar. Somente o Coronel Paiva está armado e você falhou em três pontos: Primeiro quando não me revistou na entrada. Segundo quando me algemou com as mãos para frente, quando deveria ter me algemado com as mãos para trás. E terceiro quando disse que tudo estava acabado.

O dia que vocês ouvirem falar na *Kameradenwerk* de novo, o destino da raça ariana já terá se cumprido... Dezesseis pessoas e trinta balas - falou sacando rapidamente duas pistolas da cintura. Uma conta que fecha fácil...

Ainda enquanto ele falava, ouvi quatro disparos enquanto me atirava ao chão, em meio aos gritos de todos que se jogavam no chão assim como eu.

Logo que o som dos disparos cessou, levantei os olhos e vi o Sr. Guilherme caído, com um tiro na cabeça e outro na altura do ombro. Enquanto todos levantavam e se acalmavam, também levantei e observei que nem o Detetive Júlio nem o Coronel Paiva levantaram. O Delegado Lopes estava em pé com um revólver ainda fumegante em punho.

– Por sorte estava com minha arma oculta pela blusa - disse o delegado.

Corri em direção ao detetive e percebi que ele fora alvejado no lado direito do peito e se contorcendo no chão.

– Dr. Lauro! Por favor, ajude-nos! - gritei eu ao prefeito.

– Esse já era! - disse o Delegado Lopes examinando o Sr. Guilherme.

Enquanto o Dr. Lauro Müller Soares examinava o detetive, que gemia de dor, o Major Mello acordava o Coronel Paiva, que havia desmaiado após ter levado um tiro de raspão no topo da cabeça.

– Graças a Deus consegui me abaixar a tempo - disse o coronel. A essa distância foi muita sorte ele não ter me acertado bem no meio da testa.

O Dr. Lauro então pronunciou:

– Muita sorte, detetive. Um pouco mais para baixo e teria lhe acertado o pulmão. O disparo atravessou-lhe o ombro, mas não me parece muito grave. Estancaremos o sangramento por enquanto e logo o levaremos ao hospital.

O delegado veio ver como estava Júlio, e este disse-lhe:

– Delegado, pegue as armas do Sr. Guilherme.

O delegado voltou ao corpo sem vida do assassino e eu acompanhei-o com os olhos. Ele então pegou uma das armas, uma pistola alemã, usada pelos oficiais nazista, e percebi que a outra não estava por perto.

O grito do Delegado Lopes não foi suficiente para evitar um disparo. No meio de toda aquela confusão, tínhamos esquecido que Adolf Hitler estava naquela sala conosco. Logo após o disparo o delegado correu em direção ao corpo de Hitler na cadeira de rodas, que agora eu percebia, havia dado um tiro na própria cabeça, na altura da fonte e a pistola estava caída ao lado da cadeira.

Adolf Hitler acabara de se suicidar, na nossa frente.

– Meu Deus! E agora? O que faremos? - disse o delegado, sem tirar os olhos do corpo de Hitler.

– Pois bem, parece que chegou a minha hora de assumir as rédeas da situação por aqui - disse o Coronel Paiva, já com um pano sobre a cabeça. Depois nós vemos o que faremos com os corpos, por enquanto eu quero que todos vocês prestem muita atenção no que eu tenho para lhes dizer.

Quando o Major Mello disse-me que o detetive tinha convocado uma reunião com todos os envolvidos no caso, não imaginava, acredito que ninguém imaginava, que ele já havia solucionado o

mistério e iria revelar toda a verdade. Eu acreditava que ninguém soubesse que o Capitão Sérgio da Silva era na verdade o espião Marck Williams, nem mesmo o detetive. Minha missão era assumir o caso e ocultar esse fato de todos.

Eu não sabia qual era a verdadeira missão do espião aqui no Brasil. Informaram-nos que ele estava atrás de nazistas, o que de certa forma era verdade. Agora o fato de que ele esteve atrás de Adolf Hitler, de que este não se suicidou em 1945 em Berlim, mas hoje e aqui é realmente muito surpreendente. Mas o pior dessa história é que todos nós sabemos disso.

O agente do Serviço de Inteligência do Governo olhou calmamente o semblante de cada um dos presentes e então prosseguiu:

– Saibam de uma coisa, esse segredo foi revelado aqui e terá que morrer aqui. Não apenas esse, mas todos os segredos que foram revelados nesta sala não poderão sair dela.

– E por que não poderemos falar sobre o ocorrido? Você não percebe a grandiosidade de um fato desses? - perguntou o Sr. João Nitto Gaspari.

– Por que a partir desse momento, tudo que foi dito e tudo que ocorreu nesta sala hoje é segredo de Estado. Especialmente o que diz respeito a Adolf Hitler. Um segredo desses custaria toda a imagem da vitória na Segunda Guerra. Seria um escândalo sem tamanho que poderia gerar as mais diversas reações populares. Além do que, vocês não querer mudar os livros de história a essa altura, não é?

Eu posso afirmar com toda a certeza que governo nenhum do mundo pouparia esforços para manter um fato desses em segredo. E o nosso governo não poupará também.

– E o que acontecerá se alguém de nós falar sobre o ocorrido? - perguntei.

– Não só falar, como também escrever, criptografar, cochichar... Se isso acontecer a pessoa em questão poderá sofrer um acidente, ou quem sabe ser internado em um manicômio como maluco, qualquer coisa do gênero... Tomem cuidado inclusive com o que vocês sonharem daqui para frente. Às vezes até quem fala dormindo sofre acidentes.

Delegado, traga-me aquela Bandeira Nacional ali do canto, por favor.

O Delegado Lopes atendeu ao pedido do coronel e entregou-lhe a bandeira.

– Gostaria que todos levantassem a mão direita e repetissem comigo.

Todos nós nos entreolhamos achando aquilo um tanto estranho, mas seguimos as instruções do Coronel Paiva e repetimos com ele:

– “Juramos, diante da bandeira, em honra da Pátria, jamais, por qualquer motivo, revelar a qualquer pessoa enquanto vivermos os fatos narrados e ocorridos nesta sala no dia de hoje, sendo que do contrário seremos considerados traidores da nação”

– Quando eu morrer eu conto então - disse o Sr. José Maurício Friedrich, em tom sarcástico.

– E se alguém perguntar, o que dizemos? - perguntou o Sr. Gaspari.

– Evitem ao máximo o assunto - respondeu o coronel. De qualquer forma, se for estritamente necessário, digam que o Capitão Silva descobriu que o Sr. Guilherme era nazista e foi assassinado por ele por saber disso. O Sr. Guilherme se suicidou ao ser preso e seu tio voltou para a Alemanha.

Uma coisa que deve acontecer, e isso dependerá muito de vocês, é que os nomes Guilherme Helmuth, Frantz Helmuth e Capitão Sérgio da Silva devem ficar bem em segundo plano na memória do povo. Isso acontecerá naturalmente se vocês tocarem o mínimo possível nesses nomes. Está tudo entendido?

Todos nós confirmamos, alguns com palavras, outros com gestos.

– O que faremos com os corpos? - perguntou Júlio.

– O do Sr. Guilherme enterraremos normalmente. O de Hitler temos que desaparecer com ele daqui - respondeu o coronel.

– Ateiem fogo! - sugeriu o Sr. Gaspari.

– Não, vamos enterrar! - disse o Sr. José Friedrich. Assim poderemos sempre cuspir em cima da

cova.

– Meu Deus! Que idéia! - exclamou frei Bertino.

– Eu tenho uma idéia, coronel - disse Júlio. Depois eu lhe conto. Esse segredo eu não vou compartilhar com vocês. Vocês nunca ficarão sabendo o que foi feito do corpo de Adolf Hitler. Mas primeiramente temos que tirá-lo daqui. Como o faremos? E o que diremos a quem perguntar como o Sr. Frantz voltou para a Alemanha sem ninguém ter visto?

– Quanto ao corpo, pegaremos um caixão bem grande, colocaremos os dois corpos dentro e levaremos ao necrotério do hospital - disse o Dr. Lauro Müller Soares. Ninguém entrará no necrotério sem minha autorização.

– E quanto ao povo diremos que o Sr. Frantz foi levado escondido até a estação de trem e que já está a caminho de São Francisco do Sul - completou o Coronel Paiva.

Todos permaneceríamos na sala até que todo o procedimento fosse realizado. O Dr. Lauro e o Major Mello saíram e retornaram algum tempo depois trazendo o grande caixão onde seriam colocados os corpos.

– Tem gente da imprensa aí fora, coronel - falou o Major Mello.

– Deixem eles comigo. E vocês não abram o bico. Digam que não estão autorizados a falar nada.

Foram arrumados os corpos dentro do caixão e limpada a sala. Foram necessários oito homens para carregar o caixão, eu, Sr. Schumann, Dr. Lauro, Major Mello, Cabo Emílio, Sargento Maginski, Sr. Gaspari e Sr. Eurico Cleto. Os outros nos seguiram em fila até a saída.

Colocamos o caixão em um carro de polícia que estava parado na porta da delegacia. O Coronel Paiva atendeu as pessoas da imprensa. Eu e Júlio tomamos o caminho do hospital.

Os demais foram se dispersando no mais absoluto silêncio, como em uma marcha fúnebre.

## – Capítulo 21 –

### – Segunda - Feira, Fim da Tarde –

### – Segredo Enterrado –

Aguardávamos à porta do Hospital São Brás, eu e o Coronel Paiva, enquanto o Detetive Júlio Braun ficava de retornar. O Dr. Lauro Müller Soares já havia feito uma sutura em seu ferimento e ele havia saído dizendo que iria por em prática o seu plano para dar um fim ao corpo. Eu já havia estado com o Sr. Mário Alves Cabral e fui informado por ele que havia uma demora com um documento e só assumiria minhas funções na tarde do dia seguinte.

Era passado de cinco e meia da tarde quando Júlio retornou, juntamente com o Sr. Nestor Brando dos Reis, nosso colega do hotel.

– Onde está a encomenda? - perguntou o detetive. Iremos pernoitar na fazenda do Sr. Nestor essa noite.

– Quem é esse? - perguntou o coronel.

Júlio apresentou-os.

– Você não...

O coronel não teve nem tempo de terminar, Júlio fez um gesto com a cabeça e disse:

– Não. Claro que não.

– Não se preocupe, coronel - disse o Sr. Nestor. Eu não sei quem é e nem quero saber. Sei que não posso comentar nunca, com ninguém que iremos enterrar o homem.

– Só uma coisa, detetive, pernoitar na fazenda? - perguntou o coronel. Amanhã bem cedo eu estou embarcando para São Paulo, tenho que levar o corpo do Capitão Silva.

– Assassinado, não é? Coitado. O detetive me contou - falou o Sr. Nestor. E o Sr. Guilherme um nazista, quem diria?

– A viagem é um pouco longa. Mas eu achei melhor que fosse longe daqui - disse Júlio, em resposta ao coronel.

– Eu vou confiar esse fardo a você, detetive - disse o coronel. Você sabe da responsabilidade disso e da importância de se manter segredo total e absoluto sobre o fato. Confiarei em você. Não quero saber o que vai fazer com ele, mas que ninguém além de vocês três saiba o que houve.

– Resolvi enterrá-lo - disse Júlio.

– Você é quem sabe. Mas vê lá, heim, se alguém descobrir você sabe as conseqüências.

– Nós três sabemos - completou Júlio.

Colocamos então a caixão com o corpo dentro de um carro da polícia, caixão essa que não se parecia com um caixão de defunto.

– Foi um prazer conhecê-lo, coronel - disse Júlio, despedindo-se.

– Nunca me esquecerei do grande Detetive Júlio Braun - disse ele, apertando a mão de Júlio. Nem teria como.

Eu e o Sr. Nestor também nos despedimos dele, e quando já estávamos no carro, o coronel falou:

– A propósito, gostei dessa história de ser chamado de coronel. Acho que vou pedir uma promoção... E arranjaré um nome melhor, Paiva é horrível.

O Sr. Nestor, é claro, não entendeu a colocação do agente do Serviço de Inteligência.

Seguimos então em direção a fazenda. Pegamos a estrada já com o sol se pondo, e no horizonte algumas nuvens de chuva se formavam.

A viagem durou pouco mais de uma hora, e quando estávamos para chegar, Júlio falou ao Sr. Nestor:

– Recapitulando, você nos lembra de madrugada que levaremos o corpo até o cemitério em Porto Vitória.

– Perfeitamente.

– Onde fica Porto Vitória? - perguntei.

– Nós já estamos no município de Porto Vitória - respondeu o Sr. Nestor. Levaremos o corpo até o cemitério que fica lá na vila.

Chegamos finalmente à sede da fazenda, uma grande casa de madeira. Deixamos o corpo no carro, e entramos na casa.

Fomos apresentados a todos os moradores da casa: O Sr. Manoel da Silva Reis, pai do Sr. Nestor, outro Manoel que era seu irmão. Havia também duas Amalias, uma mais velha, tia do Sr. Nestor, que tinha por volta de uns sessenta e cinco anos e uma mais nova, irmã do Sr. Nestor, aparentando a mesma idade que este. Havia mais três irmãs: Maria, Ozita e Terezinha, essa última não tinha mais de quinze anos.

Fomos convidados a jantar. Durante a refeição Júlio disse que tinha que investigar um suspeito em Porto Vitória e teria que fazer isso pela madrugada. Aproveitei para oferecer meus serviços como médico veterinário.

Ficamos mais um bom tempo conversando na sala de estar, onde o pai do Sr. Nestor contava-nos como havia sido a viagem que eles fizeram ao virem do Rio Grande do Sul até o Paraná. Viagem essa toda feita de carroça e que havia durado próximo de quarenta dias.

Ainda era cedo quando nos recolhemos ao quarto de hóspedes, onde fomos instalados em uma cama de casal.

É claro que eu não consegui dormir e acredito que Júlio também não. Durante a noite perguntei a ele:

– Para que tudo isso, Júlio? Não seria muito mais fácil enterrar ele no meio do mato, ou então atear fogo?

– Atear fogo não - respondeu ele. Aquele infeliz vai ter que apodrecer aos poucos, igual a todo mundo. Achei melhor o cemitério para não levantar maiores suspeitas no Sr. Nestor. Iria ficar muito mais suspeito a desova do corpo no meio do mato. Deixe que ele pense se tratar de um bandido indigente qualquer.

– Você é quem sabe.

Rolei na cama, sem conseguir dormir, até que o Sr. Nestor veio nos chamar. Ele bateu a porta e disse:

– Vamos entregar a encomenda?

Levantamos, nos arrumamos, pegamos três pás, entramos no carro e seguimos em direção a vila de Porto Vitória.

Rodamos poucos metros e a chuva que estava se formando no fim da tarde começou a cair. Ainda na estrada, Júlio lembrou o Sr. Nestor:

– Você sabe que ninguém pode sequer imaginar que iremos enterrar esse corpo.

– Confiem em mim. Nunca contarei a ninguém.

– Agradeço por confiar em nós e não fazer perguntas - disse Júlio.

– E para que servem os amigos? - concluiu o Sr. Nestor.

Não tenho idéia de quanto tempo levamos até chegar à vila de Porto Vitória. Chegando lá, Júlio perguntou pelo cemitério.

– Existem dois - disse o Sr. Nestor. O católico e o protestante. Onde você prefere?

Júlio olhou-me através do retrovisor interno do carro, com uma expressão de interrogação.

– Não sei se o morto era católico ou protestante. Se houvesse um cemitério judeu eu não teria dúvidas - falou o detetive com um sorriso nos lábios. Qual o maior?

– O católico - respondeu o Sr. Nestor.

– Será nesse - disse Júlio. Você garantiu que ninguém suspeitará, tem certeza disso?

– Absoluta. O cemitério fica meio isolado e com essa chuva ninguém ouvirá barulho nenhum - falou o Sr. Nestor.

Realmente a chuva havia se transformado em uma pequena tempestade. Trovões clareavam o céu o tempo todo.

A vila parecia deserta. Não havia uma luz acesa e nenhum movimento sequer de pessoas.

Paramos no portão do cemitério, de modo que os faróis do carro iluminavam o seu interior. O Sr. Nestor abriu os portões, e logo retornou para me ajudar a carregar o caixão com o corpo, já que Júlio estava impossibilitado devido ao ferimento. O detetive pegou uma lanterna para auxiliar-nos na iluminação.

Levamos o caixão para dentro do cemitério e o Sr. Nestor nos guiou até as covas onde eram enterrados os indigentes.

Começamos a abrir uma cova em um canto próximo à cerca, onde com certeza não seria aberta outra. Demos início ao trabalho removendo muita lama. À medida que o buraco ficava mais fundo ele ia enchendo-se de água devido à forte chuva. Júlio às vezes largava a lanterna e ajudava-nos como podia, mas era aparente que o ferimento no ombro o incomodava.

Muito tempo depois o buraco já estava suficientemente profundo, e continha uns dois palmos de água no fundo. Antes de jogarmos o caixão lá dentro, Júlio abriu-o disfarçadamente para verificar se o corpo estava ali dentro. Olhei de relance sob a luz da lanterna de Júlio e a imagem do rosto do defunto ficou gravada em minha memória.

A semelhança era mesmo muito aparente. O cabelo castanho, os olhos azuis, o nariz proeminente. Não fosse pela metade deformada do rosto e colocando-se aquele bigodinho característico, era ele, exatamente o mesmo das fotos de jornais e revistas. Sem sombra de dúvidas era Adolf Hitler.

Eu e o Sr. Nestor jogamos o caixão dentro da cova e passamos a jogar a lama de modo a tapar o buraco.

O Sr. Nestor jogou a última pá de lama sobre o buraco e então disse:

– Ele devia ser um bandido do pior tipo, para vocês enterrarem ele fazendo tanto segredo.

Eu e Júlio nos olhamos e permanecemos em silêncio.

Eu olhava para a cova já tapada, com a chuva encharcando meu corpo, tentando assimilar tudo que havia acontecido desde que havia chegado a União da Vitória, principalmente as revelações feitas na segunda-feira.

Demoraria muito tempo para eu perceber que os livros de história, da maneira como os conhecíamos, não estavam corretos. Por várias vezes imaginei que outras coisas haveria nos livros que não seriam verdade.

Seria correto que apenas aquelas dezesseis pessoas e mais algumas tantas do alto escalão militar soubessem daqueles fatos? E somente essas pessoas e mais uma porção de nazistas soubessem que Hitler esteve vivo até 1948?

Essa questão me atormentou durante muito tempo. Todas as noites ter pesadelos com o rosto do defunto dentro do caixão naquela madrugada chuvosa em que o enterramos no cemitério de Porto Vitória me fez contar aqui, da minha maneira, essa história. Como eu disse no começo, não pretendo quebrar nenhuma promessa. Entregarei esses papéis a uma pessoa de minha confiança, que não lerá se eu pedir para não ler. Espero que um dia, após minha morte, uma terceira pessoa tenha acesso a esses papéis e

torne a verdadeira história de conhecimento de todos.

Se você leu até aqui, além daquelas dezesseis pessoas que estavam na delegacia naquela segunda-feira e mais outros tantos do alto escalão do governo, você também foi um dos privilegiados de conhecer toda a verdade.

Fim

## – Epílogo –

Reportarei aqui alguns fatos de interesse que ocorreram depois dos fatos narrados pelo Sr. Márcio Alencar.

Por volta de 1955, segundo testemunho de minha mãe adotiva, Alice Ulrich Reis, o Sr. Márcio Alencar, que prestava serviços como médico veterinário na fazenda de meu pai, Nestor Brando dos Reis, apareceu na fazenda muito assustado. Pediu para falar reservadamente com meu pai e anunciou que estava indo embora para Curitiba. Ninguém entendeu ao certo o porquê de ele ir embora de uma hora para outra sem motivo aparente.

Aconteceu que o Sr. Márcio Alencar sofreu um acidente automobilístico a caminho de Curitiba, onde morreram ele e a sua mulher, Sra. Marlene Alencar.

Minha mãe perguntou várias vezes ao meu pai o que eles haviam conversado, mas meu pai nunca contou. Eu não preciso ser nenhum Sherlock Holmes, ou Júlio Braun, como queiram, para deduzir que foi nesse dia que o Sr. Márcio Alencar entregou o livro que havia escrito ao meu pai.

O Detetive Júlio Braun foi morto durante um suposto assalto em um beco de Curitiba, em maio de 1966. Testemunhas afirmaram que ele bebia em um bar pouco antes de ser morto, e bêbado, pronunciou, para quem quisesse ouvir, que ele havia estado cara a cara com Adolf Hitler e tinha testemunhado ele se suicidando com um tiro na cabeça.

O Sr. Guido Fritz Schumann desapareceu sem deixar vestígios. Quando ele sumiu, era casado com minha tia, a Sra. Anita Ulrich Schumann. Há rumores de que ele formou outra família no norte do país e morreu alguns anos atrás. Nunca ninguém soube o verdadeiro motivo do seu desaparecimento, acreditando-se que ele foi atrás de uma provável segunda família.

Não há registros de Carlos Maginski, Emílio Fontoura e muito menos Sérgio da Silva no exército. Uma testemunha garantiu que o então Capitão Carlos Maginski e o Capitão Emílio Fontoura morreram de maneira bastante estranha durante uma operação de treinamento. Alguns soldados diziam que eles estavam ficando meio malucos pouco antes de morrerem, que eram pegos conversando sobre o suposto dia em que eles viram Hitler.

Quanto ao túnel, com certeza alguém deixou escapar algo, pois existe uma espécie de lenda em Porto União e União da Vitória a respeito dele. Essa suposta lenda já rendeu várias expedições de alunos à procura desse túnel. Mas todos concordam que fica muito bem escondido, pois nunca foi encontrado e a sua existência foi sempre negada, tanto pelos freis do Colégio São José quanto pelas freiras do Colégio Santos Anjos.

Não há nenhuma linha sequer em nenhum jornal da época sobre o ocorrido.

As demais pessoas que estavam na delegacia naquela segunda-feira seguiram com suas vidas de modo aparentemente normal. Quer dizer, de modo normal para os outros, por que para eles mesmos, eu duvido que tenha sido normal.

Agradecimentos ao pessoal do jornal O Comércio, que me deram livre acesso aos seus arquivos e foram muito prestativos, à Biblioteca Pública Municipal de União da Vitória, à Biblioteca do Colégio São José, ao Centro Cultural de Porto União e ao 5.º Batalhão de Engenharia e Combate.

Ao apoio logístico de minha irmã Isabel, que me emprestou a máquina de escrever, de onde saiu cerca de 70% desse livro. À minha namorada Carla, que enfrentou chuva para descobrir o nome do comandante do 5º Batalhão em 1948 (tanto trabalho para eu só ter usado o sobrenome...)

À minha irmã Alice, que leu tudo antes de todo mundo e a todos aqueles que me forneceram informações, tornando possível fluírem as idéias, especialmente à minha mãe, Alice Ulrich Reis, fonte fundamental de minha pesquisa.

É importante ressaltar que Márcio Alencar, Júlio Braun, Guilherme Helmuth, Frantz Helmuth, Sérgio da Silva, Marck Williams, Emílio Fontoura, Carlos Maginski, Maria Eugênia Maginski e Marlene Alencar são nomes fictícios, não tendo a intenção de representar ninguém vivo. Qualquer semelhança é mera coincidência.

# Table of Contents

## ÍNDICE

- Prólogo –
- Capítulo 1 –
- Quarta - Feira de Manhã –
- Uma Longa Viagem –
- Capítulo 2 –
- Quinta - Feira à Noite –
- Camas Macias e Boa Comida –
- Capítulo 3 –
- Sexta - Feira de Manhã –
- Conhecendo as Cidades –
- Capítulo 4 –
- Sexta - Feira, Próximo ao Meio Dia –
- Um Certo Capitão –
- Capítulo 5 –
- Sexta - Feira à Tarde –
- Tarde Movimentada –
- Capítulo 6 –
- Sexta - Feira, Fim da Tarde –
- Missa e Jantar –
- Capítulo 7 –
- Sexta - Feira à Noite –
- Uma Notícia Atordoante –
- Capítulo 8 –
- Sábado de Manhã –
- Um Corpo No Refeitório –
- Capítulo 9 –
- Sábado, Meio da Manhã –
- Tentativa de Abafar o Caso –
- Capítulo 10 –
- Sábado, Meio Dia –
- Um Suspeito Com Uma Pistola 45 –
- Capítulo 11 –
- Sábado à Tarde –
- Declarações do Cabo Emílio Fontoura –
- Capítulo 12 –
- Prosseguem os Interrogatórios –
- Capítulo 13 –
- Últimos Depoimentos na Delegacia –
- Capítulo 14 –
- De Volta à Cena do Crime –
- Capítulo 15 –
- Sábado à Noite –

- [– Um Ladrão no Colégio Santos Anjos –](#)
- [– Capítulo 16 –](#)
- [– Domingo de Manhã –](#)
- [– Uma Estranha Carta –](#)
- [– Capítulo 17 –](#)
- [– Domingo à Tarde –](#)
- [– O Verdadeiro Conteúdo da Carta –](#)